

HOSPITAL DAS LETRAS

*HOSPITAL DAS
LETRAS*

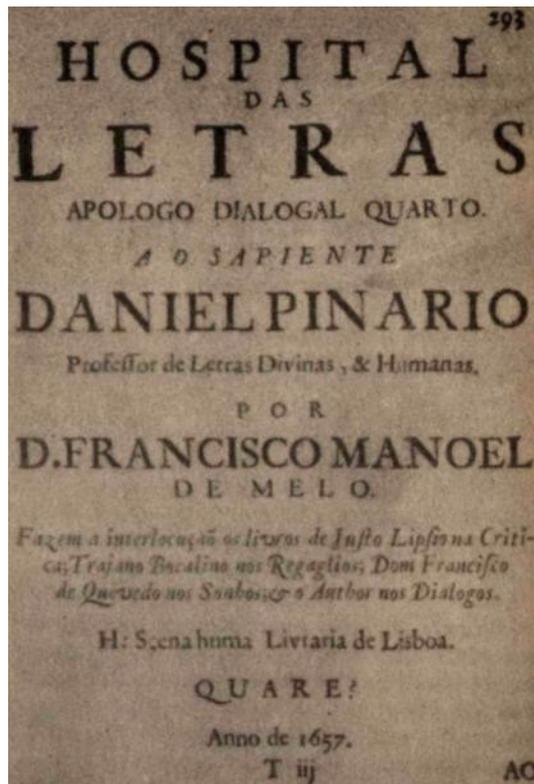
APÓLOGO DIALOGAL QUARTO

por

D. Francisco Manuel de Melo

Quare?

(Ano de 1657)



AO SAPIENTE VARÃO DANIEL PINÁRIO

Professor de ciências divinas e humanas

A mesma fortuna que me trouxe de remotos climas, ó varão sapiente, a estes, de um mundo, não só diverso mas novo, foi aquela que me fez encontrar-vos, por que me pagasse, com tão grande achado, as moléstias de tão grande caminho. Ora achando-vos eu para vos não conhecer, minha própria seria então, como a perda, a injúria, justifi-cando-se nessa ignorância minha, arzoada dis-graça, de que me queixo.

Todavia, quem não dirá que ou desminto ou encontro o que digo com o que faço? Estou confessando-vos obrigações, e, em vez de satisfazê-las, me obrigo de novo, pedindo-vos que leais, censureis e que tal vez defendais os meus desconcertos. Que vem isto a ser, senão trapacear esta partida, voltando-vo-la de dívida em galardão? Que é um arteficioso agradecimento.

Porém, correspondendo à boa sorte que tive em vos alcançar por ouvinte, e, se o posso dizer sem soberba, afeiçoado às minhas ignorâncias, justo será que vos não reserve a prática destas, quiçá menos

molestas, pois, como encaminhadas a fins mais altos, é força que levem mais destral guia, para que possam conseguir os fins de seu caminho.

Lá vão após de vós peregrinando, e cedo espero vaguem pelo universo, Se com licença e passaporte de vossa aprovação, já lhe anuncio grandes prosperidade na viagem; porque quem como vós poderá socorrer uma censura comua das letras? E quem senão aquele, a quem as suas tem posto em salvo, isentas da corrupção, que aqui, ou se acusa, ou se melhora?

Por isto, vemos que com mais cargos que anos, se vos podia contar a idade de suficiência pelo número das autoridades, melhor que a natural pelo dos dias. Fostes primeiro ancião no espirito que nos anos; e, amadurecendo a um tempo com as flores os frutos, não podemos saber quando fostes mais ou menos aproveitado, achando-vos sempre útil. A essa causa se viram nesta cópia tantas flores de divina e humana erudição, fecundizadas de tantos frutos de obras piedosíssimas, das quais participando vosso virtuoso colégio, destes a entender ao vicio como todo o bom exemplo dos superiores é pomo da vida, oposto àquele pomo da morte, de que todos falecemos sem doutrina.

Vós sabeis que pudera eu aqui dizer muito mais, e eu sei que quiséreis vós ouvir muito menos. Mas que importa, se a virtude é um activo fogo, que, quanto mais incoberto, se declara mais esplendidamente ?

Mereça-vos minha afeição que passeis um pouco pelas enfermarias deste Hospital das Letras, sem que vos embarace a julgar estas, não só pelo receio do contágio, porque contaminam os sábios, senão a curar os inocentes. Deus vos guarde, etc. Em um feito, 10 de Setembro de 1657.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

APÓLOGO DIALOGAL QUARTO

*Em que são interlocutores os livros de Justo Lipsio
Trajano Bocalino, D. Francisco de Quevedo e o
Autor desta obra.*

Autor. Aonde força há, direito se perde! *Bocalino.* E às vezes onde não há força; porque isto de quebrantar a razão é uma das cousas que se faz tão bem por manha como por força.

5 *Autor.* Saiu hoje por acórdão da Relação de Apoio que vós. Senhor Trajano Bocalino, o Senhor Justo Lipsio, o Senhor D. Francisco de Quevedo e eu déssemos uma vista a este hospital, onde também jazemos como os mais pecadores; víssemos,

10 ouvíssemos e remediássemos seus enfermos. Já não há para quem apelar, senão fazê-lo.

Justo Lipsio. Uma vez escrevi a minha *Critica*, emendando e melhorando, mais que acusando, aos autores; e por uma vez que fiz tal livro, cento me

15 arrependi. Oxalá o não tivera feito, porque não há cousa mais sem propósito que curar de propósito a quem não quer saúde!

Quevedo. Não direi eu outro tanto pelos meus *Sonhos*, dos quais estou tão satisfeito, que, pois toda a vida é sonho, me pesa agora muito de não haver sonhado toda a minha vida. 5 *Autor.* Ainda não posso prezar-me nem entristecer-me de haver escrito os meus *Diálogos* ou *Apólogos*, porque todavia ignoro a fortuna que os espera.

Lípsio. Finalmente, senhor, nos quereis dizer que, 10 por sermos os presentes todos quatro escritores de repreensões e emenda de vícios e costumes da República — eu com a minha *Crítica*, Bocalino com os seus *Regaglios*, Quevedo com os seus *Sonhos*, e vós com os *Diálogos* —, nos manda a Relação

15 de Apoio, como rei da sabedoria, visitemos esta biblioteca convertida em hospital, ouçamos os doentes, nos informemos dos males e lhes consultemos o remédio? Dificil comissão nos é dada! *Autor.* Sim, senhor Justo Lípsio; mesmissima-

20 mente é o que dizeis.

Bocalino. Pois não fora bom ajuntar todos ou pelo menos os mais dos filósofos gregos e latinos e admitir os médicos, quer fossem mouros quer pa-gãos, e com esta junta dar cura e mezinha a tantos

25 languentos, como ouço gemer por essas estantes?

Quevedo. Médicos e Quevedo não se podem ajuntar em um próprio caso, e menos em uma casa própria. Ou eu ou eles havemos de assistir neste congresso.

30 *Lípsio.* Aos príncipes toca a consideração e medida das pessoas que elegem, e aos eleitos só servir e obedecer. Façamos como bons servos; e, pois o hospital é do destrito deste Reino, seja o nosso Autor quem nos inculque e nos informe acerca dos

35 que devem ser curados e dos que não tem cura.

Bocalino. Se nós houvéssemos de observar aquela sentença do rei egípcio, ou as regras da prudente caridade, por nós mesmos havia começar a barrela.

Porém, já que o Senhor Lípsio, sendo nosso mestre assim o ordena sua palavra vá adiante.

Autor. Perigoso ofício me dais; porém, a troco de ser mais depressa advertido de minhas faltas, 5 mostrarei as alheas.

Bocalino. Assim dizia um galante bastardo: — *Nunca sei quem foi minha mãe, senão quando El-rei me faz alguma mercê.*

Quevedo. Por essa conta, o Autor e nós outros, 10 se não saímos honrados da festa, sairemos pelo menos advertidos.

Lípsio. Com elegância política disse o Fénix de África, Santo Agostinho, que mais dano recebera Roma da vitória que alcançou de Cartago, que de 15 toda a guerra que lhe havia feito, porque, tirando-o Roma de defronte dos olhos, vivendo sem inimigos, vivera sem concerto; donde não só procederam os descuidos, mas os vícios do império. Tão saudável cousa é a repreensão e emenda, ministrada como e 20 quando convém!

Quevedo. Mas quem acertará com o tempo e com o modo, se são pontos indivisíveis?

Bocalino. Senhores, para que é agora deter nessas pouquidades? Em tendo idade, logo é tempo de 25 enfrear o potro; que, se for por sua vontade, jamais haverá animal que seja doméstico.

Autor. Escusai a disputa, porque as lástimas e queixas que ali está dando um doente acusam já vossa ponderação por impiedosa. Oh, coitado! 30 Como se mostra dolorido!

Quevedo. Vozes soam, de grande aflição; mas, se me não engana o eco, portuguesas parecem.

Bocalino. Pelo menos, não são italianas, nem francesas. 35 *Lípsio.* Nem flamengas, nem latinas. E, de caminho, vos descobro este segredo, como versado nele: sabeí que todos os idiomas do mundo tem seu tom particular, sobre que armam sua língua-

gem. Como latinos, espanhóis e ingleses fazem sobre a letra O N, franceses sobre E A, como já foram os gregos, e são mais freqüentes que todos, os etíopes na letra E, os bárbaros das Índias 5 ocidentais se afeiçoaram tanto à letra V, que em quase todas as dicções nela acabam suas cláusulas, donde, se notardes, procedem dous galantes secretos: o primeiro, que sem compreensão de palavras se pode averiguar qual seja a língua em que se 10 proferem; o segundo, que pela frequência das letras se descifra qualquer segredo escrito nelas.

Bocalino. Não lhe faltava mais agora a este flâ-mengo presumido, senão ensinar-nos o A. B. C.!

Autor. A menos custa de prosa, eu sei já, senho-15 res, quem é o doente.

Lípsio. Quem?

Autor. É o pobre de Luis de Camões, que está ali lançado a um canto, sem que todos os seus cantos tão nobremente cantados lhe negociassem 20 melhor jazigo!

Bocalino. De que se queixa o famoso poeta português?

Quevedo. De nós todos se poderá queixar, porque, sendo honra e glória de Espanha, tão mal 25 tornamos por ele, que, se são poucos os que o lem, são menos os que o entendem.

Bocalino. Cuidei que se queixava de quatro traduções e dous comentadores, que o tem posto na espinha.

30 *Lípsio.* Quais são?

Autor. O primeiro é o bispo Frei Tomé de Faria, que o traduziu em latim, vindo de Targa, seu bispado, porque, pela forma da tradução, mais parece romance púnico, que romano. Mas, se um Faria

35 o não levantou como devia, outro veio que sobre-

modo o engrandeceu, como foi Manuel Severim de Faria, na *Vida* que escreveu deste poeta.

Lípsio. Quem foi o segundo?

Autor. O segundo foi Macedo, que a verso por 5 verso o quis trocar em miúdos, e no fim o deixou trocado, mas não traduzido. Os mais, é um caste-lhão e um franchinote, que, pois lhe fizeram perder o nome que tal poeta merece, não é razão que os seus sejam sabidos. 10 *Quevedo*. Não nomeeis vós, logo, essas imun-dicias, que, ainda que também caí na tentação de tradutor, e nos meus Anacreonte, Epicteto, Focílides e Rómulo, muito dera a esta hora pelos não haver traduzido ao lume da fé da nossa lin-15 guagem.

Bocalino. Não te arranhes, amigo, nem te car-pas, que erros há que ficam por castigo a quem os comete. Sempre tive para mim que a maior pena das cousas mal feitas era o havê-las feito. 20 *Lípsio*. E os Comentos?

Autor. São dous e nenhum santo: de Manuel Côrrea o primeiro, e de Manuel de Faria o segundo.

Lípsio. E que tais?

Autor. Um, breve, repreensível, e outro dizem 25 que repreensível e longo; mas eu sou tão amigo de quem os fez, que ainda me parece breve, não o sendo, o trabalho do seu autor, que por mais de vinte anos estudou este livro.

Lípsio. Negócios grandes antes se ofendem que

1. *Manuel Severim de Faria* (1583-1655). Biógrafo de Camões.

4. *Macedo*: Frei Francisco de Santo Agostinho, tradutor de *Os Lusíadas* em versos latinos.

21. *Manuel Côrrea*. O primeiro comentador de *Os Lusíadas*.

22. *Manuel de Faria*. Manuel de Faria e Sousa, comentador de Luis de Camões e autor de *Lusíadas de Luis de Camões, príncipe de los Poetas de España*.

lisonjeam da brevidade. Esses livros, que tratam imensas matérias, tem por qualidade principal serem difusos, porque se acham neles esplanadas as dúvidas, discutidos os pontos com erudição co-5 piaosa, que não pode haver nos opúsculos limitados. É cada livro dessa sorte uma livraria, como vemos em Teodósio Zuínglio, que com um só livro fez teatro universal a toda a sapiência.

Quevedo. Direi o que vi do comento do Faria,
10 que, sobre ser eruditíssimo, afectou excessivamente a prova de algumas opiniões improváveis, que o fizeram resvelar a perigoso, como de muitos varões doutos e pios foi julgado.

Autor. Há mais certos comentos manuescritos:
15 um de João Pinto Ribeiro, outro de Aires Córrea, que depois reduziu a melhor forma Frei Francisco do Monte.

Lípsio. Como se julgava deles? *Autor.* Como de seus autores.

20 *Lípsio.* Bem definistes, porque os autores não somente se parecem com os médicos na fé que se tem com eles, mas também com as próprias mezi-nhas: está ardendo em ânsias um febricitante, e lhe lançam sanguexugas! Que cousa menos pare-

25 cida com mezinha, que um bicho feio e guloso do sangue humano! Vem a opinião, e nos faz recebê-las, pedi-las e estimá-las por diligência saudável. São desta sorte os autores, que, em virtude da sua reputação, lemos um capítulo, um discurso, às vezes

30 alheo ou derramado do assunto, e todavia, por ser cujo é, nos vamos após ele, crendo que no cabo nos há-de pôr em bom lugar, deixando-nos alumia-

7. *Teodósio Zuínglio.* Teodoso Zwinger, teólogo suíço (1597-1654).

15. *João Pinto Ribeiro:* Um dos restauradores de 1640.

dos e advertidos do que não sabíamos antes de o ter lido.

Quevedo. Por isso eu e certo meu amigo éramos de opinião que entre escritos e escritos não havia 5 outro diferença senão que, antes de vistos os do sábio, se podia jurar e dizer que naquele papel não haveria cousa má e haveria muitas cousas boas, e nos do ignorante, ao revés, que não haveria cousa boa nele e haveria muitas cousas más, com 10 que sempre acertávamos.

Bocalino. Igual regra tinha o outro, para não errar nunca nos juízos da aparência.

Lípsio. Que tal era?

Bocalino. Julgar por parvos todos os que o pa-15 reciam e ametade dos que o não pareciam.

Lípsio. Por essa se governava um cortesão, dizendo [que] quem não quisesse errar presumisse o pior sempre.

Bocalino. Ainda que pareça mal, me arrimo com 20 demasia à perigosa maldade. Bem vejo que foi providência haver no mundo talentos desiguais, como vemos que criou Deus estrelas nublosas entre as claríssimas! Se todas luziram com igualdade, não houvera fermosura; se todas se mortificaram, igual-25 mente escurecidas, não houvera beleza!

Autor. Amigos, vamos com o nosso poeta por diante, que ainda são mais os que entenderam com ele.

Bocalino. Todos portugueses?

30 *Autor.* Todos; porque, se o melhor remendo é do pano próprio, a pior bainha é do mesmo pau. O abade João Soares e o sancristão Manuel Pires levantaram sobre o triste Camões novo aqui-del-

32. *João Soares:* Padre João Soares de Brito, autor de uma apologia de Luis de Camões.

Manuel Pires: Padre Manuel Pires de Almada, comen-tador de *Os Lusíadas*.

-rei, com uma apologia e uma defesa, que Deus lhe perdoe. Fora outras demandas e repostas, ou libelos e contrariedades que sobre o seu comento se puseram D. Agostinho Manuel e o mesmo co-5 mentador Manuel de Faria e Sousa.

Lípsio. Há ainda mais camoístas?

Autor. Houve um Rolim e um de Galhegos.

Lípsio. Ambos sábios, segundo tenho ouvido.

Bocalino. Ambos; e, conforme deles se diz, am-10 bos daqueles que sempre sabem o que não importa, como há muita gente neste tempo.

Quevedo. Pois de que se queixa destes dous o vosso Poeta?

Autor. De que lhe querem pôr a honra em ba-15 lança.

Quevedo. Ora vá-se embora Galhegos, que galegos na vossa terra são melhores para alcaides que para escrivães.

Lípsio. Se lhe dói todavia alguma cousa de novo 20 ao senhor Luís de Camões? Porque, sob pena de nossas vidas, havemos de procurar sua saúde.

Autor. Sim, senhor: tem uma fermosa dor de ilharga.

Lípsio. Qual? 25 *Autor.* Que com pouca consciência se atrevam alguns livreiros malvados a encadernar suas obras juntas com a *Sílvia de Lisardo*.

Bocalino. Com a *Sílvia de Lisardo*?! Não. Isso requer castigo e emenda! 30 *Lípsio.* Que sílvia, ou silva, ou selva é essa, que não está no meu mapa, nem nas tábuas de Cláudio Ptolemeu?

7. *Rolim:* D. Francisco Rolim de Moura, camonianista.

Galhegos: Manuel de Galhegos, outro camonianista. 27.

Sílvia de Lisardo: Colecção de poesias feita em edição de bolso, editada no mesmo ano em que se editou *Os Lusíadas*.

Bocalino. São certas obrazinhas de um poeta nosso, coisa no- mundo muito escusada.

Autor. Contudo, se afirma que era homem douto e religioso. 5 *Bocalino.* Jurara-o eu, porque nunca vi frade bom poeta.

Autor. Rigoroso estais! Parece que não vistes os versos de Vicentino Carvalhal, frei Agostinho de Jesus, e os modernos de D. Félix de Arriaga, que 10 era frei Hortênsio, o mais insigne orador de Espanha; e os de Tirso de Molina, aliás frei Gabriel Teles.

Lípsio. Contudo, não disse mal Bocalino, por mais que sempre diga mal. A razão é clara, por-15 que dos dous pólos em que funda a poesia, que são amor e ociosidade, nenhum deles se pode achar verdadeiramente em os varões religiosos, em quem a mortificação se opõe ao affecto, e a disciplina ao ócio. Logo, como a poesia seja um estudo de mui-20 tos estudos, o qual de todo arrebate a mente de seus professores, jamais se compadece perfeitamente naqueles que, exercitando ciências mais altas, se reservam talvez a esse accidental divertimento; donde nasce que, faltando o exercício da-25 que-25 aquelas subtis ideas, a variedade daquelas sérias palavras, a frequência daqueles agudos conceitos, ornados de razões pomposas, que tudo vem a ser as plumas mais louças de que a poesia se reveste, não pode ela* nunca campear nos escritos casuais 30 com igual galhardia à que seu culto requer, que só se acha, quando se acha, em os famosos espíritos, que, abstraídos de outra ocupação, de todo se entregam à doce prática das Musas.

Autor. Estou satisfeito nesta parte, sendo dúvida

11. *Tirso de Molina* — é pseudônimo de Frei Gabriel Teles, notável autor dramático espanhol do século XVII.

que muitas vezes adverti e solução que poucas vezes achei; porque também me achei poucas vezes mão por mão com o Senhor Justo Lípsio.

Lípsio. Mais lhe dissera a vossa mercê meu amigo 5 Júlio César Escalígero, se com ele tratássemos estes casos de consciência; mas para um filósofo isto basta, suposto que a poesia também é parte da filosofia, e não menos ilustre; donde o nosso Aristóteles se empregou tanto na poética como nas polí-10 ticas e nas éticas, e nas mais ciências do céu e da Terra.

Quevedo. Não devia de saber isso um rapaz estudante do meu lugar, que, brigando com outro de quem não levava a melhor, entre as injúrias 15 com que por vingança o desonrava, meteu o nome de poeta entre o de patife e filho da puta.

Bocalino. Atrevo-me a conciliar esses textos em duas palavras: ser bom poeta é glória; ser ruim poeta é infâmia. 20 *Autor.* Conforme ao que dizeis do mestre Estagi-rita, não se lhe deve fazer a face vermelha a um príncipe, a um ministro e a um ancião, de se empregar na lição poética?

Lípsio. O Menante tem seus embargos contra os 25 que, passando de cinqüenta anos, folgam com os consoantes.

Bocalino. Assim o vi resolver nas Cortes do Parnaso, donde fiz este aviso.

Quevedo. Todavia lembro-me que, falando em 30 uma audiência pública ao discreto Marquês de Alenquer, depois de Vice-rei e conselheiro de Estado, me perguntou por certos versos que eu por aqueles dias havia feito.

Disse-lhe: *Aqui os trago,*

5. *Júlio César Escalígero:* filósofo e médico italiano do sec. xv-xvi, autor de uma *Poética*.

20. *Mestre Estagirita:* nome que se dá a Aristóteles por ser natural de Estagira.

mas dirá esta gente que falamos em versos —, ao que me respondeu: — *Vengan, senhor, que mayor injuria les haremos nós otros diciendo que ellos no hablan en versos.* 5 *Autor.* Bem está; mas, se tanto nos detivermos com as primeiras queixas, mal poderemos remediar as últimas.

Bocalino. Em suma, qual é a enfermidade de Luís de Camões, da fome em fora?

10 *Autor.* É...

Bocalino. Ora não passeis adiante, porque não é justo. Valha-me Deus! Porque não sofre, pois é honrado? Tão pouco lhe parece ser o melhor poeta de Espanha? Entre os heróicos o mais venerado,

15 o mais aplaudido? Aquele que despojou da sua primazia a língua castelhana, que se pôs barba a barba com o nosso insigne Tasso? Ombro por ombro com o mantuano Virgílio? Rés por rés com o grego Homero? Faltam-lhe porventura, se lhe fal-

20 tou dinheiro por desgraça, glosas, comentos, exposições, e ser citado e demandado pelos melhores autores do nosso tempo? Se quatro parvos pedintes lhe quiseram pôr o pé diante, que importa, se deu com eles de avesso ao primeiro cambapé? Ignora-

25 mos sua vida, desprezamos sua memória? Não são estimadas suas obras, até as de maior descuido? Pois que lhe dói, de que se queixa, quem lhe fez mal? Ora contente-se, que, se na vida foi dos mais mofinos, foi na morte dos mais Venturosos; quanto

30 mais, que todos sabemos quanto importante tem sido a providência deste a que nós chamamos cegamente desconcerto da fortuna. Porque, se o prêmio da virtude logo se dera de contado na vida, quem fora tão paciente que esperara para depois o prêmio da imortalidade?

17. *Tasso:* Torquato Tasso, notável poeta italiano, autor do poema *Jerusalém Libertada*.

Lípsio. Vamos avante. E essoutro que está junto ao Camões, que por acenos parece que se queixa igualmente, quem diremos que é?

Quevedo. Oh! Muito é que, sendo do nosso 5 ofício, o desconheçais!

Bocalino. Ou já por isso o desconheço, que não de balde diz o rifão: — *Quem é teu inimigo? Oficial do teu ofício.*

Autor. Aquele é o nosso Francisco de Sá de Mi-10 randa, que em sua vida e escritos encerrou toda a moral filosofia.

Bocalino. É este por quem disse Diogo de Sousa no seu *Parnaso*: «poeta até o embigo, os baixos prosa». *J5 Autor.* Essa foi uma travessura de um bargante, que, não embargante, maldito o mal que lhe tem feito.

Lípsio. Muito bem, muito bem! Este é o Sá de Miranda. Desejava encontrar-me com ele, porque 20 em algumas epístolas latinas que me escreveu vosso natural, e meu grande amigo Francisco de Fontes é várias vezes citado o Sá de Miranda, que com várias sentenças socorre toda a doutrina áulica.

Bocalino. Pois, como sendo tão avantajado 25 poeta, o não tendes visto?

Quevedo. Eu responderei por todos. É tão vernáculo em seu estilo, tão cerrado português, que nenhum estrangeiro pode entendê-lo.

Lípsio. Assim passa, e foi costume de famosos 30 homens esconder altos conceitos e misteriosos, como os egípcios, em estilo tosco; o qual observaram os mesmos profetas, a quem o Espírito Santo aparou as penas, como se vê que, porque Isaías e Jere-

12. *Diogo de Sousa*: Diogo Camacho, poeta satírico do sec. XVII.

21. *Francisco de Fontes*: gramático e poeta do século xvii.

mias foram cortesãos, escreveram com penas delgadas e em figuras políticas, e ao contrário Amos e Joel, como homens do campo, tomaram dele os tropos e as razões de sua profecia. 5 *Bocalino*. Novidade me foi contudo o nome deste autor Fontes, que alega o Senhor Lípsio, por ser pessoa que nunca vi nem encontrei.

Autor. Foi filho de Lisboa, quase dos nossos tempos, destro nas armas e cortesantias, com pro-10 funda notícia de humanidades.

Lípsio. Direi o que já disse dele: que na língua latina foi só o homem a quem na Europa tive inveja.

Autor. Bem vos merece esses elogios, pelos que 15 vos fez na *Apologia* que estampou, defendendo alguns lugares de vossas obras, em que à treição vos esperavam os críticos de alcateia.

Bocalino. Quem mais lhe faz companhia neste tomo a Camões e Francisco de Sá, e essoutra mere-20 triz da Sílvia de Lisardo?

Autor. Parece-me que é um castelhano.

Quevedo. Acabai de dizé-lo, em que vos pês. Não é menos que o grande Garcilaso, rei dos líricos. 25

Bocalino. Sim, ele é, porque se mete de gorra com os grandes poetas.

Quevedo. Mas se cuidareis vós que lhe vem larga a igualdade?

Bocalino. Arrenego delas, que, por escusá-las, me 30 não casei. Não há matéria no mundo mais perigosa que medir sangues e pesar talentos.

Quevedo. Não lhe fareis justiça a Garcilaso,

15. Francisco de Fontes, escreveu uma apologia de Justo Lípsio e Érico Puteano.

23. *Garcilaso*: Garcilaso de la Vega (1503-1536); poeta castelhano.

quando ao menos o não denunciáreis por príncipe dos poetas castelhanos!

Bocalino. Eu direi neste caso o que já disse noutro o nomeado Beltram Descalqui ao vosso D. Pe-5 dro, o Cruel, na sua civil luta: — *Não tiro reis, nem ponho reis; com quem venho venho*. Porém olhai, senhor compadre Quevedo, que confesso que esse toledano Garcilaso foi suave e que para os escuros tempos em que madrugou acendeu uma

10 nova luz de que recebesse claridade o vosso idioma; mas, se vai a falar verdade, não a tenho por marca de tantos *aqui-d'el-reis*, como sobre e lalevantaram Francisco Sanches Brocense em suas *Notas*, e Fernando de Herrera em seus *Comentos*.

15 *Quevedo*. Levais jeito de duvidar a esse mesmo Herrera, o cognomento de *Divino*, pelo qual é chamado da antigüidade!

Bocalino. Essa demanda lhe ponha Platão, que para mim me basta conhecer que o divino Herrera

20 foi um clérigo muito humano, ou muito desumano poeta, em quem se não acha verso algum donde se não descalavre uma nau da índia de Portugal, ou uma mãona de Florença, se chocarem com eles.

Quevedo. Vejo-vos, logo, o semblante de vos en-
25 fadares de Boscán !

Bocalino. Vedes bem. **Por** onde achei muita graça ao vosso Gôngora, quando disse que mais quisera ver um touro solto no campo, que ver desde palanque um verso solto deste poeta. E mais

13. *Francisco Sanches Brocense*: catedrático de Retórica em Salamanca, que publicou em 1574 a primeira edição, comentada, de Garcilaso. — *Fernando de Herrera* — publicou em 1580 as *Obras de Garcilaso de la Vega* «con anotaciones».

23. *Mãona*: embarcação antiga. 24-25. *Enfadares*: enfadardes. — *Boscán*: poeta castelhano, amigo de Garcilaso.

vos digo que até com o próprio João de Mena, mas que o socorra o seu prepotente D. João, o Segundo, estou de Candeas às avessas, se nos não ouve aqui Fernan Nunes de Leon, o comendador

5 grego seu comentante, pois como Píndaro espanhol, como vós chamais a Francisco de Figueiroa, vos digo eu sempre o tive por poeta do Limbo, que no mesmo grau está com a inocência o Bachiler de la Torre.

10 *Autor*. Conformo-me com a desgraça em que a guerra vai, entre Espanha e Itália. Deus desavenha quem nos mantenha.

Lípsio. Ora paz, cavalheiros! *No se maten tales dos*.

15 *Bocalino*. É vilhacão, mas eu sei que o não dizia por tanto. E vós, Senhor D. Francisco, também sabeis que, se conferirmos os estilos dos poetas antigos e modernos, estes farão muita vantagem àqueles, porque a argenteria e lentijuela que hoje se

20 gasta é sem dúvida mais brilhante e agradável que a melancólica frase dos antigos. Se hoje ressuscitassem ao mundo aqueles famosos Símacos, Orfeus e Clenandros, e atemassem em trajar o entendimento pelas medidas do tempo entanguido, a gente

25 fugeria deles. Não digo, por isto, que deixemos de venerar e reconhecer mil brasas ardentes, dissimuladas por entre aquelas cinzas frias, como vemos

1. *João de Mena* (1411-1456): outro poeta castelhano.
4. *Fernan Nunes de Leon* — Fernando Nunes de Gusmán, notável helenista.
6. *Francisco de Figueiroa*: poeta espanhol, denominado o *Divino* (see. xvi-xvii).
8. *Bachiler de la Torre*: Francisco de la Torre, escritor espanhol (sec. xvi).
22. *Símaco*: Quinto Aurélio Símaco (345-405), orador romano cujos escritos se caracterizam pela afectação. — *Orfeu*: filho da musa Calíope. — *Clenandro* — é nome que não conseguimos identificar.

em o ouro, que, nascendo de um parto com a Terra, não apodrece em suas entranhas, antes por benefício da idade se sublima em valor e pureza. Nego, contudo, o que afirmam outros, que só em aqueles 5 primeiros séculos fosse liberal a natureza em produzir altos juízos; porque o mundo, se bem é verdade que se há-de acabar, não se há-de desfazer primeiro que se acabe. Com todas suas forças e faculdades se há-de ir à sepultura, e até o fim per-

- 10 manecerá na própria ordem em que começou, con-
vindo assim ao maior espanto dos vivos e mais
admirável crédito da Omnipotência; porque tem
proporção que, assim como Deus de nada fez tudo, de
tudo faça nada; e, como o mundo nunca ascen-
15 deu por graus sucessivos à sua perfeição, não desça
por outros tais à sua aniquilação. Porque, se o mundo
fosse por graus sucessivos caducando em suas
operações, fácil conseqüência e pequena maravilha
viera a ser depois o fim dele. Além de que
20 não faltara ignorância que presumisse fora também
autor de si mesmo; mas obrar hoje o mundo como o
primeiro dia de sua criação e acabar-se amanhã é
mistério que inculca todos os espantos e encareci-
mentos. Honrai, Senhor, a antigüidade, para que
25 da posteridade sejais honrado; mas não honremos uma
por desonrar outra.

Quevedo. Morto é este brichote por nos vender caro
o que já temos comprado a menos preço. Assim é nos
livros, assim é na conversação; mas

- 30 enfim, ele é velho; soframos-lhe que advogue por sua
causa, quanto mais que os antigos também foram
modernos e nós também havemos de ser alguma hora
antigos.

Autor. Vamos, amigos, adiante, que a obra é grande
e o tempo pouco.

Lípsio. Foi justa e antiga queixa de Hipócrates, quando exclamou: — *Oh, arte, como és longa! Oh, vida, como és breve!*

Quevedo. Pois que queria esse físico ? Viver ainda 5 mais, para que nós vivêssemos ainda menos?

Bocalino. Cruel fostes sempre com os médicos!

Quevedo. Como vós insofrível com os vene-zianos; mas os médicos todavia são mais cruéis para mim e para o mundo todo. *10 Lípsio.* Seu tempo virá de averiguar esses excessos. Passemos por ora adiante àquele leito, onde não faltam lastimosas querelas. Lede, Autor, que eu estou já velho e não vejo sem óculos.

Bocalino. Essa é a maior queixa que tem da vossa *15* crítica os escritores, dizendo muitos que lhes emen-dastes lugares porque os não vistes, ou porque os não entendestes, que vos estará pior.

Lípsio. Confesso que ainda é maior aleijão trazer o juízo na vontade, que a vista na algibeira. Jul-*20* guei, sem embargo, como vi e entendi, mas digam-me a quem fiz agravo, por que os leitores, se se não conformam com a minha correcção, sigam embora o primeiro erro, e os autores, se erraram e folgam de desacertar, errados se fiquem para *25* sempre, que eu protesto sair-me do casal somente com o dote do grande estudo, que me custou sua emenda.

Quevedo. Não vos escandalizeis de um mundo que há tantos tempos que conheceis. Seu costume *30* é nem sentir injúria, nem agradecer benefício. Por isso, dizia um bacharel, meu compadre, que sabia o que dizia, que a cada audiência se lhe perdiam vinte chapéus por dez sentenças que dava; porque os que levavam a seu favor as sentenças, como já o não haviam mister, nunca mais lhe tiravam o

1. *Hipócrates:* o mais célebre médico da anti-güidade.

chapéu; os que saíam condenados, claro está que lho não tirariam mais.

Bocalino. Dias há, que com cem bens não obrigamos tanto como desobrigamos com um só mal. 5 *Lípsio*. Adiante, Senhores, que o grito daqueles pobres não consente os nossos descansos. *Bocalino*. Quem são agora estes tão doloridos? *Autor*. Dir-vo-lo-ei: D. Luís de Gôngora é o primeiro, que está atravessado de mil pontadas e 10 delas a que mais lhe toma o alento é a consideração de que, sendo ele pessoa principal, cujo pai, D. João de Argote, foi corregedor de Madrid, que val como entre nós Presidente da Câmara e sendo homem de engenho tão aplaudido e sublimado, não pôde 15 jamais passar de racioneiro de Córdova, que, trocado em miúdos, é como se disséssemos quartanário — ofício que só para amansar leões foi bom neste mundo.

Lípsio. Se, a fim de curar fortunas e méritos, 20 Apoio mandasse fazer esta Junta, não éramos nós outros os que a ela havíamos ser chamados: todos os signos do céu, todos os planetas se achariam ainda incapazes de tamanho negócio. Dizei ao Gôngora que não faremos pouco, se o aliviarmos das 25 dores do ofício; que das da sorte apele só para Deus. *Quevedo*. Se esse livro de Gôngora é o que intitularam Horácio Espanhol, adverti que lhe doerá a diminuição com que o imprimiram, faltando no melhor e nos melhores versos. Se é o que publicou

8. *D. Luis de Gôngora* (y Argote) (1561-1627): famoso poeta espanhol, cujo estilo exageradamente rebuscado (*gongorismo*), foi muito imitado, tanto em Espanha, como em Portugal. As suas principais obras são: *Soledades*, *Piramo y Tisbe*, *Polifemo*.

com nome de *Obras de Gôngora* D. Gonçalo de Hozes, mais depressa lhe doeria o ver-se adulterado e cheio de erros enormes, e com os ossos descon-juntados, cousa que tarde torna a seu lugar. 5 *Autor*. Seguem-se os Comentos; o primeiro de lições solenes, de D. Joseph Pelicer.

Quevedo. Também o Pelicer é solene I

Bocalino. A esse comentador não deve o Gôngora alguma honra, antes a ser mais casto lhe pudera 10 demandar a sua, porque com pouco empacho, que em latim se chama pouca vergonha, se põe Pelicer não poucas vezes a ilustrar os ilustres lugares do Gôngora, com outros de suas obras do mesmo Pelicer, sendo homem que nos seus tempos fugiam 15 dele as discrções, pouco menos que a gente fugia dos pós de Milão.

Autor. Seguem-se o *Polifemo*, *Soledades* e *Rimas*, de D. Garcia Coronel de Salzedo, e a *Tisbe* de Cristóvão de Salazar Mardones. 20 *Quevedo*. Por me ver livre de comentos, dei em falar como minha dona.

Bocalino. E por sinal, que tanto pelo claro em vossas bargantarias, que fostes com justiça censurado por obsceno dos varões sábios e compostos; 25 porque a galantaria tem seus termos e a travessura entre a gente principal é uma comarca tão estreita, que não passa a cada um da porta da câmara para fora.

Quevedo. Aceito a repreensão, por entretanto que

1. D. Gonzalo de Hozes (y Córdoba), que em 1634, juntou cento e cinquenta peças novas, as comédias de *Las Finezas de Isabela*, *La Venatoria* e fragmentos do *Doctor Carlino*, estas últimas obras dramáticas sem interesse real a publicação de Viçaria feita em 1627.

6. D. Joseph Pellicer (de Sallas y Tovar) (1602--1679) —comentou várias obras de Gôngora.

vos trago à memória as befas da Itália, desde o vosso querido Francisco Berniza até o *Marineide* e *Morteleide* do Marino e Murtola, podendo não menos lembrar-vos no seu *Adónis* o cantor de Bacey, 5 o *Lesbio* do Tasso, que deu a entender a tanta gente, e todas as liberdades desonestas que pela vossa terra se admitem à estampa, que em Espanha são condenadas a perpétuo silêncio; porém ficará meu direito reservado para outro tempo.

10 *Bocalino*. É sem dúvida que o vosso Gôngora foi tentado de se meter com Estácio Papínio, seu matalote, que ganhou mais nome pelas sombras que pelas luzes.

Quevedo. Pois parece-vos que esse Papínio foi

15 mais sábio ou mais elegante no seu idioma, que Gôngora em o nosso?

Bocalino. Valha-me Deus! Tão obrigado lhe estais?

Deve de ser, logo, mentira, que não escreveu ele por vós aquele soneto, que começa: *Cierto poeta*

20 *en forma peregrina* — e vós por ele o soneto: *Yo me untaré mis versos con tocino*.

Quevedo. Se foi verdade, me não lembra; mas também creio que foi mentira que levantaram os intérpretes a Bartolomeu Leonardo de Argensola,

25 julgando a sátira contra o Gôngora, que já ouvireis: *Si aspiras ai laurel muele poeta*.

Bocalino. Não vos quisera ver tão sábio nos alei-

1. *Befa* (it. *beffa*): «bargantaria».

2. *Berniza* (Bernia ou Berni), *Marino e Mortula* (Mortola). — Poetas jocosos italianos do sec. XVI. O primeiro escreveu *Rime Giocose*; o segundo escreveu o poema *Murtoleide* contra Murtola; e Murtola escreveu o poema *Marineide* contra Marino. — Na literatura italiana Marino está como Gôngora está para a espanhola.

5. *Lesbio* (Lesbin) — é personagem do poema *Jerusalém Libertada*, de Tasso.

12. *Matalote*: companheiro de viagem.

24. *Bartolomeu Leonardo Argensola*: poeta e historiador espanhol (1562-1631).

vés, além de que é dito das velhas que aquele te fez a sátira que diz a trova.

Lípsio. Este Gôngora começou a ser nomeado pelo mundo depois que eu saí dele; mas lembro-me 5 que, sendo chamado depois às cortes do Parnaso, ali estava Bocalino, que me não deixará mentir.

Bocalino. Deixarei, deixarei, e não só vos deixarei mentir, mas até mentir por vós, se quiserdes, porque, além de ser cousa que me custa pouco traio balho, por outros menti eu já, a quem se deve menos respeito.

Lípsio. Para cousas mais dificultosas quisera valer-me de vós, que, quanto é mentiras, em gazeiteiros curiais e regaglistas, é fruta de todo o ano.

15 *Bocalino.* Vamos ao que vos sucedeu no Parnaso?

Lípsio. Digo que, achando-me nele um dia que se julgavam os méritos dos poetas castelhanos, cer-tefíco-me que ouvi dizer a Apoio que dos viventes a nenhum estimava mais que a D. Luís de Gôngora. 20 *Quevedo.* Deponho em modo que faça fé, dizendo ao costume.

Bocalino. Não foras tu jurista! Senão, armaras trapas à fé e palavras.

Quevedo. Torno a dizer que não fui amigo desse 25 zote, mas que do seu alto engenho não vi outro mais afeiçoado. Todos os que em seus dias e depois deles versificamos temos tomado seu estilo como traslado do Palatino, Barata ou Morante, para ver se podíamos escrever, imitando aquela alteza, que 30 juntamente é majestade. Poucos o conseguiram, precipitados, como demônios, do resplendor às trevas; donde disseram muitos mal-intencionados que este engenho viera para maior dano que proveito do mundo, pondo Sòmente os olhos nos desbaratados, 35 e não nos instruídos.

Lípsio. Assim é, porque da mesma sorte que se as estrelas não tivessem luz própria não seriam capazes de receber a luz do Sol, os talentos que não têm

própria grandeza não podem participar da adque-rida pela doutrina ou pelo exemplo; antes quanto um juízo grosseiro mais pertende adelgaçar-se com o artifício, se gasta em vão e se enfraquece, e no fim fica perdido, mas não delgado; exausto, mas não agudo. As idéias subtilíssimas não se produzem de sujeitos baixos, porque os homens proporcionalmente são fabricados em alma e corpo. Pelo que já Aristóteles com muitos dos peripatéticos e naturais quis entender que na felice organização e compostura humana consistia o uso do melhor juízo, como vemos que cerra e abre mais leve e facilmente a porta bem fabricada, que a pesada, tosca e torpe.

Autor. Agora falarei eu, por não estar satisfeito do muito que nesta matéria se tem dito.

Lípsio. Dizei.

Autor. Pois, se isso assim é, como nos pintam tão enormes aos filósofos, que até o mesmo Diógenes Laércio, quando escreve suas vidas e costumes os demonstra medonhos?

Lípsio. É questão física, e não moral, sobre ser das menos vulgares. Vemos todavia que a sábia e provida natureza encerra o precioso diamante nas entranhas de um rudo penedo, e assim as mais preciosas pedras; o ouro e a prata depositou entre os torrões bárbaros do centro da Terra, donde parece não contradiz a fealdade à discrição.

Bocalino. Porventura que por essa causa se diga são as fermosas nécias, e as feas entendidas. *Quevedo.* A outro princípio o atribuiria eu.

Autor. Qual?

Quevedo. À justiça da Providência; porque, como se podia pagar o dano que faz em uma mulher a fealdade, senão com o entendimento? Ou com que se podia humilhar a soberba de uma fermosura, senão com a necedade?

18. *Diógenes Laércio*: filósofo e historiador grego.

Lípsio. Deixemos já a Gôngora. Quem se segue?

Autor. Aquele a quem seguiram todos: o aplaudido e universal poeta Lope de Vega Cárpio.

Bocalino. Tende mão! Em perigoso clima esta-5 mos; não há para a saúde maior contraste, que passar de um extremo a outro extremo: de Gôngora a Lope! Mas quanto vai, que ficamos todos encatarroados?

Lípsio. Que obras são essas de Lope? 10 *Autor.* Infinitas: todas as partes das comédias se oferecem primeiro.

Lípsio. Elas também são as primeiras, querendo dizer melhores obras de Lope.

Quevedo. Basta que fosse o príncipe e inventor 15 delas.

Bocalino. Não te ouça Polidoro Virgílio!

Quevedo. Esse inglês é trapaceiro, porque nesse seu livro dos inventores das cousas a cada passo nos vende gato por lebre, dando e doando as pri-20 mazias a quem se lhe antoja, com pouco temor de Deus. Porém, antes que saíamos daqui, se o eu encontrar, eu lhe darei seu recado, como ele merece.

Bocalino. Os toledanos se prezam de o seu João Rufo ser mestre de Lope de Vega nas farsas, e 25 acrescentam que D. Guilherme de Castro, Mira de Mescua, e Ximenes de Enciso foram seus contemporâneos, todos discípulos do culto jurado, como já lhe chamou o culto poeta.

3. *Lope de Vega Cárpio* (1562-1635): célebre poeta, comediógrafo e dramaturgo espanhol.

16. *Polidoro Virgílio*: historiador italiano do século xv-xvi.

24. *João Rufo*: João Rufo Gutierrez, poeta espanhol.

25. *D. Guilherme de Castro* (y Belvis) (1569-1631), *Mira de Mescua* (ou *Amescua*) (1578-1635) e (*Diego Ximenes de Enciso* (1585-1633)—dramaturgos à maneira de Lope de Vega.

Quevedo. Assim foi, mas todos nossos antigos, embaraçados com os exemplos dos primeiros comicos, se não determinavam a despir as velhas farsas de sua prolixidade, reduzindo a comédia a mais 5 agradável e conveniente forma. Veio Lope e se resolveu, à vista daquela desconveniência, em derreter o estilo e traça das comédias antigas, e moldar delas, como moldou, a nova comédia, tão agradável ao mundo, que justamente se pode chamar a este

10 poeta pai e senhor da farsa espanhola.

Bocalino. Foi Lope, por essa conta, poeta alquimista.

Quevedo. Não tendes razão, que, certo, que nenhum desses que celebra a antigüidade, bebeu mais
15 folgadoamente as águas de Helícona; donde procedeu a grande e suave cópia de seus versos, afirmando de si que correspondera cinco folhas de papel impresso a cada dia de sua vida.

Bocalino. Agora, por essa cópia, me veio à lembrança o que acerca dela disse em Madrid um certo domine da minha pátria a outro capigorrão espan-tadiço.

Quevedo. Como foi o caso? Contai-no-lo, se não é do número dos casos desestrados, que fazem
25 agouro ouvidos, como o sal derramado na mesa de tacanho.

Bocalino. *Eis ali vai Lope de Vega* — dizia o parvo do castelhano —, *que é tão grande poeta, que por amor de um seu amigo, fez em uma noite*

30 *uma comédia, com loa e entremeies, que é a cabe-dela do contentamento.* Sorriu-se o nosso caporal e lhe tornou: — *Senhor, se assim foi como dizeis, tendes provado que é bom amigo, mas não bom poeta.*

35 *Autor.* Faça-me que não sou da briga. Vós, Senhor D. Francisco, ides e ides acumulando à vossa nasção toda a glória desses inventores ou contendo-res do principado da comédia, não vos lembrando

dos portugueses, como se Gil Vicente não fosse o primeiro cortesão e mais engraçado cômico que nasceu dos Perinéus para cá, a quem seguiu, e não sei se avantejou, Antonio Prestes, Antonio Ribeiro, que 5 foi o nomeadíssimo *Chiado*, Sebastião Pires, Simão Machado nas comédias de *Dio* e de *Alfeu*, e, por outro modo, das que em prosa se escreveram, o ilustre Jorge Ferreira, autor da *Ulissipo*, *Aulegrafia*, e dizem que *Eufrósina*; Francisco de Sá nos *Estran-*

10 *ceiros* e *Vilhalpandos*; Luís de Camões no seu *Anfitrião*, e *Estratónica*, de quem agora o tomou Lucas Assarino, e outras obras em que todos os nossos foram insignes.

15 *Quevedo*. Devem-me, logo, os portugueses essa restituição.

Autor. E a mim outra, o estilo cômico; porque o não julgava merecedor de tanto séquito, pare-cendo-me mole ocupação de ociosos.

20 *Lipsio*. A comédia é uma gentil parte de toda a poesia, em a qual por exemplos agradáveis se dá a beber a todo o povo um famoso documento e lição contra as trapaças do mundo, o qual modo não só dos nossos maiores foi admitido com grande aplauso, mas também dos modernos e vivos; por-

25 que eu me lembro ouvir muitas vezes a meu amigo Erício Puteano, que me sucedeu em Lovaina, na célebre Cátedra de Erudições, não desejava a vida para empregar melhor seus curiosos estudos, que na tradução de todas as comédias de Lope de Vega,

30 convertendo-as em nossa língua flamenga, em a qual deixou algumas já postas em limpo, não curando da composição latina, em que ele foi eminente.

Bocalino. Já que falais nesse vosso morgado Pu-

11. *Lucas Assarino* — escritor espanhol, de origem italiana.

teano, dir-vos-ei que nunca me assombrou com suas obras.

Lípsio. Grande foi, a juízo de todos; e, quando outra aprovação não tivesse, mais que os favores 5 com que o tratou o Papa Urbano VIII, sem parar neles, até se não fazer seu compadre, esta só demonstração bastava para seu crédito.

Quevedo. Urbano, quando Maffeo, foi poeta elegante, latino e vulgar, cujos versos se acham estam-
W pados em muitas partes de Itália, e bem se viu a afeição que teve às consonâncias, no cuidado com que reduziu alguns antigos hinos da Igreja à observância poética, de que se achavam desviados. *Bocalino*. A esse humor aludia

a praga daquele
15 travesso quanto engenhoso Duque de Féria, quando, com mais agudeza que piedade, dizia: *Bien governado mundo se nos aparela, pontífice poeta, emperador dançante e rei de Esparta corista*. Porque o emperador D. Fernando II se deleitava com

20 demasia no sarau, e El-rei D. Filipe IV na solfa. *Autor*.

Ainda ele não tinha visto o de Portugal, perfeitamente sábio na música.

Lípsio. São ciências altas, que não há que estranhar quando agradem a espíritos divinos. Não está
25 o perigo da afeição dos príncipes, quando se lhe afeioem, na incompetência, mas no afago e doçura deste exercício, bastante a lhe cativar o gosto e inficionar as mentes, com dano da administração pública.

30 *Bocalino*. Ainda não acabámos com o Puteano, e temos a Lope de Vega em pé, esperando a receita com que deve ser curado.

Lípsio. Foi nas cartas sobremodo elegante e confiado.

35 *Autor*. Eu vos direi o que me sucedeu com ele,

8. *Urbano*. — Nome secular do Papa Urbano VIII Maffeo Barberini.

não há cem anos. Estando de caminho de Espanha para Flandes, se me ofereceu um seu filho, por nome Felipe Hérulo Puteano, com uma carta aberta de seu pai, Erício, pessoa com quem eu até então não tinha mais que o público conhecimento de suas obras. Quando fui ler a carta, achei que trazia por sobrescrito: *Aos sábios e nobres varões do mundo!*

Bocalino. E que dizia nela?

Autor. Dizia que seu filho Hérulo sairá de sua casa para ver algumas Cortes dos príncipes da Europa e, porque ele o mandava sem mais cabedal que esta recomendação, rogava muito aos virtuosos lho amparassem e reduzissem à sua presença.

Bocalino. E que fizestes? 15 *Autor.* O mesmo que ela pedia, de que ficou agradecido e correspondeu depois comigo em muita amizade.

Bocalino. Não sei se foi soberba entenderdes que essa carta falava convosco! 20 *Autor.* Se todos dessem nessa humildade, aquela boa obra se não faria.

Bocalino. Sabei que há uns bensfazereres que são finíssima usura!

Autor. E uma modéstias que são a mesma hipo-cresia. A todo o propósito me não arrependi do bem que fizesse.

Quevedo. Ora basta, e nos dizei que livro é essoutro que se segue às comédias.

Autor. É a *Epopéia*, ou *Jerusalém Conquistada*. 30

Bocalino. Em outra pior estamos agora metidos. Nunca tal livro se aparecera.

Quevedo. Seu autor julgou dele havia feito um cabal poema heróico e, em vez de lhe sair assim,

29. *Epopéia*. — Obra de Lope de Vega designada por *Jerusalém Conquistada*, a que o autor chamava *Epopéya Trágica*.

não há livro mais achacoso, em toda esta santa casa,
que a *Epopéia* de Lope.

Bocalino. Dê-se-lhe vista a Torquato Tasso. *Lipsio*.

Dirá como dele disse a Academia de

5 Crusca, a que respondeu com a *Anti-Crusca*. E se lhe
lançarmos Ludovico de Castelvetro e a Escola dos
Malcontentes, que dirão dele?

Bocalino. Não podem dizer mais do que já disseram,
nem obrigá-lo a maior excesso a censura dos

10 críticos, que a desfazer um poema tão sesudo e
abalizado, e torná-lo a fazer de novo, quase outro,
depois de público ao mundo; mas de tal modo, que se
afirmam os melhores que é melhor o poema errado —
se o é, se o foi —, que o emendado, a

15 que não pondo menor diferença entre a *Jerusalém*
Conquistada e a *Liberata*.

Quevedo. Os engenhos de Espanha foram de pa-
recer que nesta *Epopéia* se desaproveitara a língua
castelhana, porque, sendo seus versos os mais ilus-

20 três dela, nem por eles o poema foi ilustre.

Lipsio. Senhores, a poesia épica é carreira que
poucos no mundo tem acertado, porque são tantas e
tão várias as leis e preceitos de que consta, que vem a
ser quase impossível ao juízo humano sua

25 observância. Aristóteles a pôs em praxe, usando
daqueles escuros termos que depois se enevoaram
muito mais, pelo comento dos expositores.

Bocalino. Acabem alguma hora por isso os épicos de
se conformarem em suas regras, e haverá quem

30 possa decorá-las e satisfazê-las; mas, entretanto que

4. *Academia de Crusca*. — Sociedade, fundada em
1582 destinada a conservar a pureza da língua italiana. Criticou
acerbamente o poema de Tasso — *Jerusalém Libertada*
(1585).

6. *Ludovico de Castelvetro* (1505-1571): escritor e crítico
italiano, que também criticou o poema de Tasso.

uns não querem que se conte mais que um só herói, como fez Virgílio com Eneias, e que outros admitam muitos companheiros, como Valério Flaco em os seus *Argumentos*; e entretanto que uns mandam se dê princípio aos poemas pelo princípio da acção, seguindo a Homero em Ogígia, outros pelo meio dela, conforme ao Mantuano com o seu herói à vista de Cartago, e que entretanto que uns se matam sobre o final apóstrofe ou peroração, dizendo

- 10 que o poeta de boa lei se devia despedir com cortesia do auditório, falando ao mecenas a quem convidou para ser ouvido, segundo que todos os poetas latinos o fizeram e entre os mais elegantemente Sílio Itálico; e outros afirmam ser demasia indecorosa, de
- 15 que fugiu Lucano, Tasso e Camões; suposto que alguns vulgares a aceitassem — fique o negócio, pois, como dantes e faça cada um o seu poema segundo Deus lhe ajudar, ou o não refaça, porque também é cousa dura que, tendo Homero liberdade
- 20 para pintar o seu rio deitado, não possa outro poeta, sob pena da excomunhão dos críticos, pôr o seu rio em cóqueras. Quando chego a cuidar nisto, não sei abster-me sem repreender e às vezes amaldiçoar a impertinente seita do poetismo, sendo o melhor
- 25 de tudo que, poetando-se desde o princípio do mundo e sendo quase tão infinito o número dos poetas como o dos parvos, o negócio se apertou de

4. *Argumentos* — Na edição de Sá da Costa o nome do poeta é referido como: *Argonautas*.

6. *Ogígia* — nome da ilha onde vivia a ninfa Calipso.

7. *Mantuano*: Virgílio.

11. *Mecenas* — cavaleiro romano do tempo do imperador Augusto, protector de Virgílio, Horácio e outros poetas.

13. *Sílio Itálico*: poeta latino, que escreveu *Punica*.

15. *Lucano*: poeta latino, autor do poema *Pharsalia*.

feição, que aos Gregos só deixaram a *Mada*, aos Latinos a *Enéada*, aos Portugueses a *Lusíada*, aos Italianos a *Godofreida*, ficando de fora Espanhóis e Franceses, sem embargo de falarem as duas me-5 lhores línguas da Europa, com perdão dos teutó-nicos, belgos, anglos e batavos, mas que apelem pelos seus Ronzardos, Teófilos, Bucanos, Barclaios, Erasmos e Anduenos.

Lípsio. Saibamos se há ainda mais obras de Lope, w que participem de achaque a que se possa dar me-zinha.

Autor. Ali está a *Arcádia*, a *Filomena*, o *Isidro*, *Corona Trágica*, *Laurel de Apoio*, *Dorotéia*, *Bur-guilhos*, *Rimas Divinas*, *Solilóquios* e *Rimas Hu-15 manas*.

Lípsio. Tudo versos?

Autor. Não tudo, porque também há prosas em estes livros.

Lípsio. Pois para esta só visita das obras de Lope 20 nos ajuntaremos em dia particular, quanto mais que, como dizem os filósofos e médicos, curando a causa curaremos os efeitos. Se pudéssemos curar de sua grande facilidade a Lope, logo curaríamos alguns descuidos ou humildades de seus livros; po-25 rem, como o mal está já tão apoderado de seu humor e unido com a natureza, dificultoso será o remédio, que por outro modo seria fácil, pondo-se a felicidade deste autor, não na qualidade de suas obras, mas na quantidade de seus escritos, que,

7. *Ronzardos*. — Nome dado a escritores de diferentes nacionalidades. *Ronsard* e *Teófilo de Viau*, franceses; *Buchanan* e *Barclay*, escoceses, *Erasmus*, holandês; *Andueno* — ?

12 Obras de Lope de Vega: *Arcáfia* (romance pastoral); *Filomena*. *San Isidro el labrador* e *Corona Trágica* (poemas); *Laurel de Apoio*, *Dorotea*, longo romance em prosa; *Rimas Humanas y Divinas del Licenciado Tomé de Burguillos*.

suposto seja mudar o predicamento, não é alheio da dignidade; porque, se a um cidadão o celebrassem por opulentíssimo em sua República, quanto mais rico fosse, mais digno será de ser nomeado. 5 *Quevedo*. As obras desse poeta são como as obras da Sé, que nunca se acabam. Por esta razão lhe chamaram em meus tempos o Potosi dos consoantes, denotando sua pródiga e inexausta vea. *Lípsio*. De que se queixa, finalmente?

10 *Autor*. De que, chegando, ou sabendo de que seu nome servia de rubrica a toda a cousa boa, pois desde os vivos aos mortos e desde todo o sensível ao insensível não havia outro encarecimento de bondade se não dissesse era de Lope, e sendo isto

15 ao insensível não havia outro ecarecimento de bondade se não dissesse era de Lope, e sendo isto assim, agora por momentos vai seu nome esquecendo. *Lípsio*. Tenha paciência, que é só emplasto que serve nestas dores. Os gostos variam com os tem-

20 pos, a cuja variedade os lisonjeiros quiseram hipotecar a fermosura da natureza, como se não fosse o mais civil e cruel de seus costumes desfazer umas cousas para fazer outras. Contudo, impossível é lograr uma estimação eterna, por onde aquele que

25 por maior tempo possuiu honra da fama não tem de que queixar-se de a não ver perdurável. Parece que a Providência fora injusta, que não pode deixar de ser justíssima, com os que viemos tanto depois ai abafo da vida, se conservasse inteiro o aplauso

30 dos que vieram tanto antes. É necessário que se despejem os ouvidosdosvivos, como se despejam os olhos da ocupação que lhes tem feito o nome e fama dos famosos passados, para que se vejam ou ouçam e estimem os nomes e famas dos presentes.

7. *Potosi dos consoantes*: o senhor das rimas; o mais fecundo dos poetas.

Lípsio. Ora, que livro bem encadernado e melhor impresso é essoutro que está ali adiante, roído dos ratos tamalavez? *Autor.* É o famoso reitor de Vila Hermosa, e 5 Lupércio Leonardo, seu irmão.

Lípsio. Que sentem os Leonardos? *Autor.* Sentem que os ratos lhes roam as encadernações, e os poetas lhes metam dente.

Bocalino. Alguns dirão que pela segura do estilo. 10

Quevedo. Não é por isso, mas pela majestade de suas sentenças e propriedades da imitação dos antigos, em cujos escritos convém ser muito versado quem houver de penetrar os misteriosos conceitos destes dous poetas. 15

Lípsio. Dias há que vi suas obras e lhe sou afeiçoado pela suma alteza que em todas observam. Todavia, são poetas a quem se pode mandar tomar o aço, para gastarem a opilação de que adoecem seus versos, alguns de grande dificuldade pelo muito 20 que affectaram as vozes peregrinas, particularmente em os consoantes. Lupércio teve melhor vea que Bartolomeu; este melhor pompa que aquele e ambos maior estrondo que fermosura. Direi, contudo, que, como os versos não sejam lição própria de 25 sesudos, mas de mancebos, damas e ociosos, parece cousa impertinente professar neles tanta severidade, que antes causem horror que deleite a quem os ler, como nestas a cada passo sucede. Não obstante, foram os dous irmãos um vivo erário das jóias da 30 erudição.

Bocalino. Alguns tem para si que esse seu modo de compor não foi imitando, senão traduzindo: quem passeia pelo livro de Lupércio se lhe afigura que entra por casa de Horácio, Claudiano, Pérsio,

4. *Reitor de Villa Hermosa:* Bartolomeu Leonardo Argensola, poeta espanhol. — *Lupércio Leonardo* (Argensola), seu irmão, também poeta (1559-1613).

Propércio, Marcial, Juvenal, Catulo, Tibulo, ou Cornélio Galo.

Lípsio. A imitação, para louvável, quer-se feita com grande destreza, porque o simples séquito de 5 um só, que vai adiante, pertence aos animais, e não aos homens. Quem imita melhor, acrescente, diminua e troque; ou, senão, seja tido por bisonho.

Quevedo. Oh Jesus! Que desfigurado me parece, que entreconheço ali ao conde de Vila Mediana, 10 D. João de Tarsis, poeta satírico!

Autor. Não lhe arrendo eu a prebenda.

Bocalino. *Sin discurso discorrid.*

Quevedo. Assim o disse o epitáfio da sua morte.

Lípsio. Não falemos aqui nos homens, mas nos 15 talentos.

Quevedo. Este nosso poeta castelhano, enxerto ou enxertado em Itália, teve alguma viciosa inchação, porque toda a inchação é achaque, sobre ser vício. Saboreou-se muito da pompa das palavras; e, 20 como árvore de grande rama que jamais deu fruto, vemos que em suas obras se leram muitos centos de versos sem achar cousa de que a memória lance mão, ou leve para casa o entendimento.

Lípsio. Por essa conta, outro deve ser o vício 25 desse autor, outra sua enfermidade, porque as palavras boas e em boa ordem é a mesma poesia; donde os gregos figuraram os poemas como um esquadrão de soldados, que consta de muitas fileiras, as quais no poema vem a ser os versos, e os soldados as 30 vozes colocadas em número e medida, que a esse respeito achamos ser o verso chamado *estichis* pelos áticos, e vai *estichi* de tanto, como certa medida, conforme também agora dizem décima, que é medida e certa composição de versos de dez regras.

9. *Conde de Vila Mediana:* D. João de Tarsis v Peralta (1580-1622), poeta gongorista.

31. *Estichis* (stichi, do grego)—verso.

Quevedo. Era antigamente as que chamavam esparsas, que continham doze linhas. Veio depois o famoso poeta castelhano Vicente de Espinel, e lhe tirou dous versos, reduzindo-as ao modo que 5 hoje guardam; por cuja razão naquele tempo foram chamadas *espinelas*. É própria poesia ou, melhor, espanhol suave, amoroso, agudo, engraçado, que só aos poetas castelhanos e portugueses tem chegado, com que muito luzem suas obras e avantajam 10 aos italianos e franceses, que ainda as não imitaram, suposto que nos pequenos escritos de Teófilo entendo que vi já alguns remedos das nossas décimas, ou espinelas castelhanas.

Autor. Que gênero de contrapeçonha havemos de 15 dar a este poeta trágico, ou que juízo faremos de seus bens e males?

Quevedo. Aquele que já fizeram os mais sábios homens de Espanha, dizendo muitos que, se amassassem os talentos e obras dos dous condes, a saber 20 o de Salinas e Vila Mediana, — se faria de ambos um bom poeta.

Autor. Porquê?

Quevedo. Porque o Salinas todo era descrições sem adorno, e o Vila Mediana todo adorno sem con-25 ceitos.

Lípsio. Dizem que nas sátiras foi excelente.

Bocalino. Como boas lhas pagaram.

Autor. Os as pagou como ruins.

Bocalino. E ruins novas devem de ser as que merecem tal porte.

3. *Vicente* (Martínez) *Espinel* (1552-1624): poeta e novelista espanhol.

11. *Teófilo*: Teófilo de Viau (1590-1626), poeta francês.

20. *Salinas*: «D. Diogo de Mendonça, conde de Salinas em Espanha e marquês de Alenquer em Portugal».

Quevedo. Oh! Não vos ouça o doutor Luís Tri-baldos, seu mestre, que sobre o talento e inocência do discípulo nos fará aqui um prólogo mais impertinente que todos os seus tem parecido. 5 *Lipsio*. Nem todos os mestres serão ingratos com os discípulos, como Aristóteles com Alexandre.

Bocalino. Bem haja Nero, que se desquitou com Sêneca dessa aleivosia, por que, se o mundo viu um filicídio tão escandaloso como ajudar o mestre 10 a matar o discípulo, visse outro parrecídio, não menos enorme, como fazer o discípulo matar ao mestre.

Autor. Ah, senhores! Compadecei-vos dos ais de D. Diogo de Mendonça, que está ali gemendo e 15 chorando no seu livro das *Rimas*, a quem segue D. Afonso de Ercilla com o seu *Arauco*, e pouco mais convalecido o nosso Antonio Ferreira com os seus *Poemas Lusitanos*.

Quevedo. Que diz agora esse velho sengo de 20 D. Diogo? Não se envergonha de que, sendo o mais entendido homem do seu tempo, feito por esta causa embaixador de Veneza e Roma de seu amo Carlos V, foi no cabo de sua velhice a namorar-se de modo que deu consigo e com os negócios ao través ? 25 Então, grande sabedor sou eu!

Autor. Não me meto em vidas alheas. Direi, contudo, que depois que entrou a argenteria nestes versos pomposos que agora se costumam, se esquivou logo o aplauso de acompanhar com os profanos,

1. *Luis Tribaldos* (de Toledo) (1558-1634): historiador espanhol.

8. *Sêneca*: filósofo romano, mestre de Nero. 14. *D. Diogo de Mendonça*: Diego Hurtado de Men-doza (1503-1575), poeta e historiador espanhol.

16. *Afonso de Ercilla*: Alonso de Ercilla y Zúñiga (1533-1594), poeta espanhol, autor do poema *La Araucana*.

17. *Antonio Ferreira* (1527-1569): poeta português, autor dos *Poemas Lusitanos*.

de tal sorte que, sendo costume antigo da Corte castelhana não se gastarem nos Paços e galanteios outras galanterias senão as suas, hoje lhe dão unhasdas os rapazes, os homens as desprezam, e as 5 mulheres figam daqueles conceitos e requebros, que no seu tempo punham a boca à orelha a quem os ouvia.

Bocalino. Tende mão, que já cuida que dizeis dele mais do que ele diz de si. 10 *Lípsio.* Esse Mendonça foi sábio, como em sua vida o-pinta outro não menos sabedor.

Autor. Quem?

Lípsio. D. João da Silva, que cá foi vosso Conde de Portalegre, espelho dos cortesãos daquela idade, 15 e um dos melhores discípulos da grande escola de Filipe II.

Bocalino. Já sei quem dizeis, porque meu amigo Jerônimo Franqui Conestagio me contava em Itália que a sua história da união de Portugal a Castela, 20 dele Conestagio só tinha o nome, mas o espírito e arte do conde D. João.

Autor. Essa praga já foi daqueles tempos, mas o Franqui mostrou em outras obras que por si mesmo tinha engenho e maldade bastante para 25 escrever essa história, e as mais de que lhe faz censura Luís Cabrera de Córdoba, em a de D. Filipe.

Quevedo. Longe nos fica já o Mendonça.

Bocalino. Fique-se para poeta entanguido, fa-

13. *D. João da Silva:* escritor espanhol dos fins do Séc. xvi, em Portugal conde de Portalegre.

18. *Conestagio:* Hieronimo Franqui Conestagio, historiador italiano que escreveu *L'Unione del Regno di Portogallo alia Corona di Castilla (1585)*, fundada sobre texto de D. João da Silva.

26. *D. Luís Cabrera de Córdoba:* historiador espanhol, autor de uma *História de Filipe II*.

fazendo trovas a *Maria Castanha*, que, quando o toparmos historiador na guerra de Granada, lhe faremos mais cortesia.

Lípsio. Como mais cortesia? Venerá-lo-emos como 5 a Caio Crispo Salústio, Veleio Patérculo, e o antigo Tucídades.

Autor. E que faremos ao Ercilla e Ferreira?

Bocalino. Mandá-los aos incuráveis: ao primeiro, porque, compondo um poema misto, cuidou que o 10 fazia heróico; e, porque se pôs muito devagar, ao tempo que havia dizer o que cantava, a dizer-nos o que não cantava, começando: — *não canto isto; não canto estoutro* —, o que com menos trabalho tinha feito, se nos não dissera o que não fazia, mas 15 Sòmente o que queria fazer, que é a obrigação do poeta e de qualquer autor que fala com o mundo por boca do seu livro. Pois se como agora, digamos, um homem, indo a falar com outro, lhe dissesse — *Senhor, não vos quero falar nisto, e nisto e nem em 20 estoutro, e aqueloutro* —, que tal ficaria o pobre, citado para semelhante matéria?

Quevedo. Como salvaremos, logo, o devotíssimo poema de S. *Joseph*, escrito pelo mestre Val-deviesso? 25

Bocalino. Também caiu no mesmo erro esse mestre, como discípulo do Ercilla; mas a doçura da sua musa e a piedade do autor santo que canta, bem é que lhe valham na censura dos críticos católicos.

Quevedo. Torno-me a confirmar em o mesmo que 30 presumia: que este livro de S. *Joseph* é uma suavíssima composição, cheia de maravilhosos affectos.

Bocalino. Assim o crede sem escrúpulo.

1. *Maria Castanha*: nome que entra em histórias da Carochinha.

5. Citam-se aqui dois historiadores latinos (Salústio e Veleio Patérculo) e um grego (Tucídides).

23. *Valdeviesso* — (José de Valdeielso) (1560--1638), poeta dramático espanhol.

Autor. Ao Ferreira, que responderemos?

Quevedo. Que se contente de lhe haver amanhecido a frase sublime primeiro que à maior parte dos poetas daquém-mar, porque em nenhum se acham 5 melhores arremessos, e vá passando assim como puder, satisfeito de que os menos conhecidos são hoje porventura os melhores parados, por aquela regra de um moderno, que fez a fama cúmplice das grandes tragédias dos famosos.

10 *Autor.* Isso lhe diremos.

Lipsio. Não só a este, mas a muitos da sua classe lhe podeis receitar o mesmo farmacópolis.

Bocalino. Quem é essoutro dalém, que se queixa, na sua meia língua, das injúrias do tempo?

15 *Autor.* É Messias March, o poeta valenciano, de quem se disse então que o amor arrancara uma pena das asas, para lhe dar com que dele escrevesse.

Bocalino. Por isso ele escreveu do Amor com tantos comquês; suas perguntas e razões encadeadas 20 rés por rés com algumas de Boscán. O Diabo lhas espere e lhas desate!

Quevedo. Pois que direis, se o virdes traduzido em castelhano?

Bocalino. Qual fez tal parvoíce? 25 *Quevedo.* Não menos que Jorge de Monte Maior, o português, famoso autor da celebradíssima *Diana*.

Lipsio. Esse *Monte* foi assaz grande; nem sabemos que então lhe igualasse outro que tão grande engenho tevesse, o qual particularmente reberverou 30 em todas as matérias amorosas.

15. *Messias March* (Ausias March): poeta do see. XV, de origem catalã (na edição de 1900: *Messias*; na edição Sá da Costa: *Ausias*).

20. *Boscán*: Juan Boscán Almogaver (1490-1542) introdutor em Espanha dos processos da lírica italiana.

25. *Monte Maior* — (Montemor).

Bocalino. Gaspar Gil Polo o quis competir com outra semelhante *Diana*, mas saiu bastarda, e só legítima a portuguesa.

Autor. Eu vos direi o que me sucedeu há poucos 5 anos, que tão poucos há, que havia ainda sandeus sobre a face da terra. Achando-me em um lugar dos principais deste reino, me veio a ver um dos melhores sujeitos do lugar e, depois das urbanas e ordinárias saudações, me mostrou uma provisão 10 real, aonde Sua Majestade mandava que três pessoas, quais nomeassem as partes, sendo o meu visitante o principal contraente, julgassem um livro que se tinha feito à imitação dessa *Diana* de Jorge de Monte Maior; e, achando que lhe era avantajado, 5 fizessem um assento, o qual manifesto ao corregedor da comarca, ele metesse logo ao autor do livro de posse de uma quinta de valor de dous mil cruzados, que Fulano, outro das partes, tinha apostado por escrituras públicas e prometia conceder e entregar 0 a quem fizesse melhor livro que *Diana*.

Bocalino. Que extravagante cousa!

Autor. Por tal vo-la refiro.

Bocalino. E como saístes do julgado, ou por quem saiu a sentença? 5 *Autor.* Eu tive o livro manuscrito outo dias em casa e, parecendo-me galhardo despropósito, muito de propósito me escusei da judicatura, por andar ocupado então em negócios de maior importância. Saí do lugar brevemente e pouco depois do Reino, 0 com que vim a ignorar o último sucesso desta oposição de porfia tão escusada no mundo.

Quevedo. Bem se verifica o crédito de Monte Maior.

Bocalino. Bem; mas, por Deus, que homem que

1. *Gaspar Gil Polo* (1520-1561): poeta espanhol, que escreveu a *Diana Enamorada*.

tal fez merecia ajoujado com D. Hierónimo de Urrea, tradutor de Ludovico Ariosto, outava por outava, e que ambos acarretassem água de Hipo-crene para a cozinha de Apoio, sem mais vida nem 5 descanso.

Lípsio. Neste pecado de traduções não costumam cair senão homens de pouco engenho, porque da rudeza à paciência não são jornadas largas: os entendimentos leves em discorrer, agudos em penetrar e 10 perspicazes em discernir mal se sujeitam a conselhos alheos, no que só se empregam os entendimentos grossos e fleumáticos, como a ussa, que vagarosamente vai lambendo o parto imperfeito.

Bocalino. Também lhe podeis acrescentar que, 15 depois de muito bem lambidos, ainda assim não há animais mais feios, nem tão mal limados como os ossos.

Lípsio. Baste, senhores, de Messias que menos dele pode botar o dente à mais faminta curiosidade. 20 Quem se segue?

Autor. Gregório Silvestre, que já de velho não pode piar.

Lípsio. Vá-se com os mais este cadimo aos entravados, e vamos nós adiante, adiante! 25 *Quevedo.* Como adiante! Adiante de Gregório Silvestre parece não fica já senão nosso pai Adão!

Bocalino. Aqui está João Rengifo, *Mingo Re-vulgo*, e D. Jorge Manrique.

1. *Hierónimo Urrea*: Jerônimo Jimenez de Urrea, escritor espanhol que fez muitas traduções.

21. *Gregório Silvestre* (1520-1570): poeta espanhol.

27. *João Rengifo*: nome literário do escritor espanhol, jesuíta, Diego Garcia de Rengifo (see. XVI). — *Mingo Revulgo* (Copias de) — título de uma sátira à corte de Henrique IV, de autor desconhecido. — *D. Jorge Manrique*: poeta lírico espanhol do see. XV.

Quevedo. Mas venha também Garcia Sanches, e D. João Manuel com os seus *Cantares*.

Lípsio. Se vier com o seu *Conde Lucanor*, folgarei muito de ouvi-lo, porque não são mais morais, 5 nem tão galantes os *Diálogos* do célebre Luciano.

Quevedo. Deixemos já esse podricinho, porque na idade presente se nos oferecem casos e curas de maior consideração nos poetas modernos.

Bocalino. Entre quais há-de entrar Miguel de Cer-10 vantes Saavedra?

Lípsio. Do tempo a que pertence não disputo, mas julgo por impossível que se acha entre os métricos, sendo poeta infecundo, quanto felicíssimo prosista.

Bocalino. Pois desta esterilidade desejara eu ser 15 curado como mulher carecida de filhos.

Quevedo. Não vimos que a natureza tanto se inclinasse a um sujeito, que de todas as partes o enriquecesse. É a razão de que os oradores não sejam poetas, e ao contrário de que os poetas não sejam 20 oradores: a uns dotou de gravidade, a outros de aqudeza, a outros de graça, de sorte que, como um pai de muitos filhos reparte por eles todos seus have-resi assim esta mãe, não menos rica que provida, vai repartindo por todos seus partos e filhos, sua 25 copiosa abundância.

Bocalino. Muito livrinho dourado e enfeitado vejo eu lá por essa banda! Basta que também pessoas tão galantes tem seus achaques!

Quevedo. Por isso se disse aquilo de *por fora pau 30 e viola, por dentro pão bolorento*.

1. *Garcia Sanches* (Garcí Sanchez de Badajoz) (1450-1511): poeta espanhol. — *O. João Manuel* (1284--1348): autor do *Conde de Lucanor* e do *Libro de los Cantares*. etc.

5 *Luciano*: escritor grego do sec. II.

9. *Miguel de Cervantes Saavedra* (1547-1616): autor do *D. Quixote de la Mancha* e das *Novelas Exemplares e Entremeses*, etc.

Autor. Contudo, eles estão de sorte garridos, que parece lhes não dói pé nem mão.

Lípsio. Essas foram sempre as doenças mais incuráveis. Quando o mal faz liga com a natureza, 5 jamais a rompe menos poder, que o da morte. Arre-negai das dores que se não estranham e de aleijões que, sendo vistas de todos, só quem as padece as ignora.

Autor. O primeiro deste miuçalho é o livro cha-10 mado *Ócios*, do Conde Reboledo.

Quevedo. Bem ocioso estava esse autor, quando fez tal exercício, e rebém ocioso o primor do seu secretário, que com tais ócios nos deu trabalhos.

Bocalino. Primeiro que se soubesse que tinha se-15 cretário e que fazia versos, veio esse livro ao mundo.

Autor. Será como aquela graciosa carta do nosso Marcial de Alenquer, que, estando hóspede de certo senhor, a quem, furtando-se um prato de prata, houve suspeita em um criado seu, ao que ele, 20 acudindo, escrevia: —*Aqui se furtou um prato ao Conde, e põe boca em um criado meu. Foi grande providência de Deus, para que o mundo soubesse que o Conde tinha prata e que eu tinha criado.*

Lípsio. Pergunto pelo livro, e do autor me não 25 lembro.

Quevedo. Versos são bastantes para que um cavalheiro os possa mandar, escritos de ruim letra, a sua dama, de que lera ametade, e ametade não saberá ler; mas, disso em fora, me não parecem 30 inconveniência, nem obra de poeta cadimo. Este é o seu mal.

Bocalino. Muitas vezes vejo poesias de certas pessoas, que se me parecem muito às matérias dos

10. *Conde Reboledo*: Bernardino de Rebolledo (1597-1676).

17. *Marcial de Alenquer*: D. Tomás de Noronha, poeta satírico português do sec. xvii.

meninos de escola; tem jeito de que virão a escrever bem, mas de presente são, enfim, cousas de meninos.

Lípsio. Quem se segue? 5 *Autor*. As obras de D.

Gabriel de Bocángel e Unçqueta.

Bocalino. Se for poeta de tanto nome como nomes, bem empregadas serão nele nossas mezinhas.

Lípsio. Não traz esse ruim anúncio no apelido 10 — *Boca de Anjo!* Própria é para cantar bem.

Quevedo. Este não é o pior dos vizinhos e, com quatro xaropes de riscaduras e uma purga de anfibologias, ficará são e salvo.

Lípsio. Isso se lhe faça. 15 *Autor*. Eis aqui as estimadas obras de Francisco Lopes de Zárate.

Bocalino. Primeiro que tudo, deve declarar este poeta de que sexo quer usar, como hermafrodito: se de lírico, se de heróico. 20 *Quevedo*. Dirá que quer ser heróico.

Bocalino. Pois que o seja com a bênção de Deus, visto que ainda o não é.

Quevedo. Moderai-vos, Bocalino, porque o Zárate é dos viventes o mais opinado poeta castelhano. 25 *Autor*. Se lhe não puser embargos meu amigo D. Luís de Ulhôa.

Quevedo. Os homens que não tem publicado suas obras, oferecendo-as ao exame Wiversal não podem ter caxa com os autores ladinos. 30 *Lípsio*. Que dúvida põe Bocalino à fama de Zárate, de quem já por muitas vezes tenho ouvido preciosos ecos?

5. *D. Gabriel Bocángel y Unzueta*: escritor espanhol do sec. xvii.

15. *Francisco Lopes de Zárate*: poeta espanhol do sec. xvii.

26. *D. Luis de Ulhôa*: poeta espanhol, amigo de D. Francisco Manuel de Melo.

Bocalino. O maior achaque deste poeta é padecer uma notável inconstância ou tremor de musa.

Lípsio. Nova enfermidade.

Bocalino. Procede este vício da infelicidade dos 5 ritmos; e, como diferentes consoantes fazem diferentes palavras, que, acomodadas sem ventura, puxam à sua vontade e contra a do poeta por diversos conceitos, nota-se que em qualquer estância do poema de Zárate poucos são os versos que digam uns com *W* os outros, agora deixando a cousa por acudir à obrigação dos consoantes, e depois de livre tornando a pegar da cousa, talvez fora de tempo.

Lípsio. Assim é; mas essas observações não são para todos. Julga-se, porém, que Zárate respondeu 15 com menos fruto do que se esperava de uma sementeira que durou perto de trinta anos. Não foi menos o tempo que gastou na escritura do seu poema *da Cruz*, pouco há publicado, sendo antes de visto tanta sua opinião, que me parece recebera dele 20 maior glória, se o não manifestasse.

Autor. Que dizeis a estes outros dous, de meu paisano?

Quevedo. Quais são?

Autor. O *Parténope Ovante* e os *Macabeus*, do 25 doutor Miguel da Silveira.

Lípsio. Se esses livros não são a própria saúde, sendo de um físico, responder-lhe-emos o que Pto-lomeu Filadelfo, rei egípcio, disse ao outro; -- *Médico és; cura-te a ti mesmo.* 30 *Quevedo.* Arrogantíssimo espirito teve esse português, e tanto, que se nos levantou a maiores com a nossa própria linguagem, em que compôs aventajadamente.

Autor. Sem embargo, não perdeu ela nada por ele

25. *Miguel da Silveira* (1576-1636): poeta português que estudou Filosofia, Jurisprudência, Medicina e Matemática, em Coimbra e Salamanca.

Lípsio. Não perdeu, nem a poesia perderá tão-- pouco, porque em todos seus escritos se não viu nunca um só termo baixo.

Quevedo. Em mais partes, que na alteza do estilo, 5 consiste a felicidade de um poema; e nesta proporcionada simetria de perfeições, não há dúvida que o doutor Silveira pecou também em Adão como os mais filhos de Eva.

Bocalino. Outro português se queixa, junto deste. 10

Lípsio. Dizei quem é, com pena de suspensão de vosso officio, porque vos vejo semblante de vos es-cusardes de sua informação.

Autor. Também quem rodea chega, e às vezes primeiro que os que atalham. O suplicante é meu 15 grande amigo Manuel de Faria.

Quevedo. Quem lhe fez agravo a um homem tão modesto e tão sábio?

Bocalino. O mundo todo inteiro, que sempre estive mal consigo e com todos, por não errar os 20 inimigos, em cujo traje às vezes acomodava aos amigos e benfeitores, segundo o pavor que se tomou em Roma e Castela de suas inteligências com o Papa.

Quevedo. Deixemos perigosas matérias de Es- 25 tado, não pertencentes a coplistas, que, por muito menos que isto me mandou prender o Conde- - Duque e teve apertadíssimo quatro anos em a prisão do convento de S. Marcos, em Leão

Bocalino. Eu ouvi desse vosso trabalho, e não 30 achei quem me dissesse a causa dele.

Lípsio. Todos folgaremos de ouvi-lo.

Autor. Eu mais que muitos, porque nossa boa amizade assim o pede.

Quevedo. Foi desta maneira. Aquele negro se-

15. *Manuel de Faria* (e Sousa) —Veja a nota 22, pág 13

26 *Conde-Duque: o Conde-Duque de Olivares.* D Gasoar de Gusmão

nhorio da minha torre, ou Vila de João Abade, tantas vezes fora de tempo nomeado nos meus livros, é vezinho das terras do duque de Medina Caeli, por cuja vezinhança se conseguiu entre nós 5 uma boa amizade, tanto pela cortesia do Duque, como por ser meu costume seguir muito aos grandes senhores, ao que aludiu aquela tapada, que em Madrid me disse uma vez: — *Vossa mercê, Senhor D. Francisco, come-se de senhores como de pio-10 lhos*—, obrigando-me a que lhe respondesse tão celebrada reposta:—*Vossa mercê, Senhora minha, que sabe de todos, diga-me quais picam mais.* — Finalmente, como sucedesse vir o Duque, meu amigo e vezinho, à Corte algumas vezes, soía eu acompa-15 nhá-lo. Entre outras, aconteceu que, ajuntando-se muitos senhores mancebos em visita e vendo-me ali ocioso, fizeram comigo que em a própria casa do Duque, aonde se pousava, lhes lesse academialmen-te, pela maneira que em Itália se usa, uma lição de 20 política. Assim o fui continuando, até que , dando o tempo lugar, e dando perigo, chegámos a disputar dous pontos, pelos quais me rompi como meia: o primeiro, se convinha que os monarcas tivessem valido, ou não, de que segui a parte negativa, persua-25 dido de divinos e humanos exemplos; o segundo, se se podia dar caso em que o príncipe, por ruim governo, houvesse de ser deposto, donde afirmei a parte afirmativa, forçado do capítulo Grandi, de direito. Estas opiniões, viciadas da maliciosa interpreto tação, foram logo condenadas por ímpias, e eu por elas preso, oprimido e desterrado, como Espanha e Europa soube, até que, entrando na presidência de Castela D. João de Chaves, meu amigo e condiscípulo, me alcançou a liberdade. Tal foi o sucesso 35 e motivo da minha desgraça, ou ela dele.

3. *Duque de Medina Caeli*: D. Antonio Juan Luís de la Cerda.

Autor. Quase dessa maneira procederam os trabalhos ainda mais urgentes de Faria.

Bocalino. Não tem que se nos queixar dêsses, pois são de outra jurisdição. 5 *Quevedo.* Mais lhe doerá a esse pobre sua pobreza, de que foi observantíssimo em todo o estado.

Bocalino. Essa é já manha velha dos poetas mendicantes, entre os quais Manuel de Faria pudera 10 bem ser reitor.

Autor. Nunca grandes méritos se viram melhor premiados!

Bocalino. Ora galantes homens são os poetas! Todos vereis queixar da malícia dos tempos e da 15 avareza dos príncipes. Eu provo que nunca os tempos foram menos maliciosos, nem os príncipes menos avaros. Senão, diz-me como podem os tempos deixar de ser muito bem enclinados, se eles sofrem tal quantidade de desvarios, como no mundo cor-20 rem com o nome de poesias! E como deixariam os príncipes de ser agora mais liberais, se os poetas são tantos, que não há monarca no mundo que tenha hoje para poder dar um almoço cada ano aos poetas da sua freguesia! Quando se pagavam 25 os versos a peso de ouro por Augusto César, que sabe Deus se seria, ou não seria, era porque era um só Virgílio o que poetizava; mas hoje, que se comutaram a poetas todas as sete pragas do Egipto, quem quereis vós que os farte, quanto mais que os 30 enriqueça? Vão-se nas horas más, e de duas escolham uma: ou sejam menos e melhores, ou se sofram a si como os estimam, tendo-se por aqueles que montam.

Lipsio. A mesma razão nos obriga a passarmos 35 pelos achaques, contentando-nos de evitar doenças mortais.

Quevedo. Despachemos, logo, os que se seguem, que é grande a multidão que se vai descobrindo.

Autor. Anastácio Pantaleão, D. Jerônimo Câncer, e Salvador Jacinto Polo de Medina estão aqui todos juntos, lançados em um leito, e doentes de um mesmo mal. 5 *Quevedo* Crede-me que outro tal terno se não ajuntará em muitos tempos, pois por ele se pode entender aquele verso de Gôngora: *El terno Venus de sus gradas summa.*

Lípsio. O que li e entendo desses três poetas cor-W tesãos não pode ser de melhor gosto.

Bocalino. Não há dúvida que os castelhanos nasceram para zombarias.

Quevedo. O Câncer o poderá ser do Zodíaco; o Pólo do céu e o Pantaleão, com duas letras menos, 15 *panteão* de todos os deuses.

Bocalino. Grande engenho tiveram esses mance-bos, mas, se advertis suas chancas, são como casuais e consistem mais no jeito da palavra, que na eficácia da cousa. 20 *Lípsio* Pois desse pé coxeam, curem-se dele e vão-se avante.

Autor. Vem Tomé de Burguillos, da mesma classe.

Lípsio. Esse participará dos remédios que se tem 25 receitado às obras de Lope, seu autor disfarçado.

Autor. Agora jaz ali uma grande cópia de livros entre graciosos e travessos, dezanove ou vinte como sardinhas em tejela, de Alonso Jerônimo de Salas Boubadilha, pouco menos de D. Alonso de Castigo lho, e com eles dous mil manuscritos tinhosos. que

1 *Anastácio Pantaleão* (de Ribera), *D. Jerônimo Câncer* (y Velasco). *Salvador Jacinto Pólo de Medina* — poetas espanhóis do sec xvii

22. *Tomé de Burguillos*: pseudônimo de Lope de Vega

28 *Alonso Jerônimo de Salas Boubadilha* (na edição Sá da Costa: *Barbadilho*) e *Alonso del Castillo* (Solor-zano): poetas e prosadores espanhóis do sec. XVII.

se metem de gorra com os doentes, de poetas envergonhados, que não consta haverem saído a público com seus escritos.

Quevedo. Quanto é com os envergonhados, não 5 estará Pedro Mendes de Loiola, a quem por desavergonhado chamaram o poeta Adão, porque tudo nomeava por seu nome, sem alguma observância de decoro.

Autor. Segue-se D. Antonio Solis, da *Musa Fes-10 tiva e Cortesã*; D. Romão Monteiro, D. Antonio Martines, D. Antonio de Huerta e D. João Veles.

Lípsio. Tende mão, que a esses, mas que feneçam, não podemos ouvir nem emendar, porque nossa comissão, sendo castigo e não privilégio, 15 antes se restringe que dilata, uma cousa é serem engenhos, e outra é serem autores.

Quevedo. Podeis-lhe mandar a todos que, em penitência do bom humor que se gastaram, se fiquem agora com o ruim, até que de todo esqueçam, 20 que não tardará muito.

Autor. Ficava-se aqui entre eles escondida a *Joco-séria* de Luís de Benavente, que se dói muito de o nome do livro ser tal, que nem os livreiros acertam a lho escrever em rótulo, nem os curiosos 25 a lho apetecer em capricho.

Bocalino. Pelo nome, fora bem empregado deixá-lo morrer à míngua.

Quevedo. Pelo engenho do autor não, porque foi dos mais singulares deste século. 30 *Lípsio*. Informado estou da variedade desse pres-bítero, e me parece que na extravagância do gosto não teve igual.

9. *Antonio* (de) *Solis* (y *Ribadeneyra*): historiador e comediógrafo. *Romão Montero* (de *Espinosa*), *Antonio Martínez* (de *Meneses*). *Antonio* (*Sigler*) *de Huerta* e *Juan Velez* (de *Guevara*), escritores dramáticos, do sec. xvii. 22. *Luis* (*Quinones*) *de Benavente*: poeta dramático espanhol do sec. xvii

Bocalino. É o Jerônimo Bosco da poesia, como o Bosco foi o Luís de Benavente da pintura; porque, sendo desvarios quanto pintou o Bosco e escreveu o Benavente, nem os pincéis nem as penas viram 5 borrões e rasgos mais bem atinados.

Lípsio. Vede-me ora esse livro gordo, que parece inchado, se porventura é hidrópico ou que mal padece!

Quevedo. Padece todos os males, porque a esse 10 propósito foi chamado *Para todos*.

Bocalino. Não é este o famoso João Peres de Montalvão, contra que vós, senhor D. Francisco de Quevedo, escrevestes a vossa *Perinola* e fostes respondido com o *Tribunal da justa vingança*, com 15 que vos deram uma surra?

Quevedo. Esse é.

Bocalino. De mim confesso que nunca tive inveja a papel algum, como daquele vosso, nem raiva igual, como daquela invectiva, tão pesada e desga- 20 lante, com que o Montalvão pertendeu defender-se.

Lípsio. Dessas demandas e repostas tenho eu muita notícia; mas, estando Quevedo diante, que é suspeito, não se pode falar em Montalvão, mas que seja Reinaldos. 25

Quevedo. Eu já disse dele o que sentia.

Lípsio. Antes o que ele sentiu.

Bocalino. Confesso que teve engenho mais fácil que profundo; mas, visto que perdeu o entendimento antes da vida, e de sorte que nos não poderá

1. *Jerônimo Bosco* (J. Bosch von Acken): pintor, escultor e gravador flamengo.

11. *Juan Perez de Montalvão* (*Juan Perez de Montalbén*) — autor com quem Quevedo manteve disputa literária.

24. *Reinaldos*: nome do herói do romance de cavalaria — *Libro del Noble y esforzado caballero Reinaldos de Montalbán* (1525).

agora informar de seus achaques, fique-se por incapaz de cura.

Quevedo. Olhai cá. Juízos vejo eu no mundo que muito grande ventura fora darem uma volta a seus 5 donos, porque então pode acontecer fiquem às direitas.

Autor. Por essa razão, em aquele celebrado testamento de João de Saldanha, que foi dos grandes cortesãos de seu tempo, ordenava que o enterras-10 sem de bruços, porque, como o mundo acabasse de dar a volta que ia dando, ficaria ele enterrado de unhas acima.

Bocalino. Lembro-me, quando a Corte de Castela andava dividida em *Montalvanes*, como eles 15 diziam, e *Vilhaizanes*, que não venha cá mosteiro de freiras ociosas mais revolto, com Baptistas e Evangelistas!

Lípsio. E quem era esse Vilhaizanes?

Quevedo. Um pedaço de um advogado, que com 20 duas comédias, ou uma e meia, se quis levantar a tanto auge, que a todos nos desprezava.

Bocalino. Pelo que vi e ouvi, era de muito mais fino metal o talento de Vilhaizanes que o de seu oposito, porém todo curto dos nós, além de ser de 25 esfera cômica, que na ordem dos poetas montam como os barbatos ou leigos de qualquer outras religião.

Quevedo. Ajuntai-lhe que passou a competência desses dous a tão grande excesso, que obrigou à 30 Majestade de El-rei, creio que menos atentamente do que devia ser, a acudir ao pátio público das comédias, suposto que em lugar privado, a fim de acreditar o espectáculo destas farsas.

Lípsio. Os emperadores romanos e os famosos dinastas gregos freqüentavam os circos e os espectá-

14. *Montalvanes e Vilhaizanes*: partidários de Montalbán e de Jerônimo de Villayán.

culos, não só dos histriões, mas as orquestras e regmas, mal ou bem cantadas e representadas pelas ruas de Atenas e de Roma.

Bocalino. Por sinal que faziam eles então o que 5 aos sesudos parecia muito mal, e de temor não repreendiam, porque os príncipes, sentindo muito que se reprovem suas obras, sentem ainda muito mais que se lhes não aprovelem seus costumes.

Autor. Vejo agora aqui grande tropel de poetas e 10 romancistas e farsantes, e por capitão dos aleijados a Luis Veles de Guevara.

Bocalino. Porventura que desse feito ficou coxo o seu Diabo, que foi a musa que lhe ditou o seu *Diabo Coxuleo*.

15 *Lipsio.* Muito estranhei eu, quando me mostraram esse livro, que um homem de boa opinião, depois de muitos anos de aplauso, uma vez que se pôs a escrever atrancos, como ele chama aos capítulos desta obra, saísse como cousa tão desigual ao

20 que de ele podia esperar-se.

Bocalino. Fazer livros é tentação, e para muitos tão urgente, que há pessoas que tem por tão preciso imprimir um livro, como passar em vida ou morte pelo buraco de Santiago.

25 *Quevedo.* Sem embargo, Luís Veles teve singular agudeza, graça e despejo em seus escritos, e um destemor tão grande, que a todos nos fez ousados na poesia, musa alegre e bom castelhano, que todos igualaram.

30 *Autor.* Após dele, vem lançando a alma de cansado D. Antonio Coelho e D. Jerônimo, seu irmão; Gaspar de Belmonte, D. Gabriel de Quesada, D. Pedro Calderon, D. Francisco de Roxas, D. João de Orosco, D. Francisco Rolim, e outros muitos mil,

com mais compostos de cômica, que traz consigo na arte o nome *Quis vel quid*.

Lípsio. Tá! Pelo amor de Deus passemos por eles como se tal gente não houvera no mundo, porque, 5 se cheiram às mezinhas, sequer por novidade hão--de querer emplastos.

Bocalino. Por nos desenfatiarmos dos poetas entremezantes, folgara que víramos aquele livrinho que ali diviso, magro e deminuído, a quem pelo 10 título conheço.

Lípsio. Chama-se *Leciones Morales*, de Rodrigo Fernandes de Ribeira!

Quevedo. É poeta de escolhido engenho e, depois de Gôngora, ninguém escreveu mais culto e cris-15 tamente que ele.

Autor. Contudo, teve pouca razão em misturar com tantas veras as burlas do seu *Mezon del Mundo*, posto que com maiores alegorias.

Bocalino. E ainda nelas teve pouca e menor 20 razão.

Autor. Estas são as *Rimas Várias*, de D. Francisco de Borja, príncipe de Esquilache!

Lípsio. Vede se vem aí com elas a sua *Conquista de Nápoles por El-Rei de Aragão D. Afonso, o 25 Conquistador*, seu parente, porque há anos que estou citado para me parecer bem esse poema.

Quevedo. Quer apareça quer não, o príncipe gozou mais principal musa para lírico que para heróico. Perdoe sua excelência, e com perdão do 30 senhor Lope de Vega, seu familiar, quando em aquele verso disse: *Virgílio, Borjas, Garcilano e Ovidio*.

Autor. Quando veio à Corte castelhana por embaixador de D. Francisco de Este, duque de Mo-

21. *Borjas* — (D. Francisco de Borja) príncipe de Esquilache. — *Garcilano* — (Garcilaso).

dena, o conde Fúlvio Teste, com voz do maior poeta dos que então viviam em Itália, congregou em sua casa o Príncipe os engenhos assinalados que se acharam em Madrid, para com eles e o Fúlvio 5 ver e rever o seu poema. Coube-me a mim em sorte ser eu o leitor do livro, donde estou lembrado que aos mais dos circunstantes pareceria talvez pressa ruinosa a fácil e arrebatada veia do Príncipe, a cuja causa não castigou os versos segundo 10 a majestade épica requer, pelo que averiguámos que seria avantejado poeta lírico.

Bocalino. Vemos, contudo, suas rimas enfermas de alguns desses descuidos.

Quevedo. Certo que a doçura e amenidade delas 15 é tal, que notavelmente agrada aos ouvidos, peitan-do-os para que não se lembrem de suas venialidades.

Lípsio. Os engenhos são como os diamantes, que quanto um é mais subido, melhor se deixa conhecer 20 nele a menor falha; a esta causa devemos esforçar--nos quanto pudermos para deixarmos purificadas umas e outras obras deste senhor, ordenando-lhes um lavatório de águas do Letes, donde fiquem purgadas e esquecidas as partes indecentes e vulgares 25 que nelas se acham, porque, desde achaquezinho em fora, não só príncipe mas rei, poderá ser o Príncipe dos poetas.

Bocalino. Se eles fossem gente capaz de reinado! Mas de mu.atos ou ciganos não escapam na seme30 lhança, por ser gente sem rei.

Autor. Parece que saiu o triunfo de engenhos nobres!

Quevedo. Qual é esse volume que tendes na mão ?

Autor. O volume será arrazoado, mas não o foi

1 *Fúlvio Teste:* político e poeta italiano da época.

seu autor, deixando na fé dos padrinhos, sem o dar à estampa.

Bocalino. Que cousa, enfim, é esta?

Autor. As obras, quando menos, de D. Antonio 5 de Mendonça.

Lípsio. Oh, quanto prezo de as achar aqui, que as hei-de levar comigo e curá-las em minha própria casa!

Quevedo. Valha-me Deus! Que descuido tão 10 grande!

Lípsio. Mas a essas obras que lhes pode doer, salvo o não se verem já estampadas, para que todos participem da sua galantaria e primor?

Bocalino. O melhor que eu acho a esse Mendonça 15 foi fazer tão pouco caso de suas discições, que as deixou por ali desperdiçadas: na mina do ouro e na casa do ourives, até as varreduras são de vinte e quatro quilates.

Lípsio. Enfim, este livro levo eu e fico por fiador 20 de sua melhora.

Autor. Não sei se vem a boa hora e ocasião Francisco da Costa e França, e Antonio Lopes da Veiga a se curar com suas poesias.

Bocalino. Quanto é o primeiro desses, deve de ser 25 poeta héctico, segundo a magreza desse seu livrinho.

Quevedo. Pois crede que, assim nos ossos como está, apoucado de sonetos e empobrecido de romances, foi um dos mais polidos engenhos do 30 nosso tempo.

Autor. E o outro?

Quevedo. Um dos mais sábios e de melhor esco-

4. *D. Antonio de Mendonça:* Antonio de Mendoza autor de várias peças.

21. *Francisco da Costa e França:* autor de um pequeno volume de poesias.—*Antonio Lopes da Veiga:* poeta e prosador português.

lha em tudo, como se vê no seu *Heráclito e Demócrito*, que entre todas as opiniões dos antigos é singular e esmeradíssimo seu parecer.

Bocalino. Contudo, não se pode um nem outro 5 remir da censura dos críticos; porque haveis de saber que o descontentamento ou detracção é tão precioso nos poetas como as bexigas, Não sabemos quem a este mal haja escapado, desde o filho do rei ao do birbante, nem dos poetas, desde Homero a 10 Gregório de São Martim.

Lípsio. Fique-lhe, logo, por medecina esse desengano, e vivam como a galinha com a sua pevide.

Bocalino. Escutai esse livro novo, que, se me não engano, se queixa por estilo diferente e com vozes 15 mais desenvoltas e prazenteiras.

Autor. Não é menos que o *Parnaso Espanhol*, do Senhor Quevedo, que aqui está presente.

Quevedo. Valha-me Deus! E já eu ando em duas figuras, como César, sem ser imperador! Mau ne-20 gócio! A mim me não dói agora pé nem mão, sem embargo de que sou cachoço e gotoso, e já ando em vida mendigando remédios pelos hospitais. Que será isto? Quem lhe vai mais que a mim próprio em minha saúde? 25 *Bocalino*.

Faze conta que te acontece o que ao enforcado, a quem pregava certo religioso, que, entendendo sua dureza, lhe disse: — *Olha, filho, o que me custas e como vou aqui tão afligido, suando por teu respeito* / — Ao que o enforcado, com muito 30 descanso, respondeu: — *Pois, padre, se eu, que vou a enforçar, não suo, quem vos mete a vós a suar por mim?*

Autor. Ajuntai que é um dos freqüentes desva-rios do mundo tomar, sem ser por caridade, às 35 costas, os trabalhos alheios, para fraquear com os seus.

Lípsio. Assim é, porque não há amizade mais inútil ou zelo mais depravado do que adoecer cada um

das dores alheas, quando o mesmo que as padece se não sente delas. Para com os grandes, é lisonja enfermar de seus males; para com iguais, imperti-nência, e para com os menores, hipocresia, sendo 5 para com todos falsidade. O príncipe e o rei é obrigado a se compadecer da parte da natureza do afligido, não a lhe pagar com lágrimas e demonstrações inúteis, que chorar e engolir são manchas de coco-drilho, sendo alto sacrilégio fazer a piedade serva

10 da traição e seu menistro. Disse com galantaria um poeta que mais favorecera Cristo a Lázaro, cho-rando-o, que ressuscitando-o, porque os olhos são ministros do amor, e não do poder; donde fica claro que ao príncipe e ao juiz não lhe foram dados os

15 olhos para chorar, senão para olhar a fraqueza e a miséria alhea também como homens míseros e fracos. Reporto-me, finalmente, a que são muito cansados no mundo uns certos homens que se vos fazem tanto do coração, que não há lança-los dele.

20 *Autor.* Antes parece sobeja bondade.

Lípsio. Não é senão demasiado fingimento e negócio, sobre descortesia; porque, se entrar uma pessoa na casa alhea sem consentimento de seu dono, se julga por mau ensino, quanto maior o

25 será querer-se-me um marmanjo meter na alma à força? Digo-vos que me têm cansado mais que meus próprios inimigos uns meus amigos que contra meu gosto querem ser mais meus amigos do que eu quero; porque olhai: o homem discreto há-de ser

30 nesta parte como o bom físico, o bom letrado e o bom confessor, que em consciência não podem tomar mais doentes, litigantes ou devotos do que aqueles que podem curar, aconselhar e defender. Se eu não fizesse conta de fazer muito por meus

35 amigos, dera-me a todos facilmente; mas, como isto não pode ser assim e que eu hei-de fazer tanto por cada um como por mim mesmo, não é possível que tome carga com que não posso!

Bocalino. Outra melhor observação vos esquece, pois saiu o triunfo de amizades. *Lípsio.* Qual?

Bocalino. Que ninguém se obrigue a fazer por 5 outrem mais amizades do que dele se espera que faça por seus amigos.

Autor. Essa máxima tinha como tão grande político bem conhecido o nosso Sá e Miranda, dizendo: — *Quando te hão mister, és seu; quando os hás 10 mister, és teu.*

Quevedo. Já ouve alguém que disse nos eram mais danosos os amigos que os contrários.

Lípsio. É porque eles não são como haviam de ser. 15

Bocalino. Para tudo há razões no mundo.

Autor. Acabemos já com este livro, com que não temos ainda começado.

Bocalino. Assim seja, e acabe também o Senhor D. Francisco de Quevedo com as suas *Musas*, e faça 20 nove, sem temor de que se diga *por estes, nove fora, nada* —, antes, ficando somente seis, pode dizer algum vilhaco, vendo tal meia dúzia, que não é ainda poeta das dúzias, que é menos ametade. *Quevedo.* O invento não foi meu, mas do 25 Macedónio, poeta italiano, que nesta maneira publicou suas obras.

Autor. Certo, que não sabia eu que o Quevedo tinha pensamento, quando constituiu em título das *Três Musas*, essas poucas obras que andam impressão sas com o meu nome.

Quevedo. Afirmo-vos que tal tenção não tive nunca; pois, como vistes, mostrando-vos muitas vezes os cartapácios de meus versos, jamais acháreis neles tais nomes. Veio depois de minha morte 35 D. João Antonio, meu ilustrador, e quis ordenar

25. *Macedónio:* Marcello Macedónio, poeta italiano do Séc. xvii.

por essa maneira a procissão dessas ociosidades; mas posso-vos dizer que o não senti menos que as pesadas dissertações com que introduz e explica as *Seis Musas* que manifestou; e, sendo certo que es-5 crevi trovas não só para dotar às nove Musas, mas a dez ou doze, se as houvera, ele se cansou em perigoso número.

Bocalino. Ainda mal, porque já nele se não estranham as faltas, quanto mais em Musas, que também são más mulheres, porque são de quem as quer.

Lípsio. Eu as li todas e, sobre louvar muito a elegância, venustidade e graça de vossos versos, em alguns lugares deles vos acho por imodesto, re-preensível; porque contra o competente decoro, que 15 é uma das mais honrosas leis da natureza, ninguém pode sem delito ser licencioso. A vergonha, pejo e recato sempre é santo costume, sobre que não ignoro a doutrina que por diferente estilo escreveu o português João de Barros no seu excelente livro'

20 da *Viciosa Vergonha*. Porém, que escrevera aquele grave autor nestes tempos, em que já não há vergonha viciosa por excessiva, mas por limitada?

Bocalino. Acabai de o dizer, como Deus manda.

Quer dizer tudo isso que o maior mal que hoje pa- 25 dece o mundo e os mundanos é de pouca vergonha.

Quevedo. Eu vou por uma vez doutrinado; mas quisera saber de vós outros se esta censura se estende a todas a minhas obras, ou se só nos versos **se limita**.

30 *Lípsio*. A todas não, porque elas podem ser molde dos acertos em quantas matérias tendes tratado. Noto-vos Sòmente de demasiadamente travesso.

Bocalino. Repreendi-o vós, Senhor Justo Lípsio, 35 por parte da filosofia ou quebranto da razão. Eu aviso, por parte da poética, a vossa musa de luxu-riosa, por luxo, superfluidade e frequência, se não dissermos porfia de conceitos, que se derrama ou

desperdiça em cada assunto, sendo força que, sendo muitos, não possam ser iguais, e que, à vista dos sublimes que em vossos escritos resplandecem, perdem muito os de menor quilate. Ao tropel dos 5 conceitos deve o juízo do poeta fechar as portas da mente, extremando uns de outros e deixando que uns saiam, outros não. Parece-me que nos sobejos fostes falto, que é novo pecado para cavaleiro de Tenara I

10 *Quevedo*. A uma e outra censura vossas só respondo, não sei se satisfaço, que os humores mal se mudam; pode-os destemperar a idade ou a fortuna e temperá-los também o gosto e a dita. Aniquilá-los de todo só é ofício da morte.

15 *Lípsio*. Assim é.

Quevedo. Bem se viu naquela galante história do nosso salgadíssimo Garci Sanches de Badajoz, um dos homens de maior graça que o mundo teve. Era tão inclinado a graças, que nem na morte se des-

20 cuidou delas.

Bocalino. Como foi essa história? Porque o morrer com graça é muito bom, e com graças é muito mau.

Quevedo. Estava expirando Garci Sanches, quando se mandou vestir no hábito de São Francisco, por acabar nele; e, como por cima lhe pusessem o hábito de Santiago, cujo cavaleiro era, ficou, com tanta roupa, notavelmente pomposo. Olhou para si e, vendo-se de tal sorte, dizem que disse aos circunstantes: — *Agora, dirá Dios: — Mi amigo*

30 *Garci Sanches, muy arropado venis! — Y yo le responderé: — Señor, nó se maraville, que parti en Invierno!*

Lípsio. Ora, como vos dizia, os costumes da vida mal se deixam antes dela, sendo esta uma das maio-

9. Tenara (na edição Sá da Costa, Tenaza). 23. *Garci Sanchez de Badajoz*. —Veja a nota 1 pág. 49.

res recomendações que tem por sua parte os bons costumes. Veja por isso cada um que costumes recebe.

Quevedo. Lembra-me, a esse propósito, que, 5 quando degolaram na praça de Madrid aquele trágico valido D. Rodrigo Calderon, foi notado de que, ao subir do cadafalso, levantara com tanto brio a falda do capucho que levava por dó de si mesmo, que até o confessor, que o ajudava a bem morrer,

10 reparou na sobeja bizzarria e graça daquela acção; de que, repreendendo-o, se escusou com haver sido em toda a sua vida despejado e airoso em seus movimentos.

Bocalino. Satisfação era bastante, porém mais 15 digna de uma dama que de um varão, cujo semblante desfiguram os sobejos adornos.

Quevedo. Ide-vos embora com o vosso mancebo mal cingido, que tudo foi uma ilustre hipocresia com que César enganou os marmanjos de Roma, para 20 se fazer senhor deles e delas.

Bocalino. Ainda me acomodo mais com que ainda porventura seria malícia de Catão, seu contrário, porque estes muito bacharéis sempre se prezam de fazer de nadas cavaleiros armados.

25 *Autor.* Bem está tudo isso; mas nós mal, se a este passo havemos examinar toda esta livraria; sendo assim que só para a estante dos poetas portugueses, que agora nos ficam à mão, necessitamos de muitos dias de conferências.

30 *Bocalino.* Tão tortos e aleijados são os engenhos dos vossos paisanos?! Nova cousa é essa, porque de nós sempre foram tidos em boa reputação.

Lípsio. Se o achaque dos Portugueses não for inveja, cedo espero que tenham saúde.

Quevedo. Ora venha o primeiro desses vulgares.

6. *D. Rodrigo Calderon:* valido de Filipe III, de Espanha.

Autor. Aí tendes ao *Lima* de Diogo Bernardes.

Quevedo. Esse foi poeta da terra da promessa, todo mel e manteiga; não se viu musa mais minosa.

Autor. Parece que o estranhais, como se à poesia 5 conviesse por alguma via alguma asperezai

Bocalino. Assim é, mas também nos não negareis que os versos se querem varonis e esforçados.

Quevedo. Isso parece que entenderam os Franceses, quando sobre a sua vulgar poesia lançaram 10 aquele grande preceito, a nós mais difícil de observar, que a dura lei dos consoantes.

Autor. Qual foi?

Quevedo. O costume que tem de fazerem versos machos e fêmeas, com infalível regra que, se um 15 verso acabou em dicção masculina, lhe há-de suceder outra dicção femenina. E assim procedem os poemas universalmente.

Bocalino. Não venham cá as palmas idumeas, que não dá fruto a palma-mulher, sem que a palma-20 -homem seja plantada junto dela.

Autor. E como são estes casais de versos franceses ?

Quevedo. São agudos e graves, reputando os agudos por de gênero femenino, e do masculino os 25 graves; de maneira que a última dicção de qualquer dístico, como vos disse, uma há-de ser forçosamente longa, se a outra breve.

Bocalino. Farão casta os Franceses com os seus ritmos, e não sei se mui castiça, sendo sem dúvida 30 que, das nasções vulgares, os Franceses tem o derradeiro lugar na poesia.

Lipsio. E o primeiro?

Bocalino. Quererão, sequer por mais antigos, que seja eu, os nossos italianos. 35 *Autor.* Boa graça é essa para Manuel de Faria,

35. *Manuel de Faria:* Manuel de Faria e Sousa. já citado.

- que para os Portugueses acarreta esse principado. *Lipsio*.
Senhores, por agora, curemos ao Bernardes, que não faremos pouco. *Autor*. Não tem cura, porque nele não há algum mal notável ou contagioso; haverá, quando muito, achaques de velho, com que já nos manda viver quietos o poeta latino, assegurando que ninguém vive sem crime, que é sem doença. *Lipsio*. Quem é esse outro?
- 10 *Autor*. As obras várias de Francisco Rodrigues Lobo.
Lipsio. As de prosa tem perfeitíssima saúde; não há para que lhes pôr mão, porque foi claro, engenhoso, elegante, grande cortesão e não menor jar-
15 dineiro da língua portuguesa, que tosou, poliu e cultivou como bom filho e grato repúblico.
Quevedo. A *Corte na Aldeia*, que vi sua, avanta ao conde Baltasar Castilhoni, na sua *Aldeia dos Áulicos*.
- 20 *Autor*. O mesmo Castilhoni confessou nesse seu livro quanto reconhecia a cortesia dos Portugueses, dedicando-o ao nosso cardeal D. Miguel da Silva, filho do Conde de Portalegre, concorrendo então em Itália tantos e tão notáveis sujeitos, como
25 celebra Ângelo Policiano, Aldo e Paulo Manúcio, em suas Epístolas daquelas eras; donde se acham muitas do próprio Policiano para o cardeal D. Miguel, como espelho de cortesãos que com ele conviviam.
- 30 *Bocalino*. As *Églógas* me pareceram o melhor livro deste poeta.

18. *Baltasar Castilhoni* (Baldassarre Castiglione) (1478-1529): escritor italiano, autor de *Il Cortegiano*.

22. *D. Miguel da Silva* (†1586): bispo de Viseu.

25. *Ângelo Policiano* (1459-1494): humanista italiano contemporâneo de D. João II.—*Aldo* e *Paulo Manúcio* — humanistas e impressores italianos da época.

Lípsio. Tendes razão, que em nenhuma língua vulgar achareis versos de maior proprieadde e energia.

Autor. Aos mais poemas que lhe diremos?

5 *Bocalino*. Já se sabe que os mandamos lançar no Tejo, donde seu autor se afogou, para que o vão buscar e lhe requeiram que os emende ou os sepulte.

Autor. Dous Rodrigues estão juntos ao primeiro, ambos poetas tísicos, segundo são demenuídos seus 10 volumes.

Quevedo. Quais se nomeam? *Autor*. Fernão Rodrigues Lobo, a quem disseram o Zarapitae, Estêvão Rodrigues de Castro, aquele com um ptqueno manuscrito, estoutro com um 15 breve volume, estampado em Florença.

Lípsio. Do primeiro posso afirmar que, se padece alguma paixão extrínseca, bem pode ser; mas que no espírito poético que o informou está são de todos os quatro costados. Foi poeta mestre e, 20 quando não escrevera mais que os seus *Desvarios*, bem se vê que quem desvariando acertava por aquele modo, quanto acertaria atinado! O companheiro tinha melhor musa que fé; o seu *Arion* é poesia de conta, suposto que escreveu em caste-25 lhano, que o não sabia tanto como a sua própria língua, em que luzira mais se nela fizera suas composições; porém no célebre poema que publicou da *Imortalidade da Alma*, fez prova de grande filósofo, sobre poeta ilustre. 30 *Bocalino*. Não ouvi nunca a Lípsio tão oficioso com os seus flamengos!

Lípsio. O mundo é pátria do sábio, mais certa ainda, que do forte. Aquele é mais meu paisano,

12. *Fernão Rodrigues Lobo* (Soropita): poeta que dirigiu a 1.^a edição de poesias de Camões.—*Estêvão Rodrigues de Castro* (1559-1637): médico e poeta português.

que é mais erudito professor de sua ciência ou faculdade.

Autor. Aqui jaz, bem lastimado, *Afonso Africano* e o seu autor, Vasco Mouzinho de Quevedo. 5 *Quevedo.* Toca-me pelo apelido a compaixão! Que tem este pobre poeta?

Autor. Tem muita pobreza e muita riqueza: é muito pobre na fortuna e muito rico na ciência.

Bocalino. Dele tenho ouvido ser um dos mais rezo gulares poemas heróicos que andam nas línguas vulgares.

Lpsio. Assim é; mas que aproveita? Se a ruim sorte do vosso rei D. Afonso o V, seu herói, se lhe pegou ao poeta!

15 *Bocalino.* Escalígero me jurava no nosso tempo, pelo juramento dos seus graus, que o Mouzinho no *Afonso* e o Ponciano no *Pelaio* podiam ser reformadores da recolecta dos poemas heróicos de Espanha. 20 *Quevedo.* Por sinal que são nela e fora dela os menos conhecidos! Sede lá grande poeta, a ver o que vos sucede!

Bocalino. Não escondais lá de nós essoutros livri-nhos, que não vimos aqui a empecer e censurar, 25 senão a melhorar e a advertir, que é obra de misericórdia.

Autor. Tenho-lhe afeição, pela que tive a seu compositor.

Bocalino. Enganais-vos, que quem quer conhecer 30 o mal quer ministrar a mezinha, e quem procura a saúde deseja a vida ao doente.

Autor. Contudo, o amor nunca foi bom enfermeiro. Vereis que a mãe foge com o filho nos braços, pelo não ver padecer uma cura rigorosa, expondo-se

17. *Ponciano:* Alonso Perez, el Pinciano (sec. xvi--XVII), médico e escritor espanhol.

antes à morte que à crueldade. Tal me sucederá com este livro.

Lpsio. Ora acabou. Dizei-nos quem seja.

Autor. É a *Lisboa Edificada*, de Gabriel Pereira 5 de Castro.

Quevedo. Jesus! Este livro, para ser são e salvo, não tendes mais que despegar-lhe aquele Juízo Crítico que traz, de Manuel de Gallegos, ao princípio, que eu vos dou minha palavra que logo ele fique 10 rijo e valente.

Lpsio. O vosso doutor Pereira de Castro escreveu em direito civil um livro *De Manu Regia*; mas com mais real mão ainda escreveu este, que agora vós escondeis. 15
Bocalino. Tão bom livro é este!

Lpsio. Tão bom! Porque compreende grande poesia, pensamentos, tropos, adornos, flores, clareza, elegância e majestade.

Bocalino. Acabai já de nos dizer que esse livro é 20 um estojo, e acabaremos de entender que há nele serventia para toda a cousa boa.

Autor. Não, quanto é por este, ponho eu que não tenha achaque.

Lpsio. Enganais-vos. Os livros são como os 25 homens, que, quiçá de serem seus filhos, herdaram deles esta ruim disposição. Vereis acaso um homem de gentilíssima presença, finas cores, compassados movimentos; e, quando o julgais um símbolo, cofre ou casa de saúde, vos desenrola um aranzel dos 30 achaques que padece, tal, que só de o ouvirdes ficais enfermo. Assim sucede com um livro que, apesar do frontispício próspero, do aplauso dilatado da opinião estrondosa, lá por dentro padece seus trabalhos, que melhor se encobrem que remedeam.

4. *Lisboa Edificada*: poema heróico de Gabriel Pereira de Castro (1571-1632).

Autor. Isso será. Senhor, em os mais, mas não cuidava eu que outro tanto podia ser com este. Creio, porque vós o dizeis. Não há, logo, livro nem 5 homem seguro neste mundo?

Lípsio. Deixemo-lo como estava, e sabeis de caminho que não há cousa de maior perigo que querer estar melhor que bem, aquele que não está mal.

Autor. Dous livros de menor grandeza se nos 10 oferecem aqui juntos: Paulo Gonçalves de Andrade e Antonio Álvares Soares, ambos poetas líricos e temporâneos.

Lípsio. Aqui estão esses dous! Não podem deixar de vir juntos, como a noite e o dia; porque de um 15 a outro não há a menos diferença que do dia à noite.

Quevedo. E qual o dia?

Lípsio. Vós o sabeis muito bem: o Paulo Gonçalves foi um polido e galante poeta. 20 *Bocalino.* Por essa conta, o Soares é farelo desta farinha, e no cabo o farelo leva a fama dos trovadores do seu tempo.

Lípsio. Lá fazei vossas amassaduras.

Bocalino. Seguem-se os dous Dons Franciscos. 25 Rolim e Portugal.

Lípsio. Já que falais nesse apelido, vede se me achais aí as obras de D. Manuel de Portugal.

Autor. Aqui estão para um canto e tão dormen-tes, que não terá pouco que fazer com elas a trom-30 beta do dia do juízo.

Lípsio. Em canto estão! Com muita justiça, porque são obras encantadas.

Quevedo. Direi por elas o que com não menos

24. *Dous Dons Franciscos:* D. Francisco Rolim de Moura e D. Francisco de Portugal.

27. *D. Manuel de Portugal:* amigo de Camões e filho do 1.º Conde de Vimioso.

graça que razão disse o marquês de Alenquer, D. Diogo da Silva, quando lhe mostraram essas obras.

Autor. Que disse? 5 *Quevedo.* *Ello grande cosa es, no sé yo si mala, si buena.*

Bocalino. Bem definiu o castelhano; mas, pela regra do outro, muito má cousa deve ser essa. *Autor.* Que regra?

10 *Bocalino.* Dizia um bargante que a regra geral, para se conhecerem os parvos, era somar todos os que o parecem e ametade dos que o não parecem.

Autor. O aforismo é bom, mas não bem aplicado, porque este autor, sobre confuso poeta, foi 15 científico e cuidou com profundidade. Quanto mais que temos por experiência que do apelido Portugal não há pessoa indiscreta em o mundo.

Bocalino. O bem não é como tinha.

Quevedo. Bastava que os Portugueses só tivessem 20 em suas casas aquele ilustre Conde de Vimioso, o primeiro D. Francisco de Portugal, que foi a mina da galantaria e do aviso, por que ele só adubasse de discrição toda a sua família.

Autor. O que vos eu posso afirmar é que essou 25 o D. Francisco de Portugal, de quem agora tratamos, de poeta em fora, foi um dos sujeitos de maior aplauso que houve em nosso tempo, assim neste reino como no de Castela.

Bocalino. Gosto da distinção que fazeis, dizendo 30 o poeta em fora, porque me lembro, a esse propósito, que, sendo gabado muito na minha aldea, diante de um sandeu, certo engenho de fama, respondeu ele:—*Ora Fulano, para poeta, não é parvo.*

Quevedo. Pelo Portugal se pode dizer à boca

1. *Marquês de Alenquer:* D. Diogo da Silva de Mendonça, conde de Salinas e oitavo vice-rei de Portugal durante o domínio dos Filipes.

cheia, porque eu sei era ele estimadíssimo na nossa Corte, com ciúmes de nós todos.

Autor. Eu vos direi o que me sucedeu com o vosso galante

D. Antonio de Mendonça, e meu 5 também, segundo o muito que foi meu amigo. Mostrei-lhe eu, antes que ele de todo me soubesse as manhas, de que já suspeitava, aquele soneto que anda nas minhas obras, escrito ao Príncipe de Espanha, e começa: *No te offerece aquel triunfo, oy 10*

solamiente. Viu-o, e olhou-me; e, depois de mostrar que folgava de o ver, me disse:—*Yo pense hasta aora, que de presente no se hallava otro poeta en su tierra sino D.*

Francisco de Portugal. Ao que lhe respondi: — *Yo tambien soy D. Francisco, y 15 soy de Portugal.* Tanta opinião lhe

deram os estranhos, quanta quiçá agora lhe nega a pátria, ou lhe Iregatea. *Lipsio.* Que obras há suas? *Autor.* As

Tempestades e Batalhas, uma idéia galante e namorada, que imprimiu em seus dias debaixo do nome de Tomás de Jape. Muitos anos depois da sua morte se estamparam

algumas rimas suas, com título de *Divinos e Humanos*

Versos, a quem deu forma de livro e pôs os remates Francisco de Vasconcelos, cujas obras também sem razão alguma houveram de padecer uma sorte semelhante de seu

engenho, bem desigualmente merecida; porque o sangue da vea da sua musa foi muito parente do sangue de suas

veas, ilustre e ilustrado por avós e por estudos. Tinha composto D. Francisco a *Arte de Galanteria,* o *Solitário,* os *Espíritos dos Portugueses,* e um famoso livro de cavalarias,

que ainda hoje se guarda com o nome de *D. Be-lindo.*

Lipsio. Grão trabalho, mas grande desculpa é essa dos autores de obras póstumas. *Quevedo.* Não vos mateis por ele nem por elas,

que todos vemos em o caracter desses versos go.
zava gentil espírito quem os compôs.

Bocalino. E que tal essoutro D. Francisco Rolim porque
entendo vos ouvi já neste lugar dizer e falai 5 nele outras
vezes?

Autor. Estes são os seus *Novísimos do Homem*,
poema misto, e ainda misto com muitas partes de
moral e heróico.

Lípsio. Ah, sim! Já o tenho visto e o julguei mais 10
douto que agradável. Cure-se de malancolia, e fj. cará
para viver muitos anos.

Bocalmo. Será pouco mais ou menos como a *Infanta
Coroada*, de D. João Soares de Alarcão, que eu vejo ali
tão caída detrás daquele almário, como 15 caiu a Grã-
Princesa de Bertanha.

Autor. Mais, e muito mais, é o Rolim por singularmente
estudioso, como se mostra no seu retrato de Galatea, à
imitação do que Marino traz em sua *Galatea*. retratando o
duque Carlos de Sabóia. 20 *Quevedo.* Também em
sextas rimas?

Autor. Também.

Quevedo. Oh, valha-me Deus! Que metro sem sabor é
esse! Nas primeiras cortes do Parnaso em que nos
acharmos, hei-de pedir a el-rei Apoio, por satis-25 fação de
meus serviços, que mande desterrar as sextas rimas do
mundo ou desterre para elas os seus afeiçoados.

Autor. Escreveu de mais os *Dias Críticos* e uma *Arte de
Tourear*, com extravagante capricho. 30 *Lípsio.* Os
gostos procedem dos humores, poucas vezes semelhantes
e menos vezes concertados nos homens.

Autor. De tudo o que vi de seus escritos, que várias
vezes me comunicou, não aparece parte. 35 *Lípsio.*
Assim consome o tempo, e esperdiçam os herdeiros o
nobre labor de tantos anos. *Bocalino.* Deixai já essas
lamentações, em que não encorrestes, sendo tantos como
bem logrados os

vossos livros anteriores e posteriores à vossa morte, para que haja lugar de que o Autor nos faça capazes dos muitos que pedem visita.

Autor. Seja o primeiro este meu amigo Antonio 5 Gomes de Oliveira nos seus *Idilios Marítimos*, parto nascido de uma flor, como ele diz em seu prólogo, ao que aludindo um doudo em Coimbra, dito o Doutor S. Martinho, topando-se acaso com esse poeta lhe dava engraçadíssima corrimaça, dizendo-10 -lhe: — *Velhaco, nunca hás-de parir sem dor, como se foras mulher?*

Bocalino. Esse nome *Idilio* é freqüente em os nossos poetas italianos, entre os quais se fez grande lugar Jerônimo Preti, um dos famosos modernos, 15 que na minha pátria ajuntam os consoantes.

Autor. Não averiguo cuja é a invenção, mas afirmo-me que este poeta foi o primeiro que trouxe a Portugal a cultura dos versos áureos, de que agora nos vestimos.

Quevedo. Dizeis verdade, e eu me lembro que D. Luís de Gôngora me mostrou um exemplar desse livro e carta de seu autor, comunicada por D. Gonçalo Coutinho, grande entre os vossos sujeitos, em prosa e verso; sábio ministro e destro capitão — como se não fale do livro que compôs da sua jornada e governo de África, que estas são outras mil e quinhentas —, mas também me não esqueço de que o Gôngora, sendo soberbo e desabrido assaz, respeitou notavelmente esta composição de Oliveira.

Lípsio. Já sei que foi homem estudioso. Há maré, enfim, bem estreada em nomes e símbolos. Sei contudo que padece sua indigestão de musa infelice,

4. *Antonio Gomes de Oliveira:* escritor português do sec. XVII.

• 22. *D. Gonçalo Coutinho:* escritor e militar do sec. XVII.

que, por procedida da frialdade do gênio, é de cura dificultosa.

Autor. Assim fundou não acabar suas obras.

Bocalino. Quais foram as imperfeitas, se o não foram todas?

Autor. Deixou quase no fim um poema heróico, português, de El-rei D. João I, e as histórias, em prosa, da ilha Terceira.

Quevedo. Uma vi eu da ilha de S. Miguel, escrita por Gonçalo Vaz Coutinho, seu governador, que me pareceu bem principiada, se a causa fora maior.

Autor. Como disse Virgílio, que da águia pão nascia a pomba, direi eu agora que uma águia não pode deixar de ser filha de outra águia; porque o
15 alto engenho do nosso discreto e prudentíssimo embaixador Francisco de Sousa Coutinho, filho desse Gonçalo Vaz, que dizeis autor desse pequeno livro, não pede senão um pai grandíssimo, quanto mais que a discrição, graça e condições parece que tem
20 solar nesta casa, porque irmão foi seu, Manuel de Sousa Coutinho, no século, e Frei Luís de Sousa na religião, ilustre cronista, não só da família dominicana, donde recebeu o hábito homem já de boa idade, mas de El-rei D. João o III, cuja grande
25 história compôs, suprimindo os defeitos e descuidos de Francisco de Andrade. Por esta posse continuou o bom logro de seus estudos e experiências o embaixador Francisco de Sousa, tanto em vários poemas, que furtou e publicou à curiosidade, como no
30 seu famoso livro, antes perfeito que acabado, das

10. *Gonçalo Vaz Coutinho*: escritor do sec. xvi-XVII, irmão de Frei Luis de Sousa.

20. *Manuel de Sousa Coutinho* (Frei Luís de Sousa) (1555-1632).

26. *Francisco de Andrade* (1540-1614): historiador e poeta.

memórias históricas e políticas dos anos das suas embaixadas, que são quase dezoito, cos entremi-tentes. Não degenera o sobrinho Manuel Pereira Coutinho, em quem foram iguais as graças e as 5 desgraças; porque sobre ser ele um livro vivo e inexaustos de cortesantias, tem composto outros galantemente escritos, várias novelas e invectivas, que bem correspondem ao crédito de seu autor, filho também de águia, como se vê nos agudos versos 10 que deixou escrito Lopo de Sousa Coutinho, seu pai, filho, como o embaixador, desse autor da *História Insularia*, que referistes.

Bocalino. Certo, vós não podeis negar a afeição que tendes a essa prosápia. 15 *Autor*. Nunca temi ser importuno nos agradecimentos, porque, como é fruta que o mundo vê tão de tarde em tarde, jamais enfastia.

Quevedo. Pois todos esses não devem ser curados?

0 *Autor*. Digo que o sejam, que lá lhes virá seu dia.

Lípsio. Quem diremos agora que vem nesse livro tão bem impresso?

Autor. Parece que saiu o trunfo de autores aquáticos. É a *Insularia* de Manuel Tomás, e com ela dous livros mais, em verso: a *Vida de S. Tomás*, seu assunto, e os *Poemas Sacramentais!*

Bocalino. Aqueles que se nos acolhem a sagrado parece que fogem da justiça, que já por essa causa, 0 conhecendo eu ali atrás o *Livro da Conceição*, de Luís de Abreu e Melo, e o de *Santo Antonio*, de D. Luís de Tovar, com todos os de Francisco Lopes Livreiro e os de Fr. Manuel das Chagas, de propósito vos não quis perguntar por eles.

10. *Lopo de Sousa Coutinho* (1515-1577): pai de Frei Luís de Sousa, autor do *Livro Primeiro do Cerco de Dio* (1556).

Lipsio. Pois isso não há-de ser assim, que, uma vez julgados, todos é força que venham à audiência e passem pela rasoura, visto que é para saúde das famas, se não das pessoas. 5 *Bocalino.* Eu me emendarei. Assim se emendaram eles!

Autor. Se houver lugar, podeis aqui talvez deter-vos com dous manuscritos encadernados, que não parecem senão livros. 10 *Quevedo.* Que autores?

Autor. De grande merecimento: o primeiro, Fernão Côrrea de Lacerda, a quem nada faltou para poeta grande senão a desconfiança, cuja falta lhe fez descuidar de suas obras, certo de muita estima. 15 *Quevedo.* Assim o ouvi já, e que tem filho de seu nome, herdeiro do primeiro espírito e galantaria do pai.

Lipsio. Visto isso, fique-se assim doente em custódia, até ver se seu filho torna por seu sangue e 20 nome, fazendo estampar seus escritos; e por entretanto se apiade com qualquer lembrança sua memória, a fim de que se não perca. E o que se segue?

Autor. Nuno de Mendonça, conde de Vair de Réis a quem a Musa não impediu o consulado, 25 porque depois de várias ocupações, foi governador deste Reino.

Quevedo. Ah, sim! Este era aquele Nuno, a quem o nosso Bartolomeu Leonardo escreveu ilustre Epístola, que começa: *Dizenme, Nuno, que en 30 ia corte quieres.*

Autor. Esse mesmo foi, porque o grande reitor

11. *Fernão Correia de Lacerda:* bispo do Porto, contemporâneo de D. Francisco Manuel de Melo.

23. *Nuno de Mendonça:* governador de Portugal desde Agosto de 1631 a Abril de 1633.

de Vila Hermosa o tinha em lugar de discípulo, havendo sido mestre do príncipe de Esquilache, primo e colega deste Conde.

Bocalino. Boa prova tendes dado à qualidade do 5 sangue e da doutrina, se foi tal a do talento.

Lípsio. Desse estou eu muito bem lembrado que era grande e suave; porque Nuno de Mendonça serviu em Flandes na câmara do cardeal príncipe e arquiduque Alberto, em tempos que eu o tratei 10 e conheci sempre reputado por pessoa de grande talento e cortesia.

Bocalino. Isso tem os Portugueses, que fora da pátria se esmeram no procedimento até não mais.

Lípsio. Contudo, nossas ordens não dão lugar a 15 entender e entremeter-nos na saúde dos manuscritos, porque ainda não tem doença confirmada a respeito, que podem ser todavia emendados e con-valecidos por si mesmos.

Autor. Conforme a essa regra, passo, logo, pelos 20 escritos de Martim de Castro, Gaspar Mimoso, Luís Pereira, Simão Torresão, Álvaro Frade, Tomé Tavares, Diogo de Sousa, Antonio de Castilho, Henrique Nunes, Francisco Córrea, Gonçalo de Lucena, D. Tomás Jordão, Jorge da Câmara e mil outros 25 poetas de conhecido e levantado espírito, porque não chegaram a ver suas obras manifestas por meio dos tipos.

Lípsio. Do descuido à culpa há tão pouco como da culpa ao castigo. 30 *Autor.* É chegado Fernão Álvares do Oriente com musa estrepitosa na sua *Lusitânia Transformada*.

Quevedo. Já li esse indiático, e me pareceu como pedra puríssima, como são os da sua terra, não com menos quilates na dureza, do que elas costumam 35 trazer na fermosura.

Lípsio. Notastes como deveis, porque um poema não é nem se fez para ser uma postila dos estóicos ou cínicos; não é uma homília devota; não é um

opúsculo místico, para que nele tudo sejam gravi-dades e melancolias. Jamais lemos que Saturno entrasse a fazer convite nas delícias do Parnaso; quiçá, a esta causa, fingiram os antigos que as 5 Musas eram damas, estando na sua mão assinar--lhes outra forma mais respeitável. São as donzelas louças, enquanto à flor da sua idade, porque verdadeiramente ela é uma arte florida, que pede sujeitos floridos em anos florecentes. Tira-a de seu
10 natural, e cuido que pelos cabelos, todo aquele que a quer fazer carrancuda.

Bocalino. Estou conforme com que se saiba que tão-pouco há-de ser chacota a poesia, ainda que há entre nós certo gênero de versos, a que chamam

15 batatas, tomado dos italianos, que se fizeram propriamente para os bailhes das comédias, que tanto montaram também as orquestras dos gregos, que se compuseram para cantar e bailhar pelas ruas em grandes festividades.

20 *Lipsio.* Não desprezeis esta composição, que tem mais antigo e mais nobre solar do que porventura cuidais; porque antes que os gregos, os hebreus usaram de semelhantes júbilos, epressados pela voz e movimento, que tal foi a santa composição salmo-

25 dia, em que floreceu David; e ainda antes Maria, irmã de Moisés, compôs cânticos e bailhes, e o mesmo fizeram as donzelas de Jerusalém, quando David entrou vitorioso do gigante Goliat, degolado no Vale Terebinto. Assim todos os mais cânticos

30 famosos que a Escritura celebra, e dela podemos imitar canonizados.

Quevedo. Deixemo-nos de tantas veras, que ainda lá não chegámos. Melhor seria ir desenrolando esses pobres aleijados.

35 *Autor.* Que me praz; mas notei que estão aqui dous livros de versos impressos em França. *Quevedo.* Que autores? Porque já sabeis que, depois que vi o Mercúrio feito Monsieur, não dou

muito por livros nossos que se vão estampar cisalpinos ou cisperinéus.

Autor. De um deles se dê por cúmplice o capitão Miguel Botelho. 5 *Bocalino.* Essa oficina carmoeziana havia mister arrasada, porque dá alcouce aos mais dos despropósitos que vão de Espanha a França curar-se de alporcas do entendimento, cura até agora não achada na empelota do óleo de Clodoveu.

10 *Lípsio.* Já fui de parecer que se mandasse evitar estas gírias ou faculdades da estampa, e cada uma das famosas oficinas do mundo trabalhasse somente nas obras de seus naturais, sem trasladar o que não entendia; como se pusera algum meio em licenças

15 demasiadas, houvera-o nos sacrilégios que cada hora vemos públicos, em dano das repúblicas.

Bocalino. Por certo que a troco de se escusar o escândalo que tem dado ao mundo aque es três anônimos que hoje conhecemos, a saber, a *Nuda Veri-*

20 *tas*, a *Justa Statera* e o maldito livro *De Tribus Impostoribus*. que modernamente, não Merlim (que dizem ser filho do Diabo), mas o mesmo Diabo devia manifestar e semear pelo mundo, foram bem tiradas dele todas as imprensas, com que não há

25 dúvida se adorna, usando-se como a razão pedia.

Quevedo. Ainda que com mágoa, acrescentai a esses todas ou quase todas as obras do Ferrante

Palavicino: *Il Locutorio delle Monichi; Il Divorcio Spirituale; Il O th anta Molli*, que os mais destes e

30 outros semelhantes, quando não toquem todos os quilates de errôneos, são de vinte e quatro quilates ímpios e desonestos.

Bocalino. Guardemos este alvitre para as primei-

4. *Miguel Botelho*: português, autor de *El Pastor de Clenarda* (1622).

27. *Ferrante Pallavicino*: poeta satírico italiano do sec. XVII.

ras cortes do Parnaso, como dizeis, donde de caminho podemos averiguar a este propósito aquela antiga questão, que já excitei, se foi mais prejudicial ao mundo a intervenção da pólvora, ou a de João 5 de Grotimburgo com a das impressões.

Upsio. Deixemos já este negócio, porque espera essoutro livrinho francês, cujo autor nos não declarastes.

Bocalino. Poetas há, e não poucos, por que se 10 pode passar como cão por vinha vendimada, porque jamais a sua vinha dá fruto que apeteça a curiosidade.

Autor. Sórora Violante do Céu foi a compositora dessoutro livrinho feito público por D. Leonardo; 15 ambas as cousas a meu juízo escusadas, por decoro de duas pessoas religiosas interpostas nesta discreta ociosidade.

Quevedo. No século vi e ouvi muitos versos deste sujeito, e sempre tive para mim que, sendo divino, 20 havia parar em o divino, porque o espírito, menos ainda que o sangue, se quer rogado. *Autor.* Tem que curar este livro? *Bocalino.*

Todos os filhos dos filhos de Adão participam nos seus achaques. 25 *Autor.* Também, logo, julgareis por doente um e outro poema de D. Bernarda, que aqui estão, como vos parecem achacosos os de Violante do Céu?

Quevedo. Ambas vem desse solar por linha direita do talento, que em ambas resplandeceu; e, como no 30 céu se não admitem peregrinas impressões, claro está que não pode lá haver achaques.

Bocalino. Falais pela bela filosofia. Já sabemos que a massa sidérea até o firmamento é corruptível, segundo a nova escola dos filósofos e astrónomos.

5. *Grotimburgo:* Guttenberg. 26. *D. Bernarda:* Bernarda Ferreira de Lacerda (1595-1644).

Quevedo. Sofrerei o que acerca disso disser Tico Brahe Danense, como me não alegueis com Renato Descartes, porque estou com ele de Candeas às avessas. 5 *Lípsio*. Muita notícia tenho destas duas poetisas portuguesas, e certo é de grande louvor em uma mulher cultivar tão varonilmente o entendimento pela parte laboriosa; porque quanto é na data e sesmaria deles, não foram elas pior aquinhoadas 10 que nós outros. Superamo-las, sendo mais robustos e capazes para o trabalho da alma e corpo, não porque o espírito reconheça ou se dobre à fraqueza do sexo.

Bocalino. Bem se vê, pois daquelas duas bem 15 notáveis freiras de Itália, ambas beneditinas, gozamos comporem dous livros tão divinos, um da Paixão de Cristo, todo composto de versos de Homero, outro do próprio assunto, fabricado dos de Virgílio, que fez maior admiração, por mais notório.

Quevedo. Eu na minha *Culta Latiniparla*, e o Autor na sua *Carta de Guia* não parece que nos amassamos bem com mulheres doutoras, autoras e compositoras, porque, como dizia um cortesão: — *É triste cousa que estelais com vossa mulher na cama, na mesa ou na casa, e andem lá pelas tendas mil barbados perguntando por ela*. Mas, sem embargo dos embargos, louvemos estas nossas irmãs e, se o seu mal não é melindre, sejam as primeiras a quem se advirta a emenda e receite a

1. *Thico Brahe Danense*: astrônomo dinamarquês (1546-1601).

20. *Culta Latiniparla*: «La *Culta Latiniparla*», onde *Quevedo* ataca o pedantismo das mulheres literatas.

21. *Carta de Guia*: «*Carta de Guia de Casados*, para que pelo caminho da prodência se acerte com a casa do descanso» (1651).

mezinha, se de todo o coração a pedem para remédio de suas obras.

Lípsio. Assim seja.

Bocalino. Melhor fora dizer *âmen*. 5 *Quevedo.* Não vi nunca ser ofício de homens grandes dizer os *âmens* a outra gente.

Bocalino. Dizeis vós nisso bem mal. porque só esses amenistas tem hoje a fortuna amena.

Lípsio. Esta visita dos poetas vai sendo grande 10 em demasia, e não sei se nos será mal contado gastar tanto tempo com os vulgares.

Autor. Se quereis começar com os latinos, aqui entre os nossos achareis Diogo de Paiva em os seus *Chauleidos*, que. segundo a opinião dos modernos, 15 não deve nada aos antigos.

Bocalino. Assim é; mas este poema, sobre se armar em versos preciosos, é sobejamente melancólico.

Quevedo. Como quereis que o não seja, sendo 20 dedicado a um defunto?

Lípsio. Não está ai a maior infelicidade, mas na contextura dele.

Bocalino. Assim é. porque não sabe de que freguesia seja. 25 *Lípsio.* Ora cure-se deste mal e, quando viermos a ver os gregos e latinos, lhe tomaremos o pulso e então, segundo vimos, assim faremos.

Quevedo. Ora, que dous livros enlutados de fitas são aqueles que ali se queixam doloridos? Não o 30 dirá o Autor que nos guia, mas eu o direi por ele: são as *Rimas de Melodino*, e o *Panteon*, da mesma mão guisado de outra maneira.

Bocalino. Sempre tive enxeco com homens invencioneiros.

Lípsio. Moderai-vos nessa censura, porque a invenção é uma nobre parte do talento das pessoas; e se em alguma coisa se admitem justamente figuras, disfarces, tropos e símbolos, é na matéria dos 5 livros. Assim, vemos que Lope de Vega se chamou *Belardo* em muitas obras suas; Frei Gabriel Teles, *Tirso de Molina*; e Frei Fernando de Brito, *Lisardo*, quando poeta; e que ainda na composição das Letras Sagradas se acham autores anônimos, outros 10 anagramáticos e outros simbólicos. Por isso, houve já autor sábio que se chamou o *idiota*; outro, cabal, que se chamou o *imperfeito*. O mesmo Pedro Lombardo é mais conhecido por *Mestre das Sentenças* que por seu nome próprio e, do próprio modo, o 15 *Doutor Subtil João Duns*, cujo nome poucos sabem, trocado ao de *Escoto*, tão digno de saber-se. Nem mais nem menos, D. Alonso de Madrigal, a quem ora chamam o *Tostado*, ora o *Abullense*; e quase a esta imitação o nosso insigne Frei Jerônimo da Azambuja, somente conhecido por *Oleastro*

Quevedo. Se dessas ficções soubera um cortesão do nosso tempo, acrescentara esta quarta mentira às três, que considerava honradas.

Bocalino. Olhai bem o que dizeis, porque honra e mentira ainda cabem menos em um saco que honra e proveito.

Autor. Quais eram? Para ver se vão por aí todos os honrados mentirosos que eu conheço.. *Quevedo*. Anos, fazenda e caça. *Lípsio*. Bem disse; mas nessas três se ensaiam em

15 *João Duns*: João Duns Scott (1274-1308). filósofo e teólogo escocês

17 *D. Alonso de Madrigal* prelado e escritor espanhol do sec. xv

19. *Frei Jerônimo de Azambuja*: teólogo português do sec. xvi.

pequenos para mentir em grandes, como o barbeiro,
que começa a sangrar em vea de folha de couve.

Bocalino. Deixemos o que pouco importa e ouça-mos
ou averiguemos o que publicamente se diz destes livros. 5
Quevedo. Que se diz?

Bocalino. Publicamente se afirma que o Autor que nos
acompanha é seu autor e de outros, sendo o pior que há
na matéria; mas para sair destas dúvidas, será bom que
venham aqui logo à balha todas 10 as obras e livros que
tem escrito, por que não ocupemos com um enfermo
muitas visitas, conforme o costume dos médicos destes
tempos.

Autor. Ai estão, e prouvera a Deus que fossem
menos. Dera eu assim menos trabalho aos amigos
15 na melhora, e aos inimigos menos gosto na censura.

Quevedo. Este é o primeiro dos impressos, dito
Política Militar.

Bocalino. Pequeno livro para matéria tão grande,
mas ele dirá, com sua boa licença, o que um
20 pregador moderno, que, sendo louvado de pregar
pouco, respondeu: — *Senhores, não se espantem,
porque eu disse quanto sabia.*

Quevedo. Estoutro é a *Guerra de Catalunha*, dedicado
ao Sumo Pontífice Inocência X. 25 *Lípsio.* Tende mão!
Esse livro não corre em nome de *Clemente Libertino*? Por
sinal, que por esse o citam os autores que lhe sucederam,
como João Baptista Moreli, na sua *Restauração de
Portugal*, e D. Fernando de Molina, em a *Epístola Apologé-
30 tica a El-Rrei D. Felipe*, afora outros.

Quevedo. *Clemente Libertino* diz o título dele.

Lípsio. Pois que causa teve o Autor para, em um
livro tão verdadeiro, pôr um nome fingido?

Autor. Se bem olhardes, não foram poucas, e

23. *Guerra da Catalunha:* «História de los Movimientos y Separación de Cataluna».

folgo eu muito que se ache aqui um castelhano que as ouça.

Quevedo. Entre os sábios não há nações; donde já disse um dos gregos que era cidadão do mundo 5 todo.

Autor. Contudo, estimo ter-vos por testemunha, juiz e parte.

Quevedo. E amigo, que fui sempre vosso, que não é mau contrapeso para tudo isto. 10 *Autor.* O descrime dos fados e os meus crimes me destinaram para ser um dos algozes do suplício destinado a Catalunha, donde certo passei trabalhos que feneceram em uma prisão, perigosa, sobre injusta! 15 *Quevedo.* Isso notei eu já, em uma carta vossa escrita ao nosso bom poeta e bom amigo D. Luís de Ulhõa, donde, se mal me não lembram, em dois dísticos dela dizeis, parece que com fatalidade:

Yo tambien al tropel de nuestra gente, No
menos offendido, que forçado, Pizé las huellas
pereçazamente.

No puedo recentirme, y voy llevado Para
ser instrumento del castigo, Y voy a ser
castigo, y castigado.

Bocalino. A rodo vão os versos, como os falsos
20 testemunhos. Acabai já de dizer, vos pedimos, o
que começastes, sem preâmbulos, porque discursos
com adros diante são de pior traça que igreja
sem eles.

Autor. Ora tinha El-rei de Espanha ordenado ao
25 general daquela guerra fizesse, pela pessoa mais
hábil que no exército se achasse, pôr em memória
os progressos dela. Não sei por que causa fui eu
escolhido para este efeito, não sendo o mais ocioso
da companhia; mas foi, sem falta, porque nasci em
30 signo de tabalião. Recolhi logo a este fim, com

grande pureza subministradas, as relações de tudo o que se obrava, ou pelas mãos. ou pelos olhos Porém, quando eu já me dispunha a dar princípio à minha História, e eis que me mandou prender 5 El-rei por português, sem mais delito que o nascimento. Andaram os tempos, cheguei à pátria, donde, depois de muito bem pisado e acalcanhado, à imitação do nosso Ovidio em Ponto (e tanto, que **fui** em o ponto mais cruel da minha vida), continuei

10 a escritura começada, desse livro; e, porque a este tempo vagavam pelo mundo muitas falsas opiniões de um tão grave negócio, entendo fazer serviço à República, manifestando-o assim como ele fora, e não como o ódio ou o amor, que são dous gran-

75 des pintores, o haviam pintado no lenço da eternidade, com mão diferente. Quando se começou, aquele livro era oferecido a El-rei de Castela; quando se acabou, devia oferecer-se a El-rei de Portugal. Partiu esta contenda o discurso, acolhen-

20 do-me à Igreja e fazendo que o livro fosse posto aos benditos pés da Santidade de Inocência X, por mãos de Jerônimo Bataglino, cujo primeiro exemplar mandou se colocasse na livraria do Vaticano. Dir-vos-ei também que, como em aquele conclave

25 que se celebrou por falecimento do grande Urbano VIII se esperou Pontífice o insigne cardeal Guido Bentivoglio, vosso escritor famoso, tive eu maiores desejos de lhe oferecer aquele fraco presente, porque *quem não sabe a arte não a estima*.

30 Atalhou a morte a conveniência, mas não desatou o voto; e, porque também a juízo público parecia

8 *Ovidio* (Ovício) poeta latino Públio Ovídio Nasão, autor das *Metamorfoses*

22 *Jerônimo Bataglino* — Tratar-se-á de *Monsig-nor Marco Battaglino* autor de uma *Storia Generale de Concili*?

suspeitoso que um português em seus trajos, e por esse em Castela punido e vexado, falasse em suas obras e justificasse sua razão ou sem-razão, fiz mudança antes do nome que do propósito: usei. por 5 essa causa, deste suposto, chamando-me *Clemente Libertino*, porque, a não ter o nome que tenho, esse houvera de ser o meu nome, sendo *Clemente* o santo titular do meu nascimento, o qual estimo pelo mais estimado horóscopo e ascendente; *Libertino*, por-10 que já sabeis que era entre os romanos o nome dos filhos dos escravos libertos. Assim, acudindo à liberdade que já gozava minha pátria, fiz dele brasão e apelido. Se em tudo errei, bem pode ser culpa da eleição, que pertence ao juízo; não do propósito, 15 que é filho da vontade.

Lípsio. Não errastes, certo, e menos de o haveres aqui explicado, porque a mingua da notícia destes segredos mil vezes me havia indignado contra vós, e muito mais depois que soube que este vosso livro 20 corre por Europa com honesta opinião, e o citam os mais dos autores que vos sucederam, e de presente se traduziu em francês com muito aplauso.

Bocalino. Não me falta que dizer sobre isso, mas guardar-me-ei para este *Eco Político*, também 25 vosso.

Autor. Pelejar com o eco é como dar couces na sombra.

Quevedo. A mim me toca essa batalha, mas quero dar-lhe antes àquele autor que tomou esse livro 30 por texto que glosasse na sua difusíssima *Epístola Apologética*.

Bocalino, Se eu soubera quem era, também lhe havia dar meus recados.

Lípsio. Pois lá o tendes em Itália, donde o seu

livro se imprimiu, e me escreveu há dias largamente.

Quevedo. Não me direis quem seja?

Autor. Não posso, porque os segredos não são de 5 quem os recebe, senão de quem os confia.

Bocalino. Estas são outras mil e quinhentas e poucas menos as obras deste nosso camarada, que leva jeito de querer apostar com Teofrasto a quem desperdiça mais papel. 10

Quevedo. Aqui está *El Mayor Pequeno*.

Bocalino. Não nos há-de escapar pelo devoto.

Lípsio. Ouvi que neste livro vos arguiam de confuso, para historiador, e de afectado, para moral; que, para livro de devoção, compreendia sobeja 15 cultura, e para de relação, repreensível brevidade.

Autor. Confesso que nem crônica nem soliló-quios; mas, se notardes a omissão que há neste tempo em todas as diligências da virtude, vereis que para conduzir a gente a qualquer leitura honesta 20 — quanto mais piedosa —, é necessário dourar--lhe a pírula como ao enfermo, ou adoçar-lhe o freio, como ao potro, quando queremos curar o doente ou enfrear o cavalo. Esta foi, sem falta, a razão por que aquele famoso e novo espírito, quero 25 dizer o padre

Hortêncio, levantou a tanta subli-midade suas orações evangélicas, para que, cevado o apetite dos ouvintes na raridade e grandeza de seu estilo, juntamente com o deleite da oratória levassem o proveito da doutrina. 30

Quevedo. Estes os *Fénix* de África.

Bocalino. Estes são por quem um crítico dos vossos disse que, pois o autor trinchava o *Fénix* em duas ametades, visto que já eram dous, e não nenhum daqueles o *Fénix*, que por força há-de ser 35 único.

8. *Teofrasto:* filósofo grego.

Quevedo. Contudo, o livro é trabalhado e proveitoso.

Bocalino. Sofrei que vos diga, desse pássaro, que se pragueja de outros que tem mais pena que corpo. 5 *Autor.* Eu não sou dos que nos não querem deixar o entendimento, que é nosso, porque tão bem faço de melhor vontade sacrificio de vontade, que do entendimento aos respeitos a quem se deve sacrificio. 10 *Quevedo.* E que me dizeis às Musas, que já vimos?

Bocalino. Que são mais sonos de Homero, que sonhos de Cipião; como se disséssemos mais descuidos que valentias. 15 *Quevedo.* Vedes aí o *Panteon*, bem extravagante.

Lpsio. Tenho várias queixas desse livrinho.

Autor. Tal é o engano dos homens. E eu cuidava que fizera mais nesse só, que em todos os mais que tenho escritos! 20 *Lpsio.* Talvez sucede que a mãe ama com maior excesso o filho de que teve pior parto; porque, enfim, cada um regula a estimação do que possui, pelo que aquela cousa lhe custa a possuir.

Quevedo. Ora, pois que assim é e vós tendes 25 semelhante chave à Barclaiio para abrides e fechardes outros mistérios, como os de *Argenis*, se a pedirdes ao grego bispo Heliodoro, mostrai-nos por vós mesmo essas maravilhas, que, segundo virmos, assim faremos. Contanto que, por agora, nin-30 guém se chegue a esse poema, porque entretanto difinimos sua escuridão por contagiosa.

Bocalino. Por isso, essoutro é tão claro, que de claro teve nota.

15. *Panteon*: Poema trágico, de D. Francisco Manuel de Melo.

27. *Heliodoro*: autor grego do sec. iv-v.

Lipsio. Qual é essoutro?

Bocalino. *A Guia de Casados.*

Lipsio. Nunca vi esse livro dos olhos e nunca outro tanto me ocupou os ouvidos. A homens sábios 5 ouvi falar nele com esquisita variedade.

Autor. Sucedeu-me. fazei conta, como ao Grego pintor famoso que celebraram todos os poetas deste século. Era o seu modo de pintar tão severo e tão escuro, que aos mais desagradava; nunca se lhe *W* gastou painel em pessoa do vulgo; vivia a este respeito muito pobre, como soberbo da grandeza de seu espirito; finalmente, persuadido da fome e dos amigos, se foi a Sevilha, em tempo de frota, e tantos ricos feitos pintou, até que ficou rico Conhe-15 cendo que o estava, tornou-se à solene pintura, a que o chamava seu natural, dizendo:—*Antes quero viver mísero, que rudo.* Ametade desta história me serve, porque eu me acho agora com estilo corriqueiro, que protesto de não tornar ao majestoso, 20 por mais que o espirito lá pertenda conduzir-me, como fiz enquanto dele deixei levar-me. Só das mulheres me temo nesse livro, assim porque, como são dos homens as mulheres amigas são 3s maiores inimigas, como porque algumas não tomarão em 25 graça as minhas graças.

Quevedo. Par Deus, que, se o livro vos não rendesse outra coisa mais que seu ódio, vós vos po-dieis chamar ditoso.

Autor. Olhai que está ali perto o nosso Sá e 30 Miranda jurando que donde não há mulher, vida nem gosto há.

Lipsio Oh! quantos jurarão o contrário! Mas eu digo que desse amor indigno é mais culpada a mãe que o menino, como com estranha galantaria 35 disse o nosso Camões.

Bocalino. Se tem mais livros que lhe vejamos da saúde ou da enfermidade, este nosso *Autor*? *Autor*. Estampados, só esses nove. *Bocalino*. Ouvi eu, ou enganei-me, que a *História*

5 de *Varões ilustres*, impressa em França na Cramoeziana era também vossa, e não sei se também outros estampados de além-mar.

Autor. Se pelo que nesse livro obrei lhe houvesse de chamar meu, de muitos outros sou padrinho,

0 quero dizer, que em outros muitos tenho parte. *Lipsio*. Será justo que nos deis um rol dos fidalgos da vossa casa, como agora digamos dos filhos dela, que filhos costumam ser, ou chamar os autores a todos os partos do seu entendimento. 15 *Autor*. E que se seguirá desta boa diligência? *Bocalino*. Emendá-los-emos por avença, como cabeção das sisas.

Autor. A memória está na memória. Ide ouvindo e aparelhai a paciência.

0 *Bocalino*. Dai-nos lá essa famosa matraca.

Autor. Já sabeis da *Policia Militar*, em *Avisos de Generales*; dos *Movimientos*, *Separacion y Guerra de Catalunha*; do *Eco Político*; *Mayor Pequeno*; *Primera Parte del Fénix de África* — *Augustinho*

5 *Filósofo*; *Segunda* — *Augustinho Santo*; *As Três Musas*; o *Panteon*; *Carta de Guia de Casados*. Antes e depois se tem escrito a *Concordância Matemática de Antigas e Modernas Hipóteses*; o *Labirinto da Fortuna*, comédia; *Los Secretos bien guar-*

0 *dados*, comédia; o *Domine Lucas*, comédia; *De Burlas haze Amor Veras*, comédia; *La Impossible*, tragédia imperfeita; *As Finezas mal Logradas*, novela; *Verano en Sintra*, novela das novelas; o *Entre-mez de los Entremezes*, farsa; *D. Establo*, entremez;

5 O *Fidalgo o Aprendiz*, farsa; *La Casa de La Fama*, panegírico; as *Epístolas Portuguesas*, com seis centúrias de cartas; *As Três Musas Portuguesas*; as últimas *Três Musas Castelhanas*; a *Arte Cabalística*;

a *Arte Simbolatória e Tratado das Insignias Religiosas, Militares e Políticas*; a *Arte de Escrever Cartas*; *Dictária Sacra*; *Espíritos Morales*; o *Daniel*; o *Tobias*; o *Cristão Alexandre*; as *Cortes da Razão*; 5 as *Verdades Pintadas*; *Vida del Hombre e História Imperfeita*; *Juizio de las Maravi Has de la Natu-raleza*; o *Grão Teodósio II de Bragança*; *El César de ambos mundos*; o *Tácito Português*; o *Aparato Genealógico dos Reis de Portugal*; o *Livro de Ouro*;

10 *Las Desculpas del Ócio*; o *Compêndio de Expedientes*; o *Tratado da Verdadeira Amizade*; *Relações Históricas da Expedição dos Lusitanos em América*; *Das Alterações de Évora*; *Do Descobrimento da Ilha da Madeira*; *Do Naufrágio da Armada*

15 *Portuguesa*; *Das Batalhas do Canal*; *Das Novas Embaixadas do Oriente*; *Do Congresso Militar dos Parlamentários e Realistas*; os *Manifestos do Assasinamento Real*; dos *Primeiros Eventos das Armas da Companhia do Comércio*; da *Recuperação de*

20 *Pernambuco*; a *Estreia Providente e Satisfação aos Confederados*; os *Apólogos Morais dos Relógios Falantes*; do *Escritório Avarento*; da *Visita das Fontes*; da *Feira dos Anexins*; e este do *Hospital das Letras*, que mais estimo que todos.

25 *Quevedo*. Valha-me Deus! Já não há quem possa com tanto! Tudo isto tendes feito?!

Autor. Em verdade, que não me demasio; e ainda mal, por que, gastando tantas horas em escrever não gastasse uma só em me arrepender de ter es-

30 crito tanto.

Bocalino. São, logo, conforme a essa conta, quase sem conta vossos trabalhos.

Autor. Antes de tão pouco conto, que, sendo Sòmente nove os livros impressos por meus, e três

35 que se encobrem à sombra de outros nomes, que eu dou por bem alheados, e três manifestos de molde, restam somente algumas obras muito em seus princípios, outras mal acabadas, nenhuma per-

feita, e infinitas medrosas de respectivas ao tempo e suas ocorrências.

Quevedo. Podeis, logo, pleitear com Apeles aquele dito, de *nenhum dia seu tinha*. 5 *Autor.* Não demando a ninguém por competir com seus trabalhos; mas bem sabem os que me conhecem que quantas horas vivo, como escrevo, pois porventura não se poderão contar muitas de minha vida ociosas. 10 *Bocalino.* Assim deve ser necessário, se é certo o que me dissestes, que, fazendo cômputo, há mais de dez anos, dos papéis familiares que nos cinco passados tínheis escrito, acháreis o número de duzentos e vinte e dous papéis. 15 *Lípcio.* Logo, bem podereis dizer por vós e vossa fortuna aquilo do Poeta: que a cópia vos empobreceu.

Bocalino. Diga o Autor o que quiser, ou digam dele o que quiserem. O que eu agora dizia era que 20 nos passássemos de outra banda; porque, se só com os poetas o havemos, acabará primeiro os seus cem mil anos o socarrão de Mafoma, que nós de curar gente tão incurável.

Lípcio. Bem me parece, mas nos que restam não 25 levemos todos a fio, que é um processo infinito, sobre penoso.

Bocalino. Antes seria darmos todos, com esse fio, os fios à tea.

Lípcio. Venham agora cá desses políticos.

30 *Autor.* Lá vai o primeiro.

Lípcio. Lede o título.

Autor. Assim diz: *Política*, de Justo Lípcio.

32. *Política: «Politicorum Libri sive Civilis sex»,* de Justo Lípcio (1589). *Doctrinae*

99

Quevedo. Bem aviados estamos! Aposto que a *Política de Dios* não tarda aqui muito.

Bocalino. Por aquela regra, de que o *mal e o bem à face vem*. 5 *Lípcio.* Já sei o que quereis dizer. Dizeis, como antes foi parecer de muitos críticos, que não fiz livro, mas uma cadea de sentenças de sábios, dirigidas ao proveito dos príncipes e respúblicas. É isto o que quereis dizer?

10 *Bocalino.* Mesmissimamente.

Lípcio. Ora sabeí, Bocalino, e convosco os malcontentes, que os hábitos da erudição em a própria maneira que se adquirem se manifestam; e então diremos, de um homem estudioso, que é sábio,

15 quando o virmos obrar e falar sabiamente; porque entrar a doutrina e não sair da mente do homem é mau sinal de bom logro dela. Galante negócio fora que, porque Aristóteles assentou um problema, nunca mais outro filósofo o praticasse. Quem viu

20 jamais o ouro desprezado, por servir de engaste às pedras preciosas? Antes delas recebe tanto valor, que com elas se pesa igualmente. Senão, dizei-me: visteis alguma hora colar menos valioso, por muito povoado de diamantes? Zombai da novidade, como

25 eu também dela zombo, pois não é menos que a sabedoria de Salamão o fiador, para provar que já desde o avoengo do mundo ninguém diz cousa que outro não tenha dito; dando licença o Poeta latino, quando nos inculca por fácil as crecenças

30 ou melhoras daquilo que uma vez foi descoberto. Cansam-se os modernos, esbaforidos após da novidade

e, depois de larga carreira, precipitada as mais das
vezes, quando muito se saem com mudarem os nomes
às cousas, sem lhes haverem mudado
35 o uso ou a virtude.

2. *Política de Dios*: «*Política de Dios y Gobierno de
Cristo*», de Francisco Quevedo.

Bocalino. Parece que parecerá melhor esse prólogo em defesa alheia.

Quevedo. E quem te disse que éramos nós mais próximos dos outros que de nós mesmos, quando a maior perfeição está em amar como a nós mesmos os próximos?

Autor. Dai, senhores, lugar aos doentes suspiros do patriarca dos estadistas, Cornélio Tácito.

Lípsio. As dores de Tácito só eu as entendo, por-10 que sempre tive para mim que só eu o entendia.

Bocalino. Tornaremos à nossa questão grande, de que à míngua de o não entender como convinha, o acusastes de blasfemo contra a Divina Providência, jurando Sêneca, por vida sua, que no livro que 15 dela escrevera a seu amigo Lúcio não fora mais seu devoto que o pobre Tácito em seus escritos.

Autor. Olhai como falais, que, se Lúcio Aneo foi mestre de Nero e o Tácito conviveu com Nerva, não podia conhecê-lo. 20 *Bocalino.* Baixo tocou o Autor; não vamos cá, amigo, tão literais; mas desculpa tendes, visto que o Crónicon dos tempos — os *Anais* de Barónio, e as *Tábuas* de Ferdinando Bardi — vem a ser a tabuada dos historiógrafos. 25 *Autor.* Nunca em al me empeceis, que em me terdes por verdadeiro; porém, como não sei quando me acharei em outra tão sábia companhia, não me direis de raiz quem foi este Tácito, que tanto aplauso tem no mundo? 30 *Bocalino.* Quem havia de ser? Foi um chapado velhacão, lisonjeiro e adulator, como mil que andam por esses paços, mas com tal arte, que, vitu-

8. *Cornélio Tácito*: historiador romano do sec. I.
18. *Nerva*: imperador romano.
22. *Barónio* (Cesare): cardeal, historiador do século xvi.

perando aos príncipes que já lhe não podiam fazer
pecado nem mercê, agradou e serviu aos que o podiam
sublimar, até que seu dito, seu feito. *Autor.* Ainda
pergunto mais. Que casta de enge-

5 nho tinha? Que profissão? Que estudo?

Lipsio. Perguntai-mo em auto apartado, que eu vo-lo
darei cabalmente; mas entretanto informai-vos de
Cipião Amirato, Sebastião Querino, Alexandre
Sansovino, D. Baltasar de Flávios, D. Carlos Co-
10 lona, Manuel Sueiro e outros muitos, que todos
tomaram o Tácito à sua conta, traduzindo-o, ano-tando-
o e ilustrando-o. De ordinário, se trata de sua vida,
partes e acções com tanta difusão, que ficareis lá de
vossas perguntas bem satisfeito.

15 *Autor.* Reparei já muito em que, sendo o Tácito tão
antigo, não florescesse sua memória nos séculos
passados.

Quevedo. Ficaram suas obras enleadas no silêncio
com a perda do Império Romano em tal feição,
20 que em muitos tempos não gozou o mundo o
resplendor da sua doutrina.

Autor. Deixai-me que crea antes fora providência
altíssima relevar-nos tantos anos de uso de suas
máximas; mas, porque do mesmo modo que se
25 afirma da antiga Roma, que por alimpar a república
tornou a admitir os médicos, em razão da muita gente
que sem eles vivia e multiplicava os trezentos anos de
seu desterro, segundo quer Dionísio Halicarnase,
assim também parece que, por
30 castigar a República com os efeitos de máximas
rigorosas e insuportáveis alvitres, permitiu Deus
ressuscitasse a escola de Tácito e visse a gente suas
obras, para ser castigada na observância de seus
escritos.

8. *Cipião Amirato*: historiador italiano do sec. xvi 29.

Dionísio Halicarnase: Dinis de Halicarnasso, historiador e
retórico grego.

Lípsio. Tantos foram?

Quevedo. Os que bastaram para que fosse uma tinha universal, pegada na cabeça dos monarcas.

Bocalino. Só sabemos de três obras suas: a *História de Roma*, imperfeita; os *Anais* de alguns imperadores, começando em Tibério, e a vida de seu sogro, *Júlio Agrícola*, tudo por acabar, porque o Tácito, assim como era malcontente dos outros, também de si não era satisfeito: riscava e borrava muito — proveitosa diligência para o bom logro de qualquer escrito, contra a presunção dos fáceis ou socorridos.

Lípsio. Que importa tudo isso, se pelo dedo pareceu tal o gigante, que a todos fez enãos diante 75 de si?

Autor. Pois como se conta o Tácito entre os políticos, se ele foi histórico?

Lípsio. A pergunta é tão formal, que requeria mais tempo para vos satisfazer; porém, para o fi-20 cardes por agora, bastará advertirdes que neste autor, como nos mais historiadores, não serve o discurso ao caso; antes o caso serve ao discurso, sendo contado como acaso tudo o que se conta. É bem verdade que a História se quer vestida e re-25 vestida de juízos, sentenças, secretos, malícias e discrições; porque, enfim, uma História nua, sobre desonesta, é desaproveitada. Isso vos dizia Agostinho Mascardi, que melhor o escreveu do que o observou, mas contudo não por tal modo que se 30 quebre o fio dos acontecimentos, sendo tirado fortemente para outra parte pela força do discurso. *Autor.* Como ora dizeis bem, a cujo propósito me lembra que vi já um cortesão tão imperfeito historiador, que lhe sucedia, indo contando um 35 acontecimento, divertir-se a tantos períodos, que jamais acabava de contar cousa a que desse princípio; donde procedeu chamarem-lhe então na Corte *Fulano Começos.*

Bocalino. Oh! Muito melhor fazia certo bacharel, meu compatriota, que, como muito derramado nos discursos lhe esquecesse sempre o que ia contando, costumava pedir ao ouvinte que acabasse já de dizer o que ele próprio ia dizendo, persuadido de que o outro era o contador, e ele o escutante.

Lípsio. Vá-se o Tácito com Deus, que para Tácito nos tem feito falar muito.

Quevedo. Com razão lhe mandais dar as boas-

- 10 -viagens, porque desde aqui estou vendo uma famosa
esquadra de políticos languentes, cujo capitão é
Nicolau Machiavelli, veneziano; e o alferes, João
Bodino, francês; sargentos Felipe Plezio, Amoldo
Brixia, e cuida que loco-tenente Cipião Duplais,
16 trazendo na bandeira, de uma parte, a medalha de
Tibério, e da outra a do antigo Crízias. Oh, poderoso
Deus! Acudi-nos, que esta quadrilha parece apertada!
Não sei se me ria ou chore de medo com que os vejo
de Cláudio Clemente, que vem atrás
20 deles, jurando que os há-de degolar a todos com os
ardimentos do seu livro, que a esse fim de antemão
intitulou *Maquiavelismo Degolado*. Pois, à fé, que não é
o mais valente arguidor e confutador do mundo; mas
ao ladrão os argueiros lhe pa-
25 recém gigantes. Não vedes as tropas copiosas que se
lhe seguem de gaios e belgas, de batavos, germanos, de
etruseos, de albioneses, de valérios e não poucos iberos,
de quem mais me escandalizo? *Bocalino*. Pelo menos,
também eu ali vejo o
30 nosso famoso contrário, aquele Francesarroxo, que lhe
parece basta Sòmente contra vós e contra Alexandre
Patrício Armaçano, mas que se arme do seu *Mars
Gallicus*, e da mesma lança de Aquiles ou clava de
Hércules.

12. *Machiavelli*: político e escritor veneziano (1469--1527), autor de «O Príncipe».

14. *Cipião Duplais*: historiador francês do sec. xvii.

Quevedo. Tende-me lá conta de Pedro Mateo, enquanto por aqui busco o secretário Villarroel, que por haver escrito livrinhos como ouções, receio que se nos vá por entre os dedos. 5 *Bocalino*. Não topeis vós, em seu lugar, porque buscais secretários, a Rafael Peregrino em traje de Antonio Peres, que vos pode dar muito cuidado.

Quevedo. Muitos anos viva o nosso conselho real, le tomou tão bom conselho, que defendeu com 0 grandes penas todas as obras desse autor, ou desse réu.

Bocalino. Foi recomendação para que fossem mais lidas.

Autor. Sois chegado ao *Tácito Francês*, livro de 15 grande opinião, por ser escrito por um dos mais eloqüentes homens que hoje vivem no mundo.

Bocalino. Quem é esse?

Autor. É Monsieur de Cirisiers, esmoler-mor do infante de França, João Gaston, duque de Orleães. 20 *Lípsio*. Não me mostreis cá tal livro. Cirisiers foi dotado de igual engenho que demasia; de tal sorte que, sendo o Demóstenes das Gálias, com pouco siso se deixa dizer no seu *Herói Francês* — lison-jeria esquisita, mas bem falada, com perdão de 25 Lourenço Gracián Infançon —, que ele fez ao seu Henrique de Lorena, conde de Arcourt, que Espanha não tem valentes; que Alemanha não tem senão borrachos — com tal demasia ou, para melhor falar português, com tal insolência, que não 30 é digno de ser lido de nenhum sesudo, por sua paixão, sendo digníssimo, por seu engenho, de que o learn e decorem os sábios.

Bocalino. Vá-se Cirisiers curar à sua terra de al-

7. *Antonio Peres*: político e escritor espanhol do sec. xvi-xvii.

19. *João Gaston*: filho de Henrique IV de França.

porcas, e dexe-nos cá emplastar a estoutros pobres e aleijados.

Autor. Pois o trunfo saiu de França, que não é muito, andando os Franceses tão triunfantes. Vós 5 haveis de ter paciência para ver e rever o *Mercúrio Francês*, que com os seus vinte e seis tomos vos tem tomado a saída.

Lípsio. Apartai-mos, que antes me matarei que olhar para eles, mas que os veja morrer sem con-10 fissão.

Bocalino. Par Deus, que aqui era eu homem, se mos deixavam descoser!

Quevedo. E eu também os desencadernara de bom talante, porque não se criaram mais feras na 15 ilha Trinácia, nem maiores monstros produziu a selva caledónia, do que por estes livros se acham espalhados.

Lípsio. Dai-me, em seu lugar, a *Corte Santa* de Nicolau Caussino, que, por mais tomos que 20 traga, os tomarei nas mãos e beijarei como relíquia.

Bocalino. Esse livro não ande com estoutros em más companhias, que elas lhe darão o pago.

Lípsio. Não há mais políticos franceses? 25 *Autor.* Antes, por serem tantos, não sei por onde comece.

Quevedo. Como não seja pela *Política Angélica*, de Antonio Henriques, impressa em França, começai por onde quiserdes. 30 *Autor.* Nem por ele, nem pelo *Político Cristiano*, daquele desaventurado político M. T. V., que não é digno de ser nomeado, começarei.

Quevedo. Tende mão! Esses dous portugueses enxertados em gaios, foram homens de muitos dis-

15. *Trinácia*: Sicília.

28. *Antonio Henriques*: autor português do sec. xvii.

curros e engenho, posto que árcades ambos, como disse Virgílio, porque o autor da *Política Angélica*, sobre ter engenho, é desaproveitado e fantástico, como se vê em os mais livros que publicou; senão, 5 vêde-o em a *Mescelânia do Siglo Pitagórico*; e o Autor Político cerra melhor as abóbedas dos seus discursos, não sendo como alguns, que cosem sem dar nó na linha, cujos arzoados, se por eles puxais depois de feitos, tudo fica descosido. 10 *Autor*. Pouco mais ou menos, ouvi que foi no seu Luís A-Deo-dato, que ele por força quis fazer Samuel, sendo não só cristão-velho, mas cristia-níssimo.

Quevedo. Vejo aqui enxeridos, como os estadis-15 tas, os dous condes, que hoje nos quebram a cabeça.

Bocalino. Dous, não mais?

Quevedo. Os de que agora me queixo, são Galeazo e Maiolino. 20 *Bocalino*. Esses são dous relacionistas, pouco mais de gazeteiros; mas afuera de venezianos, meus compadres, muito intrometidos a estadistas.

Lípsio. Se o Galeazo Gualdo Priorato o há pelo seu *Guerreiro Prudente*, que dedicou a Luís o Justo, 25 nós lho tornaremos de boa vontade, a troco de que se não chame a Política, e se fiquem antes na classe de noveleiros.

Quevedo. E como estais com o Maiolino?

Lípsio. Como com os mais. Faz o que pode; 30 junta gazetas e capítulos de cartas de mercadores, e talvez de birbantes; e enfim, de um à parte, lhes não vai nada em matarem ao Grã Turco, inferma-rem ao imperador e convalecerem ao Pontífice, e no cabo desanda com um livro em que deve achar 35 gosto, honra e proveito, porque, enfim, no cabo ninguém o cita ou demanda pela injúria, visto que não são os historiadores os homens dos quais se disse: *o homem pela palavra*.

Quevedo. Dir-se-ia, logo, por eles, aqueloutro de *palabras y plumas el viento las lleva* ? *Bocallno*. Mais depressa.

Lípsio. Ainda não é tempo de tosquear os histo-5 riadores, pois por agora só entendemos com esta praga dos políticos.

Bocalino. Não me faltava que requerer contra este grêmio dos autores, se me não parecera que antes vos convinha deixá-los perecer à míngua, se

10 é que pode haver míngua em tanta abundância, tendo por certo que a saúde destes é a doença do mundo, corrompendo as repúblicas, uma vez por suas licenciosas introduções e mil vezes com seus perniciosos conselhos.

15 *Lípsio*. Tá, tá, tá! Essa doutrina é mui contrária ao que proferimos. Vós não vedes que o divino Platão e o morgado da sabedoria, Aristóteles, tão devagar se empregaram em formar a composição de suas políticas, a cujo benefício escreveram suas

20 leis Moisés aos hebreus; Sólon aos atenienses; Forônio aos gregos; Mercúrio aos egípcios; Numa aos romanos; Minos aos cretenses; Licurgo aos la-cedemónios; Filon aos tebanos; Apoio aos árcades; Platão aos magnésios; Zoroastres aos bricianos;

25 Deucalion aos délficos; Saturno aos ítalos; Fíndon aos coríntios; Hipédomo aos milésios; Zalnócrio aos citas; Belo aos caldeus; Falcas aos cartaginenses; os Magos aos persas e os Druidas aos gaios; porque, como o homem é a mais nobre cousa do

30 mundo, é também mais nobre aquela faculdade a que sua conservação se derige. Agora, se os ímpios políticos querem pervalecer com suas doutrinas, por isso se armaram contra eles muitos varões sábios, que lhe resistem, escrevendo livros que são

35 valentes baluartes e castelos opostos às suas errôneas máximas.

Quevedo. Por isso eu vejo ali tão perto o *60-vernador Cristão*, de Frei João Marques; a *Política*

Cristã, de Frei João de Santa Maria; a *Filosofia Moral de Príncipes*, do padre João de Torres; a *República Segura*, de Frei Manuel do Espírito Santo; a *Harmonia Política*, do doutor Antonio de Sousa de Macedo e a *Arte de Reinar*, de Antonio Carvalho de Perada; o *Espelho de Príncipes*, do doutor Francisco de Monroy, e o *Conselho e Conselheiro*, de D. Lourenço Ramires do Prado; o *Conselheiro de Príncipes*, de Bartolomeu Felipe, e
10 a *Razão de Estado*, de Eugênio de Norbona; os *Discursos Políticos*, do secretário Pedro Fernandes de Navarrette; e aquele grande Cassiodoro, ministro e secretário dos famosos reis gaios, que, além dos mais, lançou a barra na destreza e piedade
15 para conservar o Estado e Religião.

Bocalino. Muito autor regular vejo neste catá-lago, e eu vos confesso que não estou bem com a política mulhada dos religiosos, considerando que suas artes delas não podem ser notórias aos que
20 vivem abstraídos do manejo de negócios profanos. E daqui vem que sempre tive azar com os pregadores, quando por inculcarem do púlpito quatro máximas que os principais já sabem e desprezam, se divertem do seu principal ofício e instituto, que
25 é aproveitar as almas e mostrar-lhes o caminho da emenda.

Lipsio. Não dizeis bem; pelo menos, se não distinguis o que dizeis; porque, se o ofício de pregador, como referistes, é a salvação do próximo,
30 que cousa mais própria sua que dar aos reis, como aos homens mais importantes do mundo, os documentos por onde, governando-se bem, não só salvem suas almas, mas ainda por virtude da Razão, Justiça e Temperança, que incumbe aos reis,
35 disponham como também se salvem aqueles a quem governam e senhoream?

Bocalino. Bem dizeis, se os meios e os fins foram semelhantes; mas nós vemos tudo contrário.

Lipsio. A malícia é mais longa que a arte; estende-se quase incompreensivelmente.

Quevedo. Parece que ignora Bocalino que Santo Tomás, sábio como religioso, compôs um livro do 5 *Regimento dos Príncipes!*

Bocalino. Bem o conheço. Por sinal que ele é o primeiro tomo que hoje se estampa entre os quarenta e quatro das repúblicas do mundo, recopila-dos pelos tipos elzevirianos da famosa oficina assen-10 tada em Leyden, ou Lugdunidos Batavos, como lhe chamaram os antigos geógrafos.

Quevedo. Não negareis que do mesmo modo Santo Agostinho a Valenciano, Santo Ambrósio a Teodósio, S. Bernardo a Eugênio, e outros grandes 75 Santos e eminentes doutores da Igreja se empregaram na observação política, sem nota, mas aplauso de seus professores.

Autor. Ouçamos a Bocalino, em que funda sua razão, se já não foi teima ou capricho, que são 20 achaques que costumam inficionar os juízos de muitos sábios.

Bocalino. Concedo que assim fosse e concedo que seja, segundo dizeis, que nos púlpitos se trata a instrução dos príncipes e anda a sua emenda com 25 tal igualdade, arte, modéstia e inteireza, como se o próprio púlpito fosse o mesmo confissionário sacramental. É confissionário moral, com uma diferença: que em o primeiro dizemos as nossas culpas e em o segundo no-las dizem; em o primeiro as acusamos 30 em segredo, e em o segundo no-las repreendem em público. Nesse lugar deve a verdade, zelo e inteireza derramar sobre os vícios públicos os óleos santos da repreensão suave e discreta, de sorte que os delitos do mundo fiquem modificados, e não in-

9. *Tipos elzevirianos.* — Livros saldos da tipografia holandesa da família Elzevir. Tipos ainda hoje utilizados na composição moderna.

\

culcados; corridos, antes que manifestos. Porém, como quereis que se admita e louve algum destes oradores evangélicos, se há algum, desviando-se do seu alto instituto e, lembrado do que só devia es-5 quecer-se, arrastre pelos cabelos os lugares santos e interpretações piedosas da Escritura Sagrada, para os fazer cúmplices de seu capricho, donde vão a servir com não menos risco que violência? *Autor.* A questão não parece muito própria deste

10 lugar, mas é digno seu inconveniente de que se lhe busque remédio com todo o tento pelos varões sábios e piedosos.

Quevedo. Quanto disséreis disso, se ouvíreis, como eu ouvi toda a vida, os mais eminentes ho-

15 mens de Espanha, donde me lembro que em dous sermões sucessivos disse um pregador, porque tinha pretensões com o príncipe e ministros que o ouviram, que ao Rei não só era lícito, como pastor e maioral do seu reino, tosquear e esfolar as ovelhas,

20 porém matá-las e fazer de sua morte seu regalo, fausto e alegria, porque assim o fizera o pai de famílias do Evangelho, quando matara o vitulo para festejar com ele a vinda do filho derramado! Mal parece se havia despedido este, quando, no 5 mesmo púlpito, outro, não satisfeito do tempo disse que não era para pastor e menos para rei, aquele rei que, para guardar a ovelha perdida, deixava as noventa e nove, e a não carregava ao ombro quando convinha, como se exemplificava

30 nas parábolas e doutrinas do Evangelho.

Bocalino. Que melindrosos estão vossas mercês de ouvidos! E que fizéreis, se ouvíreis e vísseis o que nós em Itália há pouco tempo vimos e ouvimos cada dia e cada hora, de mil doutrinas e políticas

35 inculcadas incompetentemente?

Autor. Por essa causa me disseram, que por cá andava hoje estampado um notável sermão, de um também notável pregador dos vossos, donde sobeja

austeridade, e se acusam e castigam os pregadores modernos à reveria.

Bocalino. Verdade vos disseram, mas quem desse negócio ficou mais queixoso foi Eugênio Raimundo 5 Brixiano, porque, havendo há pouco tempo escrito a sua *Esfera, ou Azorrague das Ciências e dos Escritores*, que estampou em Veneza, ano de 1640, como se ele os houvera a todos açoutado mal, veio em seu lugar esse discurso por segunda esfera.

10 *Lpsio.* Manuscrito dou fé, que passou este papel ao Colégio de Sorbona, do qual foi comunicado aos teólogos lovanienses, e de uns e outros, quanto no engenho da invectiva, foi louvado o engenho de seu autor; no modo dela o julgaram repreensível,

15 dizendo que o fim da repreensão não é o escândalo e que essa deve ser ministrada primeiro secreta e depois pública; ambas, porém, por pessoa pertencente em o discreto, de tal sorte, que repreender um pregador a todos os pregadores é manifesta in-

20 competência, por ser cousa que só pudera e devera fazer um concilio; e repreender com uma pregação aos pregadores, antes lhes serve de calúnia que de emenda, quanto mais parece toca de temeridade inculcar por sofistica a doutrina comum dos

25 mais oradores cristãos, do que lança a mão o povo malévolo, porque se consegue por intercessão da malícia humana, primeiro nos ouvintes o desprezo, que nos pregadores a melhora.

Autor. A razão sói enfurecer-se; pelo menos, in- 30 flamar-se com o excesso, como vemos que o rio sai da mãe pela abundância das águas.

Quevedo. Não é razão o que não é arzeadoo.

Bocalino. Ajuntai-lhe a essa invectiva juízo, crissis ou censura, que em mil partes tropeça e cai em 35 os próprios laços de que pretende desviar-nos.

12. *Lovaniense:* da cidade de Lovain.

Lípsio. Assim foi já o antigo Demóstenes, que, orando contra a perigosa eloquência dos advogados de Grécia, nunca tão eloqüente oração fez em sua vida, como aquela que repreendia o mesmo que 5 executava.

Autor. Ora dai, senhores, ouvidos às querelas desse grande livro que se lastima e prantea de esquiva dor que tem; pois, sendo ele um livro tão grande, não há pessoa que o compre, que o peça 10 ou leve para casa, como conselho de sermão.

Quevedo. Esse mal é antes do mercador de livros, que do autor deles. Mas quem diremos que seja, se se pode dizer?

Autor. É não menos político que Adão Contzem 15 em o seu notável tomo dos dez livros de sua *Política*.

Lípsio. Vede se está aí como esse o *Daniel Áulico*.

Autor. Não está, nem ainda, se estivera, correria por minhas mãos sua saúde, porque, depois 20 que o bispo D. Frei José Laines se me atravessou diante com o seu *Daniel Cortesano*, fiquei tão atrasado com o meu *Daniel Perseguido*, que tenho pejo em os mais dos autores que tratarem esse assunto.

Lípsio. Só sei que por modéstia vos suspendestes; mas, pois nos consta que começastes primeiro, a vós foi feita à força, e podeis com justiça desforçar-vos, se vos estiver bem.

Quevedo. Não façais tal, porque é demasia sem desculpa querer um homem de contado obrigar-se 30 a uma de duas contingências, perigosas ambas: a primeira, o avantejar notavelmente o que está dito; e segunda, a ficar vencido sem escusa, que já por semelhante razão disse de antes que ninguém falasse sem ter por certo avantejaria o silêncio. 35 *Bocalino*. Deixai-me crismar agora esse alemão alto e perguntai-lhe quem esperou que lhe desse um livro com quem não pode uma estante.

Lípsio. Bem vos deixáramos, se as vossas cris-

mas não foram unções, porque não repreendeis senão de morte.

Bocalino. Ora aonde está, ou que cuida quem faz livros disformes, e mais de política, que só se diri-5 gem a príncipes e a ministros, cujas horas são poucas e preciosíssimas, pelo que não podem esperar-se? De sorte que Jésio, sogro de Moisés, o repreendeu, dizendo-lhe que o seu modo de despacho era gastar todo o dia com os homens e toda a noite 10 com Deus, por lhe parecer a este famoso ancião que as horas dos ministros públicos não podem ser de uma só pessoa ou emprego, havendo de ser universais, para toda a República haver deles o que lhe conviesse. 15 *Autor.* Logo, não faria o que deve o ministro que desse horas particulares à audiência das partes.

Bocalino. Estou em dizer que não; porque, como os negócios não são regulares e sucedem livremente como os casos e sendo os ministros e príncipes o 20 remédio e via dos negócios, pela mesma razão que uns não tem lei ou tempo determinado para suceder, e outros não podem ter costume e hora para os ouvirem e remediarem.

Quevedo. Com essa doutrina diz bem aquela opi-25 não dos que assentam que o reinado não é dignidade, senão ofício.

Lpsio. O mesmo se colhe da doutrina de Cristo, quando disse que o dia tinha muitas horas, porque, se só uma fosse de negócio, não podia resultar aos 30 desditosos a ventura de hora boa, dessas sucessivas e várias que tem o dia.

Quevedo. Certo a hora de pretensão sempre parece a mofina, ainda que haja no mundo algumas pretensões ditosas. 35 *Autor.* Não advogo pela prolixidade, mas um livro não é só ruim por ser difuso.

Lpsio. É verdade que estes assim dilatados compreendem várias matérias que ventitam por todas

suas questões, admitindo e confutando todas as dúvidas e repostas que ocorrem por uma e outra parte. *Quevedo*, Contudo, ali enxergo a Pedro Gregório Toletano, que, sendo dos largos, não é dos re-5 preendidos nem dos repreensíveis.

Bocalino. Este bacharel franchinote não podemos negar que foi homem de juízo e que da jurisprudência que professava se lhe pegou alguma prudência para viver e ensinar, suposto que em muitos

10 outros pode casar sem dispensação o hábito com o monge, visto que o monge não é feito pelo hábito.

Quevedo. Contudo, alguns julgaram suas máximas por severíssimas e impraticáveis.

Lípsio. Olhai cá, senhores! O homem sábio se

15 há-de haver, com as disciplinas, como as nuvens com a água. É bem, porque as nuvens bebem as águas salgadas do Oceano, as venham assim chover com o seu próprio sal sobre a terra? Então, fora a chuva assolação e não fecundidade. O sal há-de

20 ficar no coração da nuvem e a água se há-de estilar à terra. Esta observação não só pertence ao bom uso das erudições, porque realmente há preceitos nela duros e incompetentes, mas, antes que tudo, pertence à administração política; porque, se em

25 um príncipe não houver indústria e bondade para moderar o conselho, o alvitre e o mexerico do vassalo, e executar tudo em sua força, dai logo ao vassalo e ao príncipe por perdidos. Senão vede que, guardando-se todos os mistérios de nossa Fé Sa-

30 grada em o depósito da Escritura Santa, a Igreja e seus doutores, alumiados do Divino Espírito, admitiram muitos sentidos vários a essa mesma doutrina da Escritura, como analógico, tropológico, literal, místico e moral, não sendo toda a inteligên-

35 cia desses altos segredos de uma própria maneira, antes havendo lugares que, se literalmente se entendessem, davam grande perturbação à concórdia das verdades católicas.

Quevedo. Os que tão apertadamente impõem leis sobre o governo comum das repúblicas faltam na arte prática delas. Bem é que as cidades observem leis justas; porém, é necessário considerar a dife-5 rença que vai de uma cidade a um convento. Imagino eu uma república como um corpo humano: vive sadio, se é humoroso, abrindo duas fontes, que verdadeiramente são duas chagas e fístulas incuráveis e molestas; se contudo se cerram essas chagas, 10 eis a morte diante. De maneira que a República é força que tenha seus emunctórios, donde lancem e despejem o vício de seus maus humores, para que a comunidade dos bons costumes goze saúde perfeita. 15 *Bocalino.* Lembra-me, por isso que dizeis, aquele famoso arzeado que traz D. Antonio de Fuen--Mayor, feito do prefeito de Roma a Pio V, quando quis lançar da Santa Cidade a caterva das mere-trices, o qual foi tão eficaz, que, sendo aquele 20 Santo Pontífice um espelho da pureza e honestidade, consentiu as rameiras e revogou o decreto já despachado contra a liberdade delas.

Autor. Jacobo Simancas com sua *Politica*, e Bovadilha com sua *Razão de Estado*, a quem faz 25 espaldas João Botero, se estão ali confrangendo de vossa grande dilação.

Bocalino. Porventura que dizem bem, que, como ladrões de casa, sabem que com nenhuns outros livros foram melhor gastados que com eles nossos 30 unguentos.

Quevedo. Assim o creio! *Lípsio.* Ambos são já dous velhos tontos. *Quevedo.* Quanto por aí, bem podemos queimar os nossos Aristóteles, Platão e Pitágoras, que são 35 mais velhos ainda.

Lípsio. Aqueles autores que universalmente ensinam não importa que sejam antigos, antes porventura são melhores, porque nas primeiras idades

do mundo, dado que as ciências não estivessem tão descobertas nos mestres, estava mais pura a aptidão nos discípulos; porém aqueles que especialmente nos ensinam sobre pontos determinados é bem que 5 sejam modernos, ou porque esses resolvem já as dúvidas opostas da malícia, ou porque, sendo mais vizinhos a nós, se conformam com os nossos usos e praticam os remédios da sua corrupção.

Autor. Deixemos os passados e vejamos este moderno, de grão nome entre os políticos presentes.

Bocalino. Quem é?

Autor. É D. Diogo Saavedra Fajardo.

Bocalino. Castelhana havia ele ser por força, para que lhe caísse bem a recua de apelidos. *15 Lípsio.* Para que é fazer-lhe esse cargo sem razão, quando já os romanos acumularam nomes, por-nomes, cognomes e agnomes, como vimos de Públio Cornélio Cipião Africano e outros muitos, qual se agora disséramos Rodrigo Dias Cide Campeador ? *20 Autor.* Mas se é o Fajardo digno de tanto nome?

Quevedo. Sim, é e bem se vê; pois, sendo esse o livro que intitula *Idea de um Príncipe Político*, obra moderna, o traduziram e levaram às suas línguas França e Itália, sobre a latina, em que floresce. *25 Bocalino.* Logo, debalde está no hospital. Man-demos-lhe se vá embora, ou mande em seu lugar a *Corona Gótica* de seu próprio autor, a quem não faltam mazelas que ele bem escusara, por ser história já honestamente escrita por Julião de Castilho. *3o Lípsio.* Não mandarei eu este pobre livro que se vá, antes que se detenha muito de vagar, a ser curado de uma pestilente opinião que nele se pratica, persuadindo enganadamente e enganosamente

12. *D. Diogo Saavedra Fajardo:* político e autor espanhol do sec. XVI-XVII.

19. *Cide Campeador:* Rodrigo Rui Dias de Bivar, lendário cavaleiro de Espanha.

aos reis que na vida se façam temidos sem pertenderem ser amados, e obrem de tal maneira, que comecem a ser amados na morte, quando acabarem de ser temidos na vida. Como se fosse possível de 5 ser temidos na vida. Como se fosse possível ser amado depois de morto por suas virtudes quem em vivo foi odioso por suas rigoridaes!

Bocalino. Galante cousa seria esperar que Hérculas chorasse sobre o colo da hidra lerneia ou sobre

10 a pele do leão nemeo, que por defesa própria havia entre as mãos despedaçado.

Quevedo. Vimos contudo chorar a César sobre a cabeça do grande Pompeio.

Bocalino. Essas lágrimas derramou antes a astú-
15 cia que a piedade; porque, como César aspirava a fazer do aplauso do povo degrau para subir ao seu império, força era começar pela fingida humanidade. Outros, mais galantes, afirmam que chorou de alegria e não de lástima, por se ver já desembra-

20 raçado do grande inconveniente que achara na pessoa de Pompeio, para conseguir a diadema do mundo. Arrenegar destas lágrimas dos monarcas, se vedes que um Alexandre, quando chora, chora não haver mais que um mundo para usurpar; e se

25 um César, quando chora, chora de prazer, vendo-se livre para senhorear o universo.

Autor. Muito me espanto de que o nosso autor, de que tratamos, sendo varão sábio e eclesiástico, escrevesse um axioma tão escandaloso.

30 *Bocalino.* Pouco mais disse o tirano apóstata Juliano, quando disse: *Temam-me, mas que nunca me amem!* Porque amar aos príncipes passados, sobre que as mais vezes é censurar os presentes, affecto fica sendo inútil, igualmente aos mesmos

25. *Juliano* (Flavio Cláudio) (331-361): imperador romano que, tendo sido primitivamente cristão, renunciou ao Cristianismo, pelo que foi cognominado de *Apóstata*.

príncipes que aos vassallos, que tão para tarde deixaram seu amor aos príncipes. Porque, que serviço ou conveniência recebem daquele sacrifício da saudade os vassallos, porque todo o amor que põe nos 5 passados senhores falta de ordinário nos presentes? *Quevedo*. Ora, não posso deixar de vos dizer que esse axioma, tomado em sua força, parece cruel, mas que, sem embargo, tem algumas explicações, não ímpias, que o favorecem.

10 *Lipsio*. Estou melhor com esse outro livro grande dourado e que merecera estar escrito com letras de ouro.

Autor. Ah, sim! Este é o grão *Comento* de Vitrião às obras do senhor de Argenton, Felipe de Comines.

15 *Lipsio*. Parece-me livro sábio e de homem douto, com gentil eleição nas opiniões, cheio de florida erudição, graça e notícias, sobre um estilo asseado e plausível.

Bocalino. Eu, que não jurei opiniões *in verbo*

20 *magistri*, ou por aquele célebre *acitofere* dos pitagóricos, também lhe quisera dar a esse livro meus recados.

Quevedo. Que tais? Porque o livro é de toda a conta. Senão, perguntai-o lá ao vosso memorioso e

25 memorável Macedo, que tanto se serve dele em suas obras, que bem lhe pode chamar autor seu. Pois até eu, que dos meus naturais não sou o mais contentadiço, seja inveja, afeição ou magistério, desse livro me dou por satisfeito.

30 *Bocalino*. Entre os mais achaques desse volume, é aquela repreensível frequência, que tudo acha melhor nos seus reis de Aragão que em nenhuns outros do mundo, pondo em tão alto ponto algumas

13. *Vitrião*: D. Juan Vitrián, prelado espanhol do sec. XVII.

das pequenas e ordinárias acções daqueles príncipes, que as mais heróicas e superiores dos outros, sem mais razão que serem aragoneses uns e não serem aragoneses outros. 5 *Quevedo*. Se é doce e famosa cousa morrer pela pátria, como cantou um poeta, quanto mais famoso e suave será o ressuscitá-la!

Autor. Aqui jazem alguns portugueses caídos, que, conforme a essa regra que dizeis, não me será 10 mal contado falar por eles, tornando por sua cura e mezinhas.

Lípsio. Mostrai cá esse maior.

Autor. Aí vai, e é a *Arte de Reinar*, do arcepreste Perada. 15 *Lípsio*. Bem lhe chamou *Arte*, que já algum sábio disse que a dominação dos homens, exercitada dos príncipes, é a mais suma arte das artes e a ciência das ciências.

Bocalino. Mas se acertou esse presbítero neste li-20 vro, mais que em outros que dele tenho visto?

Autor. O livro o dirá.

Quevedo. Mui limpo o vejo eu, sinal de pouco manejado.

Autor. Eu vos direi como disse Lupércio dos se-25 pulcros: os livros também tem seus fundos, como as outras fábricas que há no mundo, cuja jurisdição é tão dilatada, que não só compreende as cousas racionáveis e científicas, mas ainda as insciências alcança. 30 *Bocalino*. Assim dizia um cortesão italiano, e o prova galantemente com as sortes dos lenhos, os quais, nascendo todos juntos em um bosque e todas árvores rudas, uns deles se cortam para fazer imagens que hão-de viver no altar, e outros levam para 35 trafogueiros, a morrer na chaminé. Por isso, há livros muito estimados sem razão, e livros sem razão muito desestimados.

Autor. Quem duvida que este seja algum desses?

Quevedo. Ora, estoutro mais pequeno, encadernado e impresso à *la moda*, donde veio?

Autor. Também é português, posto que em traje diverso.

5 *Bocalino*. Antes parece que por isso é português, cujo próprio traje se lhes tornou essa diversidade.

Quevedo. Que me matem, se não é a *Harmonia Política*, do vosso Antonio de Sousa de Macedo!

Autor. Não vos matarão por isso que ele é, mas 10 matar-vos-eis por ele, sendo certo que entre os muitos autores que nesta idade escreveram de nossas cousas, se não é o primeiro, é dos primeiros em a erudição, zelo e liberdade.

Lipsio. Eu o li, quando se estampou em Holanda, 15 e posso afirmar que de sua boa disposição presumia que não viesse tal livro tão cedo ao hospital. *Bocalino*. Pois ainda agora sabeis vós que os livros, como filhos dos homens, padecem nossas próprias paixões e perigos?!

Daqui procede que 20 muitos agradáveis e famosos escritos tem dentro de si graves enfermidades, as quais, chegando ao último ponto, os faz morrer de súbito na fama e no aplauso.

Lipsio. Pareceu-me ingenuamente livro de boa 25 erudição e acertada doutrina.

Quevedo. Demos vista ao Pellicer, a Cramuel e a Nicolas, das obras deste jurisconsulto.

Autor. Bem necessitam esses e outros de que lhe demos vista, pois tão cegos estão. 30 *Bocalino*. Mas que quereis que dissessem, sendo inimigos? Pois, à fé, que nenhum dos que nomeas-tes é tão são como a meada em suas faculdades, porque o Pellicer já se sabe ser autor fantástico, sobre incerto; o Cramuel malicioso, sobre venal; e o 35 Nicolas mentecapto, sobre insolente.

Lipsio. Passemos adiante, que a nossa boa amizade e companhia não é país neutral, para dar campo seguro às vidas de cavalheiros andantes.

Autor. Bem melhor empregado seria o tempo em lastimar-nos deste elegante manuscrito, em elegantíssimo latim, obra política de Frei Manuel do Espírito Santo, religioso agostinho, porque ele é tal, 5 que eu vos fico que a todo o custo lhe busqueis remédio.

Lipsio. Confesso, como afirmais, sua sublimidade, crendo vos não enganaria o affecto de patrício e mestre; mas bem me podeis crer, senhor Autor, pois
10 também mereço presumais de mim que me não engane outro semelhante affecto. O mundo já hoje não recebe algum benefício por um livro mais que nele haja, nem perda de que o não haja; e é necessário que advirtam os que hoje escrevem livros, e
15 com mais especialidade os que compõe para os reis, se lhes oferecem matérias graves, que nenhum merece alguma aceitação ou reverência, por se lhe dizer a um príncipe que castigue, que dê prêmio, que ame a clemência, a liberalidade, a fortaleza;
20 que seja igual, humano, prudente, forte, sábio, inteiro, calado, advertido, diligente; horrível aos maus; agradável aos bons; pai da pátria e dos vassalos; amor e medo, que com mais ou menos palavras, menos ou mais lugares das letras humanas,
25 tais falsos, tais verdadeiros, vem a montar todos os livros de política do mundo. Aquele que se não atreve a lançar o malhão mais alto nestas matérias, de meu conselho dê as bolas por trocadas e por ganhado o jogo da doutrina aos que lhe ganharam
30 a mão em vir diante, porque o al é sandice ou prolixidade de vinte e quatro quilates.

Autor. Conheço, senhor mestre, o que dizeis, e o recebo em emenda dos maus pensamentos que confesso tive algum dia de políticas, de que hoje me
35 arrependo bem e verdadeiramente, porque os reis, segundo barrunto e pelo que deles ouço, já não deixam de ser bons, se há algum que o não seja, à míngua de ignorar a bondade, mas de a aborre-

cerem, por ser lei penosa ao desaforado apetite dos homens. Donde já disse o Sêneca que os soberanos aborreciam a razão, só porque viam era a cousa a que só deviam obediência, sendo mais soberana 5 que eles.

Bocalino. A bênção de Deus que vos cubra. Autor, e a todos os mais que os deixaram de seus documentos. Lá se avenham os príncipes com o seu mundo inteiro, e nós com a nossa fatia, porque, se 10 não for assim, a falar por contos e parábolas, quem na panela do entendimento porá a cozer para outrem melhor bocado?

Quevedo. De tal humor, como tu agora estás, devia estar o nosso Gôngora, quando disse que, se 15 visse segunda vez arder a Tróia, antes a havia de ajudar com um gosto que com um sopro.

Bocalino. Das cinzas dos parvos que se queimam nesses incêndios fazem os discretos suas vandas ou decoadas para tirar dos negócios o desengano, 20 limpo e seco. Mas andai vós lá a morrer por quem nem por vós adoce!

Autor. Deles bem, à minha fé, disse o nosso Sá: dói-lhes pouco a dor alhea; querem que nos doa a sua!

25 *Lipsio.* Não de alhea dor geral, nem da febre do império deixa de ser frenético o vassalo: todos nós temos no mundo nosso quinhão; e, se cada qual se descuidar de sua prosa, se perderá todo inteiro.

Bocalino. Bem se prova por aquela história, tão 30 galante como moral, que dizem sucedera em Sintra ao vosso magnânimo rei D. Manuel.

Quevedo. Como foi e como a sabem melhor os estranhos que os naturais?

Bocalino. Sabem-no melhor, porque nunca se 35 estima tanto o sal em Setúval sendo a terra dele, como lá em aquelas aonde o sol não produz; nem ainda os diamantes e pérolas tem tanto preço onde

se acham, como donde carecem mais deles. Mas o caso foi desta maneira.

Quevedo. Dizei-o.

Bocalino. O Autor o saberá. 5 *Autor.* Sei; porém não sei que seja canónico, ou ao menos corónico.

Quevedo. Seja como for, contai-o, Bocalino.

Bocalino. Quis a governança de Sintra fazer a El-rei umas festas em certas vodas reais que naquela 10 vila se celebraram e ordenou que no meio da praça corresse uma fonte de leite, que pelo sabor e estranheza recreasse. A tudo dava ocasião a fertilidade daquela ilustre serra. Lançando, pois, pregão que todos os lavradores do termo trouxessem suas bilhas 15 de leite para correr a fonte em tal dia, fez cada um com uma própria malícia uma mesma conta; e, julgando que entre tanto leite se não conheceria uma só bilha de água, cada um levou cheia de água a sua bilha. Veio a hora da solenidade e, como cada 20 qual, em vez de leite, que lhe fora mandado, lançasse na fonte água clara, desatados à sua hora os registros nunca se viu fonte de água mais cristalina e pura, com espanto da gente, que ignorava o mistério. Assim se conheceu de novo no mundo que, 25 por falta de cuidar cada um em se aproveitar deste mundo o que dele lhe toca, o lançam todos a perder todos juntos, do modo que vemos.

Lípsio. Na verdade, que mais claro que a água que lá mandou da fonte é o exemplo que desse gra-30 cioso sucesso corre para nós todos?

Quevedo. Há mais políticos contagiosos?

Autor. Ainda mal, que há tantos mais, e aqui o está muito, por sua corrupta doutrina, a *Política*, de Antonio Henriques Gomes. 35 *Lípsio.* É esta, porventura, uma a quem ele desatentamente chama *Política Angélica*?

Autor. O próprio é.

Quevedo. Já em Espanha está defendido, pelo que ofendeu aos prudentes e piedosos.

Autor. Espanha não sei o que fez, mas Portugal o tem já há muito tempo proibido. 5 *Bocalino*. Barrabás espere as obras desse autor português, enxertado em *monsieur* e cavaleiro das ordens de El-rei, como ele com pouca ordem se nos intitula. Para homem de tantas ordens, não vi pessoa de mais desordem. O que arrezoa, o que embru-10 lha sobre nada é cousa que me faz, não só perder o gosto, mas a paciência. E logo não há ano que vos não venha com um parto, donde parece que perderam já sua virtude os anos bissextos. *Quevedo*. Esse Gomes é mais meu laçao; do que 15 já decidiram atrevidos entre Avicena e Escoto a tudo se põe diante. E não olho para lugar aonde o não veja ali muito meu amigo. Assim foi em mil partes, mas agora mais em o seu *D. Gregório Gada-nha*, em que quis retratar o meu *Pablos, el Buscón*, 20 já poeta, já satírico. Dou ao pecado tal autor, por lhe não dar os pecados a ele, visto que lhe não faltam em seus escritos.

Lípsio. Oh! Também isso parece ramo de paixão, que é árvore bem copada. Havemos deixar um ou-25 vido ao ausente. Eu nunca vi escritos de Antonio Henriques. Eu os verei e lhe receitaremos depois a emenda que lhe comunicar por mezinha.

Autor. Não façais como o outro que, dando-lhe um seu amigo certa carta de amores para que lha 30 emendasse do que lhe parecesse mal, ele lha riscou .tôda inteira, e por debaixo da palavra *Senhora*, que estava no alto da carta: — *Esta Senhora correu muito risco*.

15. *Avicena*: médico árabe do sec. I. — *Escoto*: João Duns Scott, ver nota 9, pág. 94.

Lípsio. Ora, senhores, componhamo-nos, que eis ali está o gravíssimo historiador Tito Livio Patavino. *Bocalino*. Seja bem chegado, que por ele esperava há muitos dias. 5 *Quevedo*. Aconselho-vos que considereis bem o modo por que vos haveis de haver com ele, porque é capitão dos historiadores e copiosa sua classe. *Bocalino*. Zombo disso. Quem a fizer há-de pagá-la; quanto mais que nem Tito Livio
foi mestre,
10 nem príncipe, nem capitão da História, sendo os gregos, caldeus, egípcios e hebreus muito de antes seus descobridores; e ainda na História Romana sei eu que lhe daria sejs e ás e a mão Caio Crispo Salústio.

15 *Lípsio*. As matérias graves não se devem tratar por modos leves. Esse grande cronista-mor de Roma só uma dor pode ter, de que já o achou mal disposto a antigüidade. *Autor*. Qual foi essa?

20 *Lípsio*. Foi o ser tão afeiçoado à sua Nasção, que tal vez omitiu a verdade do sucesso, por não confessar suas quebras; tal, dissimulou o valor dos bárbaros — que assim chamavam eles quantos batalhavam contra o Império, indistintamente —, e
25 tal, apropriou aos seus os acontecimentos gloriosos dos nossos.

Autor. Se todos houvéssemos de vir à batalha com nossas queixas do Livio, não só os belgas e os batavos, por quem Lípsio se escandaliza, poderão
30 ser os agravados, mas os nossos lusitanos, porque, como já notou um varão sábio dos portugueses, chegando este autor, na 4.^a Década lib. 5, a referir os feitos de Cipião e tratando da vitória que alcançou dos portugueses, sendo ele vice-pretor, diz que,

2. *Tito Livio*: célebre historiador romano, do século i.

acometendo-os no caminho da província ulterior, os colheu carregados de despojos, sendo os romanos iguais em número, mas ventajosos em sítio e disciplina. Acrescenta que o sucesso foi tão duvidoso, 5 que Cipião prometeu a Júpiter fogos solenes, se com seu braço vencia tão duros contrários; prossegue que a batalha foi tão crua, que se viram em grande turbação as legiões de Roma; e remata, finalmente, no desbarate dos portugueses, dos quais

10 afirma morreram 12:000 e se cativaram 540, com perda de 134 bandeiras. Ora pergunto eu agora: é crível que em uma refrega tão árdua, em que o exército romano se viu perdido, aonde seu capitão prometeu votos, deixando as vidas 12:000 daqueles

15 soldados, que tanto embaraço e oposição fizeram aos vencedores, por fim de tamanha contenda só 73 romanos custasse uma contenda tão duvidosa, como refere o mesmo Livio, não faltando escritor antigo que testemunhe perecerem na batalha da sua

20 parte sete mil e novecentos soldados? Pois se na mesma Década lib. 7, lerdes a rota que deram os portugueses ao pretor Lúcio Emílio junto à vila de Licon na Lusitânia, sendo certo que neste combate se perderam seis mil homens de Emílio e ele fugiu

25 desordenadamente com o restante do exército, atentai bem e vereis que lá resolve e escreve a verdade deste acontecimento, com dizer que os romanos escaparam ao medo, fugindo — sem acabar de confessar nosso valor, nem se sujeitar à pronúnciação

30 de sua fraqueza.

Bocalino. Valha-me Deus! Isso monta, por miúdo, o que em grosso vos tenho dito.

Quevedo. Maiores oposições se fizeram à sublimidade de sua *História*, condenada de seca e infru-35 tuosa.

Bocalino. Os preceitos dela tocam a meu paisano autor, Agostinho Mascardi, em a sua *Arte Historio-*

gráfica, livro de grande e bem logrado estudo.

Quevedo. Pois, sem embargo de ser o mestre dessa Arte, também ele pecou em Adão no outro 5 seu opúsculo da conjuração desse mental tirano de Gênova, o conde João Luís Fieschi.

Lípsio. Em uma de duas maneiras se deve escrever a História. A primeira quiseram os antigos fosse austera e incorrupta, sem que o historiador pusesse
10 de sua casa mais que o estilo, do qual modo de historiar foi grande observante Tito Livio, que aqui vedes, e entre os gregos o famoso Tucídedes, principal texto desta faculdade; a segunda não só consente, mas
15 seu juízo, quando refere as acções, e sobre elas levante discursos, como não sejam alheios ou prolixos. Destes foi ilustre sequaz o Tácito, tomando-o já de Xenofonte e outros primeiros historiadores e políticos. A classe dos romanos se dividiu em par-
20 ciais sentimentos, julgando uns que a História se havia de escrever pura, outros ornada, assim depois os vulgares italianos, belgas, espanhóis e franceses. Agora, se me perguntares meu parecer nesta confusão de opiniões, dir-vos-ei que os analistas, cró-
25 nicos, sumaristas, epitomistas e epilogistas, como todos aqueles que escrevem e regulam sucessos humanos segundo a ordem dos tempos, não tem outra autoridade e jurisdição, mais que para referi-los ordenados, ajustando-se à verdade das cousas e
30 cômputo dos dias; mas aqueles historiógrafos que se empregam na escritura de uma só acção, como se disséssemos a vida de um príncipe, o sucesso de uma guerra, a relação dos movimentos e transferência de uma república, a estes tais afirmo ser lícito
35 e obrigatório salpicar de sentenças, observações e juízos a sua História, porém com tal siso e mesura, que não seja o esmalte mais que o ouro, sob pena de degenerarem de historiadores a discursantes.

A razão é clara, porque aqueles que escrevem histórias gerais, como Barónio, Eusébio, Pineda, Tar-cagnota, Carrilho e outros semelhantes, com a grande variedade de matérias que nos oferecem e 5 trazem à memória nos ensinam e deleitam, que são os dous honestos fins de toda a lição boa; mas aqueles que só pintam uma acção particular, como nela não possam concorrer as cópias da variedade e estranheza de inventos, que as primeiras Histórias

10 compreendem, é necessário que o que faltou de riqueza à narração supra a erudição em nosso proveito.

Autor. Bem aviados estamos, logo, se nessa delicada balança havemos de ir pesando os Lúcius

15 Flores, Quintos Cúrcios, Suetónios Tranquillos, os Trogos Pompeios, os Justinos, Flávios e Plutarcos, com toda a imensa multidão de historiadores do mundo.

Lípsio. Impossível é essa mostra universal. Ela

20 fique lá para o dia do juízo, e nós demos aqui por curados uns e outros, quando se achem feridos de semelhantes morbos.

Autor. Eis aqui jazem, como mortos, com essou-tros que referistes há pouco, o Cesariense e o Baró-

25 nio; os *Anais* de Marco Antonio Sabélico; Polidoro Virgílio; Eneas Sílvio; Dionísio Halicarnaso; Dion Cássio; Diodoro Sículo; Ferdinando Biondi; Beroso, Caldeu; João de Viterbo; Gio Baptista; Guichar-dino, a Tripartita; os Platinas; Cipião de Pluis Ben-

30 ter; Diogo Beldu, Garibay; Mariana; Zurita; Bavia;

Ilhescas; Blau Brito; Brandão; Faria; Guadelaxara; Castilho; Possevino; Bássio; Turtelinos; Marmol; Herrera; Cabrera; Marulo, Caterino.

2. *Eusébio*: bispo de Cesareia (267-340). — *Pineda*: João de Pineda, historiador espanhol do sec. XVI. — *Tar-cagnota*: historiador italiano do sec. XVI.

3. *Carrilho*: Martim Carrilho, historiador espanhol do sec. XVI-XVII.

129

Quevedo. Tende mão, que, se vos empregais em referir toda essa caterva, nem tão-sòmente para entender os nomes, quanto mais os achaques, temos tempo, mas que vivamos em competência do velho 5 Matusalém. Porém noto que de nossos historiadores castelhanos vos não vejo falar com particularidade, cousa que me cheira a desprezo.

Lípsio. Será porque consta já de conclusões certas e juízos que deles tem feito os críticos. 10 *Quevedo.* E que tal?

Lípsio. Mariana é o mais destro e malicioso; Zu-rita o mais grave; Garibay o mais trabalhador.

Bocalino. Florião do Campo e Lúcio Marneo, com Ambrósio de Morales, em matéria de levantar falsos 15 testemunhos ao mundo, não quisera eu a minha alma com a sua; e, se apertardes muito, nem com a de Fernando de Pulgar, Antonio de Nebrissa, D. Diogo Lopes de Ayala, nem com o mesmo Garcia Dias, porque, escrevendo por mandado de príncipes poderosos e desarrosados, não vemos que fizessem História, mas uma apologia.

Quevedo. Nesses Sòmente cifrastes o número dos nossos famosos!

Lípsio. Já sei que o dizeis pelo *Marco Bruto*, que 25 escrevestes regrado pela pauta do vosso amigo Marquês Virgílio; livro é, que todo o homem sesudo se pode prezar de o haver feito.

Quevedo. Eu sei o que tenho nele e em mim; porém tardais em louvar os beneméritos; e que, se 30 não é cura da virtude, porque a virtude sempre é sadia, é pelo menos sua precaução.

Bocalino. Tendes jeito de vos regerdes pela escola

salernitana, segundo vos ajudais da arte precatória, que nela se ensina contra o parecer dos melhores; 35 porque aquele que sempre se precava, como vive sem confiança, ele por si mesmo se dispõe à vida infelice.

Lipsio. Se supuserdes que vimos aqui Sòmente à

censura e não ao elogio, desculparei que os não façamos a esses para quem os requireis. Contudo, vos direi que o vosso D. Diogo de Mendonça, de quem já nos lembrámos entre os poetas, na sua *Guerra 5 de Granada*; D. Antonio de Fuen-Mayor na *Vida de Pio V*; D. João Antonio de Vera no seu *Epitome de Carlos*, e D. Lourenço Vai de Ilhameno no de *D. João de Áustria*, são livros que dos vulgares poucos lhe podem pôr o pé diante. 10 *Quevedo*. E que me dizeis à *Conquista das Malucas* por Bartolomeu Leonardo de Argensola?

Lipsio. Que a poucos é concedido ser historiador e poeta insigne, tudo junto em um volume.

Quevedo. Ainda tenho razão de queixa por dei-75 xardes de aumentar e procurar a saúde das famosas *Histórias* de Sevilha, de Segóvia e de Granada, com as célebres de Madrid, Toledo e Santiago e, sobretudo, todas as famosas *Antigüidades* de Aldrete. *Lipsio*. Esse clérigo foi doutíssimo e, como a seu 20 livro não dói cousa alguma, é escusado compreendê-lo no círculo dos outros morrinhosos.

Quevedo. Só pela *História de Flandes* vejo ali uma estante ocupada de vários languentes, se m que deles nenhum de vós se apiade. 25 *Bocalino*. Já eu os via e conhecia; mas quem quereis vós que se vá meter entre tais nomes eternos, como há em todos esses historiadores?

Autor. Não! Se vós quereis resolvê-los, ali estão não poucos, que vos darão bastante enfadamento.

30 *Quevedo*. Demos-lhe sequer uma vista de olhos, por ser seu assunto, além da mais grave guerra da Europa, a mais justa de Espanha.

Autor. Ali está Gabriel Altingen, com o seu *Leão Bélguo*, quase importuníssimo diário dos movimen-

6. *D. João Antonio de Vera*: historiador espanhol do sec. xvii.

tos de Flandes; e Manuel Soares, português, com os seus *Anais*, seguidos do secretário D. Antonio Carneiro.

Lípsio. Muita diferença vai de uns a outros; por-5 que meu discípulo Soares foi dos maiores homens do seu tempo e, se não acabara tão malgrado, arrebatara das mãos a glória literária a todos os antigos. *Autor*. Vem D. Carlos Colona e o duque de Carpinano, D. Francisco Lanário. 10 *Lípsio*. Estes dous cavalheiros bem podem correr uma
parelha.

Quevedo. Certo que, se bem lerdos ao Colona achareis uma doce e própria História, como de, homem professor delas, alumiado da ciência militar 15 e experiência do mesmo que escrevia, que vai muito a dizer para os acertos do que se escreve; pois já sabemos, por tradição, que Salústio passou de Roma a Cartago só por ver aquele porto que havia de escrever na *Guerra Jugurtina*. 20

Autor. Ainda faltam os mais célebres. *Quevedo*. Quais são?

Autor. O padre Famiano Estrada e o cardeal Guido Bentivoglio.

Bocalino. Por mais que vós os ajunteis, eles em 25 amor e sentimentos se apartam tudo quanto podem, não se podendo levar em paciência um ao outro. *Lípsio*. É cousa natural pelejar o leão com o tigre, a abada e o elefante, só porque são dous animais valentes e poderosos. Dous engenhos grandes, 30 encerrados ambos na lei de um mesmo assunto, não podiam deixar de competir sobre a
preferência.

Bocalino. Contudo, o Cardeal nos seus *Fragmentos Históricos* maltrata ao Famiano.

8. *D. Carlos Colona* (D. Carlos Coloma): historiador espanhol do sec. XVII.

22. *Padre Famiano Estrada*: historiador italiano do sec. xvii.

23. *Bentivoglio*: historiador italiano do sec. xvii.

Quevedo. E o pior é que razão dá do seu dito.

Autor. Mais queixa pudera eu agora ter que todos, da parte da minha nasção, havendo-se passado tantos historiadores sem se nomear o famoso historiadador português João de Barros, a quem uns e outros estudiosos chamaram, sem medo, o segundo Livio.

Lípsio. Podeis dele prezar-vos à boca cheia, porque, se bem alguns críticos o caluniaram de casual ¹⁰ e quase incivil, pela inteireza com que se não diverte a alguma apóstrofe ou aforismo político, basta que insensivelmente os deixe com grande arte embebidos na narração, pela qual e suas Geografias é eminentíssimo, sendo esta História de Barros uma ⁷⁵ das perfeitas epanáforas que disseram os gregos, quando a História, sem advertência, chegava ao fim de sua acção, havendo de caminho informado aos leitores de tudo o que lhe pertencia.

Quevedo. Não! Quanto é à falta de aforismos ²⁰ políticos, não perdera nada João de Barros, se D. Fernando de Alva e Castro continuara os que dele tirou e imprimiu, das entranhas da primeira

Década.

Bocalino. Buscou-os, sem falta, de margulho, ²⁵ porque eles não aparecem à face do estilo, mas por isto se verifica a observação do outro, que dizia que todo o homem tinha sua graça, se lha sabiam mostrar e lha queriam achar.

Autor. Tende paciência, que eis ali vem entrando, ³⁰ dos nossos, essa esquadra de velhos, com quem nos não autorizamos pouco.

Bocalino. Houvéreis dizer: *e nos enfadamos muito.*

Lípsio. É obrigação ouvi-los. ³⁵ *Autor.* Vede, ali está Gomes Eanes de Azurara,

³⁵ *Gomes Eanes de Zurara* (sec. XV) — «Terceira Parte da Crônica de D. João I»; Crônicas de D. Pedro e

cronista antigo, tão cândido de pena como de barba; Fernão Lopes e Fernão Lopes de Castanheda; Rui de Pina; Duarte Galvão; D. Rodrigo de Lima; Damião de Góis; Garcia de Resende; Duarte Nunes;

5 Antonio de Mariz; Diogo de Couto; Gaspar Estaco; Gaspar Barreiros; o Mestre André de Resende; Fr. Bernardo de Brito; Francisco de Andrade; Diogo de Paiva e seu adversário Fr. Bernardino da Silva; Manuel de Faria; Fr. Antonio e Fr. Francisco Bran-

10 dão; Luís Coelho de Barbuda; o chantre Manuel Severim; Fr. Luís de Sousa; D. Agostinho Manuel e Luís Marinho de Azevedo; D. Gonçalo Coutinho; o Conde da Ericeira e João Nunes da Cunha; porque então andamos os moços por bons passos,

D. Duarte de Meneses; «Crônica do Descobrimento e Conquista da Guiné».

Fernão Lopes (sec. XV): «Crônica de D. Pedro I»; «Crônica de D. Fernando»; «Crônica de D. João I» (1.ª e 2ª parte).

Fernão Lopes de Castanheda (sec. xvi): «História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses»;

Rui de Pina (sec. XV): Crônicas de D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Dinis, D. Afonso IV, D. Duarte, D. Afonso V e D. João II.

Duarte Galvão (sec. xvi); «Crônica de D. Afonso Henriques».

Damião de Góis (sec. xvi): «Crônica de D. Manuel»; «Crônica do Príncipe D. João» (D. João II).

Garcia de Resende (século xv-xvi): «Crônica de D. João II».

Duarte Nunes (de Leão) (sec. xvi-xvii): «Descrição do Reino de Portugal» (1610); «Primeira parte das Crônicas dos Reis de Portugal», etc.

Diogo do Couto (sec. XVI-XVII): «O Soldado Prático»; «Décadas da Índia».

Gaspar Estaco (sec. xvi-XVII): «Várias Antigüidades de Portugal» (1625).

André de Resende (sec. XVI): «História da Antigüidade da Cidade de Évora»; «Vida do Infante D. Duarte»; «A Santa Vida e Religiosa Conversação de Frei Pedro» (1570).

Frei Bernardo de Brito (sec. XVI-xvii): «Monarquia

quando seguimos os passos dos velhos. Todos estes não vem positivamente a se emendar; mas grande sandice seria, se, sabendo que a saúde era chegada à terra, não fossem haver tanto dela, que nunca

5 lhes faltasse.

Bocalino. Bem confesso a travessura do meu gênio, como todos sabeis; mas, sem embargo dele e dela, sou obrigado a confessar e confesso que não foi a natureza nem a fortuna avara com os portu-

10 gueses da glória do engenho; porque tal poeta como vos deu no Camões; tal historiador como em João de Barros; tal orador como em Jerônimo Osório; tal retórico como em Cipriano; tal jurista como em João das Regras; tal escriturário como em Oleastro;

Lusitana»; «Geografia Antiga da Lusitânia»; «Crônica de Cister».

Francisco de Andrade (sec. XVI-XVII): «Crônica de D. João III».

Diogo de Paiva (de Andrade) (sec. xvi-XVII): «Exame de Antigüidades» (1616); «Casamento Perfeito» (1630).

Manuel de Faria (e Sousa) (sec. xvi-XVII): «Epítome de las histórias portuguesas em Europa, Ásia e África Portuguesa».

Frei Antonio Brandão e *Frei Francisco Brandão* (século XVI) foram os continuadores da «Monarquia Lusitana» de Frei Bernardo de Brito.

Luis Coelho de Barbuda (sec. XVII): «Empresas Militares de Lusitanos» (1624).

Manuel Severim (de Faria) (sec. xvi-xvii): «Notícias de Portugal» (1655).

D. Agostinho Manuel (de Vasconcelos) (sec. XVI-XVII): «Vida de D. Duarte de Meneses»; «Successión del Sr. Rey D. Filipe Segundo en la corona de Portugal» (1639).

Conde da Ericeira (D. Fernando de Meneses) (século xvii): «Historiarum Lusitanorum ab anno 1640 ad 1657»; «Vida e acções del-Rey D. João I» (1677).

João Nunes da Cunha (sec. xvii): Vice-rei da Índia. autor do «Panegirico ao serenissimo Rei D. João III». 14. *Oleastro* — pseudônimo de Frei Jerônimo de Azambuja, teólogo português do sec. XVI.

tal teólogo como em Egídio; tal matemático como em Pedro Nunes; tal médico como em Amato Lusitano; tal canonista como em Luís Côrrea; tal pregador como em Antonio Vieira; tal filósofo como 5 Baltasar Teles; tal antiquário como Resende; tal tangedor como Alexandre Moreira; tal músico como João Cordeiro; tal destro como Gonçalo Barbosa; tal compositor como João Soares; tal escrivão como Manuel Barata; tal pintor como Manuel Campeio;

10 tal engraçado como Antonio Panasco; tal cômico como Gil Vicente; tal nobiliário como Manuel Delgado de Matos; tal embaixador como Francisco de Sousa; tal ginetário como D. João Pereira; tal capitão como D. Nuno Álvares; tal rei como D. João

15 o II; enfim, tal santo como Santo Antonio — não vimos que juntos a outra nasção se dessem.

Autor. Agradeço-vos o episódio, ainda que, se foi restituição, vosso será o proveito, por vos não verdes

20 na injúria do moderno João Imperial, que, escrevendo no seu Museu de Varões Ilustres quantos advogados e físicos de meio tostão achou no Estado de Lombardia, só dos varões portugueses não achou algum digno de anexar entre aqueles senho-

25 res.

Lípsio. Neste desatino encorrem todos os que se querem ao mundo introduzir autores de matérias universais; e que vos parece a vós que de nós outros

2. *Amato Lusitano* (sec. xvi-XVII), célebre médico português.

3. *Luís Correia*: notável jurisconsulto português do sec. xvi.

5 *Baltasar Teles* (1595-1675)— Filósofo português. 9.

Manuel Barata: autor de uma «Arte de Escrever» (1572).

Manuel Campeio (sec. xvi): pintor português maneirista do sec. xvi, que se diz ter sido discípulo de Miguel Ângelo. 11.

Manuel Delgado de Matos: jurisconsulto português do sec. xvii.

se queixaram muitos, porque ainda que fossem para fazermos aqui anatomia deles, os não trouxemos a este lugar, sendo que procuramos, mais que ninguém, o nome e remédio de todos. 5 *Quevedo*. Bem diz o *Lípsio*; mas, por agora, não quisera que, a título de miúdos, se nos passassem pelos dedos os livrinhos de meu amigo *Virgílio Mal-vezi*, ainda que algum dissimulado do vulgar ana-grama de *Grevílio Vezalmi*.

10 *Bocalino*. Nem a fama nem a pátria lhe valerá, se eu posso, para deixar de ir muito bem sarjado, porque a liviandade dessa máscara merece gentilís-simos açoutes.

Lípsio. Cura é de doudos e delirantes; a primeira

15 e segunda lhe receitai, e tudo parece que lhe cabe a um homem que, sem quê nem para quê, muda o nome tanto, que logo o direito presume mal daqueles que, sendo uns, se nos inculcam por outros. *Autor*. Porventura que as

ventosas viessem me-

20 lhor aí, por ser mezinha que se aplica às inchações, mal a que este *Marquês* é muito sujeito.

Lípsio. Ora já sei que, por mais velho, sou obrigado a ser a paz da casa, entendendo que não a idade, mas a flegma, natural dos flamengos, é

25 quem me conserva mais igual na turbulência de vossos affectos.

Autor. Pois que nos dizeis agora, em ordem à saúde desse nobilíssimo engenho de Itália? *Lípsio*. Digo-vos que o *Bolonhês* tem altos pen-

30 samentos, proporcionados a seu profundo saber. Passando, porém, ao modo prático de explicá-lo, quanto foi louvável em desterrar a tediosa prolixidade dos italianos, foi repreensível no sincopai estilo que abraçou; donde de ordinário gemem aper-

35 tados os conceitos, calçando muito menos pontos de palavras do que seus pés pediam para se fazerem práticos e inteligíveis ao juízo comum dos homens, para quem se escreve. O *Rómulo*, *Tar-*

quino, David tem a sabida doença deste Marquês.

Quevedo. E que tal? Porque eu, sempre que os vi, me pareceram de saúde perfeita.

Lípsio. Estar sempre em sua História todo o caso 5 suprimido do discurso, e abafado dele, de sorte que, havendo o discurso de servir ao caso, este serve àquele, lendo-se ou adivinhando-se o caso no discurso, o que notavelmente suspende o juízo dos leitores. 10

Quevedo. E da lição, que dizeis?

Lípsio. Que é falsa, como impertinente.

Quevedo. Como julgais do primeiro, que intitula *Sucessos do Ano 39?*

Lípsio. Padece esse miserável volume uma lisonja 15 coral e aludação canina, de que não convalecerá jamais o livro nem o autor.

Quevedo. Pois a *Vida do Conde-Duque*, que sentis dela?

Lípsio. Nessa, acho mais desculpa, porque lhe 20 valeu o posto de conselheiro de guerra, o cargo de embaixador da Grã-Bertanha, honras, comendas e soldos, que lhe soldarão quantas quebras e quebra-duras possa ter a sua fama por todo o mundo, visto que, por muito menos prêmio, canta e bailha e 25 representa um homem, muito contra sua vontade.

Autor. Rogo-vos que, se puder ser, ainda que seja depressa, tomeis o pulso ao nosso bom velho Diogo de Couto, sucessor na *História Oriental* de João de Barros; porque é Diogo de Couto pessoa 30 que não merece o deixemos por incurável, a troco do fraco dispêndio de quatro receitas que se podem gastar com ele.

Lípsio. Não o duvido, porque toda a História nobre é digna de alto preço; e muitas vezes tenho 35 lástima, quando leio, vejo e ouço que um mármore, um madeiro e, quando muito, um metal, por reme-dar um rosto na fé dos padrinhos de um dos nossos passados, valha tão grande maquia na fazenda, e

um livro histórico, donde não já as feições do rosto, mas os affectos da alma se vem tão vivos como nela própria, ao mesmo tempo valham estas estátuas e estatuários tão pouca fazenda. 5 *Bocalino*. Acabai já de dizer aí o que neste passo dizem todos: que a pintura e escultura é História morta, e a História, pintura viva; mas adverti que, se com todos estes velhos nos formos assim de-tendo virá um rancho de potrilhas, que se não aca-
10 bará nunca.

Quevedo. Também eu assim o digo; mas a troco de duas horas mais, não é razão deixar a Diogo de Couto gemendo, e passar adiante.

Lípsio. Ele não tem achaque de perigo, e o que
15 mais o lastima são quatro arranhaduras que lhe deu João Baptista Lavanha, meu amigo, acerca da *quarta Década*; vê mal de um olho, de puro chorar a queima da sua quinta, donde procede a falta do fio das Histórias Orientais, escapando poucos e
20 maltratados volumes.

Bocalino. Também aí com ele se devia queimar a obrigação, respeito e curiosidade dos que podiam, pois, sendo-lhes fácil fazer nova edição por um desses exemplares, lhe passou isso por alto.

25 *Quevedo*. Se eu do livro e do autor não tivera tanto conhecimento, persuadira-me a que sucedera, neste caso, o que a certo compositor, meu contemporâneo, que, fazendo um livro mau que se lhe não gastava, fez diligência com o bispo, a que lho man-
30 dasse recolher sob graves penas, as quais ainda não bem eram públicas, quando já o livrinho se gastava às punhadas.

Bocalino. De longe nos vem a gulodice do vedado.

35 *Autor*. Reparai que o cronista Lavanha parece

16. *João Baptista Lavanha* (1556-1625): cosmógrafo português e cronista-mor do Reino.

que está e fica queixoso de o não fazeres digno de um reparo, e sendo dos beneméritos do seu século.

Bocalino. Esse homem não acabei de conhecer 5 nunca; e, suposto que o nome me parece transalpino, nunca acabou de mostrar donde era; lá se enxeriu em Portugal e achou quem o favorecesse.

Autor. Não. Quanto é se por aí ides nesses sinais, bem me parece estrangeiro, porque, a ser português, 10 eu vos fico que, por mais ele soubesse outro tanto do que sabia, e por mais cego que fosse, não acharia em Portugal quem lhe fizesse carreira.

Quevedo. Teve em Castela boa opinião de suas letras e costumes. 75 *Lípsio.* Com justa causa, porque dou fé que era varão doutíssimo nas ciências e faculdades humanas, sobre que o engenho não foi liberal nem ditoso.

Bocalino. Vós vedes o que lá vem de velhos covados, tossindo e arrojando os pés. Esta gente 20 se faz com terra ou se vai desfazendo nela tudo quanto pode.

Autor. Já sei quem são, ainda que os vejo de longe. O primeiro é Gomes Anes de Azurara. Fernão Lopes e o de Castanheda, Rui de Pina e 25 Duarte Galvão, os dous Resendes, Luís Coelho, Castilho, Amaral e Toscano.

Bocalino. Oh! Que cousa lá vem!

Quevedo. Antes entendia eu que triunfáveis com o arcebispo Juliano Paulo Osório, o arcebispo 30 D.

Rodrigo da Cunha, D. Lucas de Tui e o invisível D. Raimundo Ortega, tão mentado dos vossos modernos antiquários.

Lípsio. Senhores, antes que alguém nos re-

25. *Os dous Resendes:* Garcia e André de Resende.

30. *D. Rodrigo da Cunha* (1577-1643): prelado português, governador do Reino antes da ascensão de D. João IV ao trono.

preenda, saibamos que lugar havemos de dar aos maus autores, já que assim foi que, entendendo vínhamos a visitar um hospital, nos achamos com um mundo inteiro de enfermos. Estes senhores his-5 toriógrafos devem dar lugar a que os mais se venham chegando, porque daqui donde estou, estou vendo a mais de dous mil jurisconsultos, amarelos como cera, bom testemunho do mal que trazem dentro dos corpos. 10 *Bocalino*. Mais depressa será do sobressalto, vendo-se ser julgados os que se criaram para juizes.

Quevedo. Isso será, porque esta tal gente não é a que mais depressa mostra no rosto mal que tem no coração. 15 *Lípsio*. Aqui dizia eu, senhores, se vos parecesse, devíamos nós aplicar todos os remédios e estudos, porque na saúde destes livros consiste a saúde da república, e a vida muito mais.

Quevedo. Bom fora, se eles quiseram receber 20 leis. Eu apostarei que não há livro dessa faculdade, o que mais está para dar conta a Deus, que não diga pode vender saúde e disposição boa pelas praças, e que os mais em sua comparação são uns sandeus contagiosos. 25 *Lípsio*. Vem-lhe da grandeza do exercício de sua faculdade, sempre encaminhada ao grande fim do regimento, moderação e conservação da República.

Autor. Reparo em que lhe chamais faculdade, 30 e não ciência.

Lípsio. Chamar a uma pessoa o nome que lhe não pertence é uma cortês injúria, porque muitos passam alegremente. Eu chamo a cada um pelo seu nome e não pelo alheio, suposto que a vaidade dos 35 homens se tem destemperado de sorte, que cada qual se acha acanhado e estreito em seu próprio nome ou ofício.

Bocalino. Dizeis bem, e lhe sucede uma galante

cousa a esses marmanjos, a qual é que eles logo de contado se envilecem o novo grau ou exercício que possuem e, como estranhos de essoutros a que aspiram, nunca se afirmam nele; de sorte que nos 5 deixam certos do mal, e do bem incertos, como que entendem tem feito grande negócio.

Autor. Estou esperando resposta do que vos perguntei, e com escrúpulo não quisera se divertisse por ora a outros sujeitos a conferência.

W Lípsio, Não quisera que me obrigásseis a começar por Aristóteles, suposto que o tenho por mestre, mas por ser princípio que muito me enfada. Contudo, bom é levar a candeia diante. Olhai! Haveis de saber que a ciência é a segura e imóvel certeza

15 que mora em nossas almas, de alguma cousa ilustre, útil e honesta; continuam em hábitos intelectuais, que jamais caduquem em nosso entendimento, nem sejam sujeitos a algum acidente. Esta é a definição da ciência, que mais ou menos claramente

20 assinam os sábios. Por esta causa, há no mundo poucas ciências, ainda que ao comum entender toda a doutrina que se aprende e ensina parece ciência, cujo nome só cabe onde há certeza e evidência.

FIM